ANNO XXX. N. 38.

Por 3 mezes adiantados 4,000.
Por 3 mezes vencidos 4,500.

QUIUTA FEIRA 16 DE FEVEREIRO DE 1854.

Por Anno adiantado 15,000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPÇAO'.

Recife, o proprietario M. F. de Faria; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins; Bahia, o Sr. F. Duprad; Maceió, o Sr. Joaquim Bernardo de Mendonça; Parahiba, o Sr. José Rodrigues da Costa; Natal, o Sr. Joaquim Ignacio Pereira; Aracaty, o Sr. Antonio de Lemos Braga; Ceará, o Sr. Victoriano Augusto Borges; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Pará, o Sr. Justino José Ramos.

CAMBIOS.

Sobre Londres 28 1/4 a 28 3/8 d. por 1$000
« Paris, 340 a 345 rs. por 1 f.
« Lisboa, 95 por cento.
« Rio de Janeiro, a 2 por 0/0 de rebate.
Acções do banco 10 0/0 de premio.
« da companhia de Beberibe ao par.
« da companhia de seguros ao par.
Disconto de lettras de 11 a 12 de rebate

METAES.

Ouro. —	Onças hespanholas.	28$500 a 29$000
	Moedas de 6$400 velhas.	16$000
	» de 6$400 novas.	16$000
	» de 4$000	9$000
Prata. —	Patacões brasileiros	1$930
	Pesos columnarios.	1$930
	» mexicanos	1$800

PARTIDAS DOS CORREIOS.

Olinda, todos os dias.
Caruarú, Bonito e Garanhuns nos dias 1 e 15.
Villa Bella, Boa-Vista, Exú e Oricury, a 13 e 28.
Goianna e Parahiba, segundas e sextas feiras.
Victoria, e Natal, nas quintas feiras.

PREAMAR DE HOJE.

Primeira ás 7 horas e 42 minutos da manhãa.
Segunda ás 8 horas e 6 minutos da tarde.

AUDIENCIAS.

Tribunal do Commercio, segundas e quintasfeiras.
Relação, terças feiras e sabbados.
Fazenda, terças e sextas feiras ás 10 horas.
Juizo de Orphãos, segundas e quintas ás 10 horas.
1.ª vara do civel, segundas e sextas ao meio dia.
2.ª vara do civel, quartas e sabbados ao meio dia.

EPHEMERIDES.

Fevereiro 4 Quarto crescente as 8 hora, 18 minutos e 48 segundos da tarde.
» 13 Lua cheia as 4 horas, 14 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 20 Quarto minguante as 8 horas 25 minutos e 48 segundos da manhãa.
» 27 Lua nova as 2 horas, 20 minutos e 48 segundos da tarde.

DIAS DA SEMANA.

13 Segunda. S. Gregorio p. ; S. Catharina de reis.
14 Terça. S. Valentim m. ; Ss. Auxencio e Ef.
15 Quarta. Trasladação de S. Antonio ; S. Jovita.
16 Quinta. Ss. Porfirio, Samuel e Jeremias mm.
17 Sexta. Ss. Polycronio b. ; e Secundianno mm.
18 Sabbado. S. Theotonio 1.º Prior de S. Cruz.
19 Domingo. da Sexagesima (Estação a S. Paulo) S. Conrado f. ; S. Gabino m. ; S. Alvaro.

PERNAMBUCO.

Pajeu' 2 de fevereiro de 1854.

Bem esteril seria esta quinzena, se, contra toda a expectativa, segundo o estado clamoroso de fome e peste com que lutamos, não tivesse tido lugar, no dia 23 do mez findo, a tão desejada reunião do jury deste termo, que, na falta d'outras occurrencias dignas de serem mencionadas, tem fornecido alguns dados para não interrompermos as nossas relações. Tendo sido submettidos ao conhecimento do jury onze processos, em que se acham pronunciados, por diversos crimes, quatorze individuos presos, vou dar-lhe conta do resultado dos julgamentos de cada um desses processos.

No mesmo dia 23 foi condemnado a um mez de prisão e multa correspondente a metade do tempo o réo Paulo Soares, processado por offensas physicas, e appellado da precedente sessão. No dia 24 foram condemnados José Pereira Caloête a quatro annos e meio de galés, por crime de roubo, feito a João Antes, e José Gomes a um mez de prisão e multa correspondente a metade do tempo, por offensas physicas, feitas a uma sua concubina; tendo este, na vespera do julgamento quebrado a fiança, por não achar-se presente na occasião da chamada. No dia 25 foi absolvido pelo jury, e appellado pelo Dr. juiz de direito, o réo Florencio Antonio de Carvalho, processado e accusado pelos crimes de morte e roubo perpetrados na pessoa de Manoel Francisco; e no dia 26 foi condemnado a 20 annos de galés o réo Antonio Marianno, socio e co-réo de Florencio na mesma morte e roubo de Manoel Francisco, e no mesmo processo, tendo sido separados os julgamentos a requerimento do advogado do mesmo Florencio.

No dia 27 entrou em julgamento o réo Francisco Alves da Silva, conhecido por cascavél, accusado de ter dado um tiro em um correio de Ouricury para o roubar: o réo provou com testemunhas achar-se, no dia e as proprias horas do delicto, a distancia de duas leguas do lugar, onde elle foi perpetrado, e por isso foi absolvido. No dia 28 sendo julgados os réos Manoel José de Araujo e Cypriano Barboza, processados e accusados por terem assistido com José Antonio Pereira ao acto da resistencia, feita pelo mesmo, ao subdelegado de Baixa-Verde, donde resultaram quatro mortes e ferimentos, foram absolvidos pelo jury, e o primeiro destes réos appellado pelo Dr. juiz de direito.

No dia 30 foi conduzido a barra do tribunal o réo Antonio Joaquim, pronunciado na morte do padre Joaquim José de Veras; imputação, que os principaes amigos do assassinado affirmam ser falsa: o accusado foi unanimemente absolvido pelo jury, e appellado pelo Dr. juiz de direito. No dia 31 foi julgado o réo Carolino Ozorio da Silva Campos, accusado de ser um dos autores da morte de Antonio Borges: o indiciado provou com 5 testemunhas estar doente, em sua casa, na occasião em que o delicto se perpetrou, e foi absolvido.

O mez de fevereiro entrou com os julgamentos de Antonio Cleto e Manoel bebe-agua que tiveram lugar no dia 1: Cleto accusado de furto de cavallos, e Bebe-agua de ter morto a um individuo a quem uma patrulha, de que elle fazia parte, fora prender por ordem do subdelegado de Baixa-Verde, foram ambos absolvidos pelo jury, e appellados pelo Dr. juiz de direito. Hoje finalmente foram julgados Antonio Joaquim Leite Brasil e seu irmão Benedicto, accusados de serem autores dos tiros dados em Izidoro José da Silva Mascarenhas: os réos provando com 3 testemunhas de vista estarem em lugar diverso, e distante do do delicto foram absolvidos pelo jury, e appellados pelo juiz de direito, que deu por finda a sessão.

Os réos foram deffendidos, a saber: 1º, 4º, 6º, 10, 13, e 14 pelo Sr. Dr. Estevão de Albuquerque Mello Monte-Negro; o 2º 7º e 8º pelo Sr. professor Joaquim Gonçalves Ayres; e o 3º, 5º, 9º, 11 e 12 pelo senhor Luiz Gomes Burgada.

Posto que a minha humilde opinião se não compadeça com todas as decisões deste tribunal, de algumas das quaes sou obrigado a discordar, por me parecerem pouco ajustadas ao principios de justiça e equidade, comtudo consagro tanto respeito as opiniões alheias, maxime ós de um tribunal de consciencia, em cujo juramento a lei deixou quasi toda a sua responsabilidade, que me não atrevo a entrar na apreciação de cada um dos seus julgamentos; e limitando-me apenas a dizer-lhe de passagem, que o maior numero de suas decisões pareceu-me justo, devo ser franco em acre[...]tar, que o tribunal do jury, que tão consideravel melhoramento apresenta hoje em todo o paiz, sob os auspicios do actual governo, tem neste termo lançado tambem a sua pedra na grande obra da punição dos criminosos, em que a ignorancia e outras inhabilitações, que o podiam desviar da senda da justiça, o privem de desencarregar a sua consciencia de um modo satisfactorio a lei e a razão. Devo fazer esta justiça ao jury de Villa-Bella, porque lendo o resultado dos trabalhos do jury de muitas provincias do imperio, não vejo que nenhum mostre maior zelo e severidade na punição dos delictos; para o que muito tem concorrido a severidade e zelo do actual juiz de direito, o Sr. Souza Leão.

Graças aos céos, ja se acha bem provido de chuva este Pajeú. Desde o dia 17 do mez passado, que as chuvas vizitaram alguns lugares desta comarca, tanto neste termo, como no de Tacaratu' e Inzazeira. Até nesta villa, onde ha 23 mezes estavamos privados de ver uma boa chuva, tivemos uma noite d'agua do dia 23 para 24, que alguns a equipararam a todo o inverno do annofindo. Romperam-se as cataratas do céo pela madrugada desse dia, e cahio tão grande copia de chuva, que deixou a terra completamente farta por muitos dias, com indisivel alegria de todos os que aconsideram como a unicataboa de salvação, na crise em que nos achamos. Os lavradores correram denovo, e mais esperançosos aos seus trabalhos agricolas; e se alguns queixumes ainda se notam, no meio do geral prazer, são motivados pela continuação dafome, e pela falta de semente para plantação, quenão apparece por preço algum.

Ao amanhecer o dia 30 deu outra batega d'agua, e foi seguida de tanta chuva no mesmo, e nos seguintes dias, que ha uma persuasão geral de que o inverno está comnosco. Noticias de Ouricury nos dão aquella comarca como muito chuvida, e ainda dahi as pessoas velhas e praticas tiram argumento em favor do nosso inverno.

Esquecia-me dizer-lhe que o delegado de policia mandou collocar uma força na povoação de Flores, sob as ordens de um alferes. Nenhuma alteração tem havido nesta quinzena a respeito da tranquillidade publica; a excepção unicamente de um ajuntamento armado, que se diz ter havido no termo de Ingazeira, de pessoas alli residentes, as quaes foram a Alagôa do Monteiro, provincia da Parahyba, onde fizeram alguns insultos.

Não sei se por fome, ou pelo máo habito, que ainda he peior, está tão desenvolvido o furto entre nós, que tenho tido minhas cautelas, com receio de que me não furtem. Rara he a noite em que os ratoneiros não invadem os apriscos, mesmo dentro desta villa, e não alliviam os donos das cabras, ovelhas e outras criações do trabalho d'as apascentar. Tem chegado a audacia a ponto de sangrarem e tirarem a pelle desses animaes, dentro dos proprios curraes dos donos: faça idéa se não tem sido bem fundados os meus receios, trancando-me logo cedo, e só abrindo a porta da minha cabana alto dia!

(Carta particular.)

JURY DO RECIFE.

1.a sessao' no dia 15.

Presidente, o Sr. Dr. Alexandre Bernardino dos Reis e Silva.

Promotor publico, o Sr. Dr. Abilio José Tavares da Silva.

A's 11 horas, feita a chamada, acharam-se presentes 37 Srs. jurados, faltando sem causa justificada os mesmos dos dias antecedentes, e mais os abaixo declarados, ultimamente sorteados.

José Gonçalves da Silva Bastos.
Leandro Ferreira da Cunha.
José Victorino de Lemos.
João José de Farias.
Antonio José Rodrigues de Souza.
Alferes Luiz Gomes Ferreira.
Joaquim Duarte de Azevedo.
Nicoláo Tolentino de Carvalho.
João José Gomes.
Joaquim Teixeira Peixoto.
Francisco Antonio Ferreira.
Joaquim José de Abreu Junior.
José Jacome de Araujo.
Miguel Correa de Barros.
Manoel Rodrigues do Passo.

Foram relevados das multas por apresentarem escusa legitima os senhores:

Dr. Luiz Lopes Castello Branco.
Luiz de França Mello Junior.
Luiz Antonio Vieira.

Por haver numero legal foi aberta a sessão, e sendo apresentados pelo Dr. juiz municipal da segunda vara, convenientemente preparados os seguintes processos, que pela data das pronuncias foram distribuidos pela maneira seguinte:

Relação dos processos que são submettidos a julgamento na primeira sessão judiciaria do jury do Recife no anno de 1854.

Fevereiro.

16 Um, summario crime, autor a justiça, réo Francisco do Rego Barros—Preso.

17 Dous, idem dito, réo Epifanio, escravo—Preso.

18 Tres, idem dito, réo Ricardo da Costa Serafim—Preso.

20 Quatro, idem dito, réo Herculano Filippe Evangelista—Preso.

21 Cinco, idem dito, réos José Antonio da Silva e Bernardo Tavares Coutinho—Presos.

22 Seis, idem dito, réo José Joaquim dos Santos—Preso.

23 Sete, idem dito, réos João dos Reis Gomes e o pardo Izidoro—Presos.

24 Oito, queixa, autor José Gomes Ferreira e Silva, réo Felix Corrêa de Oliveira—Preso.

25 Nove, summario, autor a justiça, réos Filippe Nery de Souza e Christiano Francisco de Paula—Presos.

27 Dez, idem dito, réo Manoel José Barbosa—Preso.

28 Onze, idem dito, réos Miguel Corrêa de Barros, dous afiançados—Presos.

Março.

1 Doze, idem dito, réo João Antonio Francisco dos Santos—Preso.

2 Treze, summario crime, autor a justiça, réos Antonio de Souza Marinho e João Ribeiro de Brito—Presos.

3 Quatorze, idem dito, réo Antonio Germano de Barros—Preso.

Quinze, idem dito afiançado, réo Cosme Damião da Silva—Afiançado.

Dezeseis, idem dito, réo Domingos Lins de Albuquerque—Afiançado.

Dezesete, idem dito, réo Francisco Antonio Alves Mascarenhas—Afiançado.

Dezoito, idem dito, réo João Mauricio de Souza—Afiançado.

Dezenove, idem dito, réo José Pereira de Souza—Ausente.

Em seguida feita a chamada dos réos e testemunhas, deixaram de comparecer algumas destas, bem como o autor José Gomes Ferreira da Silva, que pelo juiz lhe foi imposta as penas da lei.

As 2 horas ½, achando-se a hora adiantada levantou-se a sessão, ficando adiada para o dia seguinte as 10 horas da manhãa.

REPARTIÇAO' DA POLICIA.

Parte do dia 15 de fevereiro.

Illm. e Exm. Sr.—Participo a V. Exc. que das partes hoje recebidas nesta repartição, consta terem sido presos: a ordem do subdelegado da freguezia de S. Antonio, o capitão da guarda nacional Domingos Adolpho Vieira de Mello, e o pardo Manoel Francisco, ambos para averiguações policiaes; e á ordem do subdelegado da freguezia da Boa-Vista, Francisco José de Souza, sem declaração do motivo.

Deos guarde a V. Exc. Secretaria da policia de Pernambuco 15 de fevereiro de 1854.—Illm. e Exm. Sr. conselheiro José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da provincia. —O Dr. chefe de policia da provincia, *Luiz Carlos de Paiva Teixeira.*

COMMUNICADOS.

Questao' do patacho Arrogante.

III.

Em nosso ultimo artigo publicado no *Diario de Pernambuco* n. 30, impresso alguns dias depois de o havermos apromptado e mandado para a typographia, promettemos aguardar o desfeicho das negociações diplomaticas na corte de Lisboa, para onde havia seguido em commissão especial a individualidade, que se inculcava nosso contendor sob o signal *velho portuguez*, segundo dera a entender nas ultimas palavras da correspondencia, a qual nos referiamos, por que a lealdade com que travamos a *luta arrogante* nos impunha o dever de não atacar pelas costas o nosso *velho adversario*. Mas um ministro de Deos ahi vem recomeçar as hostilidades, assignado *cura da minha terra*, o qual despe as vestes sacerdotaes, e enroupa-se na tunica profana da intriga e da chicana, e ei-lo entrando como Pilatos no credo, ou *mordomo por devoção* no campo do desafio para *fazer a festa* com as leis vigentes transcriptas no seu joven afilhado *Cosmopolita*, novo astro despontado no horizonte de Pernambuco, para regenerar d'uma só vez os Portuguezes presentes e futuros. Oh! Quem pode, pode!

Pondo a parte as trivialidades e grosserias do *reverendo campeão* relativamente a sua pretendida resposta ao nosso artigo I, cumpre dizer-lhe, que todas as instituições existentes fundam-se no que disseram os mortos, os quaes quando escreveram eram vivos, e tão vivos como hoje he sua Rvm.ª, que não está isento *simili modo*, de que amanhãa diga ao seu rebanho,—ja não vive o cura da minha terra! Escreveu—muitas falsidades e sandices sobre a questão do patacho *Arrogante*, mas emfim foi-se e bateu as portas do—*cavalleiro de profundis!— Requiescat in pace, per omnia secula seculorum! Amen!!* Ora, se *o bom cura*, que por ora nada he, e nem póde ser comparativamente, a Kluber, Martens e Wheaton não quererá, que os outros appliquem á sua *santidade* quando partir desta para melhor, aquillo mesmo que applica a esses escriptores; como se mordeu e ficou tão zangadinho por ter a ovelha do seu rebanho escarafunchado os mortos? Bofé que V. Rvm.ª não tem um ceitil de razão, no quanto disse e avançou em sua *santa homilia Cosmopolita*! Permitta lhe façamos ainda uma observação, e he, que todas essas leis que regulam as funcções do corpo diplomastico desde os primeiros agentes até os mais secundarios, como os consules, acham-se escriptos debaixo de outra forma nos livros, producto de grandes homens, os quaes haviam morrer um dia, por isso que eram homens, porem creia, que com elles não morreu a verdade eterna, immutavel atravez dos seculos, e independente das circumstancias de tempo, lugar e pessoas etc.

Compulsai v. g. a guia diplomatica de Martens, e encontrareis ahi as mesmas attribuições dos agentes consulares, escriptas em outros termos essas disposições legislativas dos differentes paizes, por consequencia esta o *cura da minha terra* accommettido da monomania, que atacava o *velho portuguez* de sonhar, emittindo opiniões—*sui generis*,— porque só assim, ou por meio de pilherias e ditos improprios de *um bom pastor* da nossa terra conseguirá fazer alguns proselytos contra o Sr. Dr. Joaquim Baptista Moreira, consul de S. M. F. nesta provincia.

Sem perder porem o caracter de gravidade que uma vez imprimimos, unico que convém aquelle, que não procura torcer a verdade, e muito menos illudir, entremos na apreciação do communicado *pastoral*, que no amor proprio do autor deveria fazer tanta bulha e abalar a convicção dos que leram o primeiro artigo do—*novo portuguez*! Todos os seus argumentos se reduzem a legislação vigente, e está simplesmente ao decreto n. 855 de 8 de novembro de 1851,—regulando as isenções e attribuições dos agentes consulares estrangeiros no imperio, e o modo porque se hão de haver na arrecadação e administração das heranças de subditos de suas nações—dado o caso de reciprocidade—nos artigos 14 e 15.

O primeiro destes artigos dispondo—que aos agentes consulares *pertence tomar conhecimento, segundo os seus regulamentos, dos delictos commettidos a bordo dos navios da sua nação por individuos da tripolação uns contra os outros durante a viagem*, referem-se ao alto mar que o direito das gentes reputa territorio da nação, sob cuja bandeira se praticaram as acções criminosas, e neste caso apenas chegue o navio ao districto consular, o agente respectivo deve sindicar do facto, tomar delle conhecimento de conformidade com as instrucções e regulamentos do seu governo, e requisitar a autoridade territorial, competente auxilio e força precisas para fazer effectiva a prisão do tripolante insubordinado, uma vez que julgue esta providencia um meio de correcção, afim de evitar a repetição destes actos: he a letra fiel do citado artigo 14, combinado com o artigo 16 do mesmo regulamento, que no artigo publicado no *Cosmopolita* não transcreveu muito de proposito.

Determinando porem o artigo 15, que a jurisdicção criminal e policial dos agentes consulares quando os navios mercantes se acharem dentro de qualquer dos portos do Brasil, não se estende aos delictos graves etc., ou que por qualquer modo possam perturbar a tranquillidade publica, ou affectar particularmente a qualquer habitante do paiz, limita a jurisdicção do consul ás offensas leves commettidas no territorio do Brasil nas palavras *navios mercantes*, para concluir os de guerra, aos quaes se estende o poder judiciario do estado a que pertencem, ainda que estejam fundeados em algum porto de paiz estrangeiro.

Na primeira hypothese he visto que o decreto n. 855 restringe as attribuições dos agentes consulares a colher as provas do delicto grave commettido durante a viagem; isto he, no territorio da nação do autor, ao qual somente he applicavel a pena imposta pela legislação e tribunaes do seu paiz, a menos que nos termos—*tomar conhecimento*—empregados pelo art. 14 não se queira entender o poder de julgar! A excepção resalvada no fim do mesmo artigo, reservando o julgamento dos subditos brasileiros, que por ventura façam parte das tripolações dos navios estrangeiros pela autoridade brasileira, confirma o principio geral de Direito das Gentes que enunciamos anteriormente, que o poder judiciario de cada estado independente extende-se ás offensas contra suas leis, praticadas por seus concidadãos em qualquer parte ou lugar, e com maioria de razão no proprio territorio.

Conseguintemente a violação da lei portugueza no territorio portuguez pelo nosso concidadão João dos Santos he punivel pelas leis e tribunaes do nosso paiz, cabendo ao consul de S. M. F. enviar ao seu governo os documentos comprobatorios do facto offensivo das portarias de 9 de agosto de 5842, e de 11 de outubro de 1853, e especialmente na conformidade da circular de 8 de outubro do mesmo anno, a qual de modo mui claro e expresso determina que apenas ao capitão infractor será imposta uma multa—*naquelle reino*.

Na segunda hypothese, porém, a do art. 15, o decreto faz extensiva a jurisdicção criminal e policial dos agentes consulares aos delictos leves, os quaes como deve saber o *Cura*, não tiram a sua criminalidade da immoralidade do facto, e da intervenção do agente, são méras contravenções aos regulamentos do commercio e navegação, e reprimidas pelos consules dos paizes estrangeiros, como agentes commerciaes, e não em virtude do direito de impôr penas que não tem. Logo he inaplicavel a questão do patacho *Arrogante* o tal aarralfbio do *Cura da minha terra*, o qual lançou uma injuria ao ministro brasileiro, acreditando-o capaz de confeccionar um regulamento em que investisse aos consules estrangeiros do poder de processar e julgar dentro do imperio seus compatriotas, por crimes commettidos no territorio da sua respectiva nação, sem que haja a este respeito tratado especial com o Brasil. Vê-se pois á toda a luz, que o *Cura da minha terra* foi injusto para com o consul portuguez, quando disse no seu *Cosmopolita* que elle *devia saber e ter bem atadinho ao dedo a legislação do seu paiz para não dar sincas*.

Conjuramos ao *bom cura* a declarar-nos a que bibliotheca, ou velho archivo de secretaria esta confiada essa magica legislação? E advertimos que não continue a *dar sincas* em direito escripto; e a especular com citações de artigos que não vem ao caso, ou nada resolvem em prol dos freguezes, porquanto, he bem possivel que estes vendo que S. Rvm.ª não corrige as sincas, principalmente na invenção *do—cumpra-se*— pelas autoridades brasileiras, tratem de procurar outro advogado para deffender a *parochia*.

Não menos injusto foi o *bom cura*, quando disse que o *novo portuguez* negou aos consules outros direitos, que não os de collocar armas e a bandeira da nação em suas portas. Dissemos, e persistimos em affirmar, que os agentes consulares de paizes christãos não imprimem caracter publico propriamente dito; assim como que por direito das gentes suas immunidades e distinctivos limitam-se á collocar armas e arvorar o pavilhão nacional; e se o *cura* se der ao trabalho de reflectir um pouco, sem consultar os *bacamartes*, ha de concordar comnosco—que direitos, distinctivos, ou immunidades são cousas profundamente differentes e distinctas.

Com a mesma injustiça e scepticismo conclue o *sermão*, contestando ao Sr. Moreira o facto de S. S. ter scientificado ao governo portuguez os acontecimentos do patacho *Arrogante*, e de haver acompanhado a sua participação dos documentos e mais provas da criminalidade de João dos Santos. Tanta injustiça, quanta vontade de querer metter o nariz na casa alheia!! Não queira o *bom cura* aventurar juizos temerarios, e a todo custo querer entrar no conhecimento do expediente, e do que se passa no consulado portuguez em Pernambuco, porque a tanto não chega nem chegará a sua jurisdicção. Aguarde com paciencia e calma a volta dos enviados, e a resolução do governo de S. M. F., a questão do patacho *Arrogante*, que o mesmo fará pela sua parte.

O novo portuguez.

P. S.—Fica respondida com o artigo ácima, a correspondencia deste *Diario* de 11 do corrente, do mesmo *cura* por ser uma segunda edição do *Cosmopolita* mais resumida, e menos correcta.

Quanto a primeira pergunta, recorra o *padre cura* ao artigo 82 do regulamento n. 129 de 31 de janeiro de 1842, cabendo neste caso ao consul portuguez, a protecção que prestou aos seus patricios vindos sem passaportes no patacho *Despique de Beiriz*, os quaes foram soltos por intervenção do mesmo consul. E quanto a segunda, remecha os archivos das secretarias da policia, e do governo desta provincia que talvez lá encontrará o que deseja. Com tudo, se não o satisfazerem estas respostas, tem bom remedio; isto he, que os embaixadores tomem contas, peçam satisfação ao governo de S. M. F. destes factos, os quaes devem constar das secretarias de estado dos negocios estrangeiros, e da marinha. *Requiescat in pace*, o *padre mestre—cura. Amen. O novo portuguez.*

Reflexo'es sobre a creaçao' de uma escola theorica e pratica de agricultura na provincia.

Para que o homem exista he indispensavel, primeiro que tudo; que haja de que se alimentar; e posto que elle seja omnivoro, comtudo he sempre vegetal a base de sua alimentação. No homem selvagem, que domina grandes extenções de terrenos, poder-se sustento abundante, quer animal quer vegetal mas onde o homem pelo seu numero, ou exiguidade de espaço, não pode subsistir da producção expontanea da natureza, necessario se torna, que elle auxilie essa boa mãi, rasgando-lhe o seio, e ajudando-a a produzir em mór abundancia para sua subsistencia.

Tornando-se as necessidades do homem numerosas, em razão do estado da sociedade, e seu progresso; não podendo ellas ser satisfeitas pelos immediatos, meios ao alcance de cada um, preciso foi, que o homem procurasse aliunde modos de satisfazellas: mas não possuindo esse homem, alem dos productos da terra, tratou de os augmentar, de os melhorar, e deste excesso, dando-o em troca, soccorreu suas novas precisões, creando assim tambem o commercio.

Com o augmento do genero humano, com o seu desenvolvimento e civilisação, augumentaram-se as necessidades, cresceram as difficuldades de prove-las, foi preciso forçar o natureza a produzir mais e melhor; as apuradas indagações, as experiencias, final mente o martyrio das faculdades humanas, tudo em laborio, produzio segredos e meios de obrar com que se obtiveram melhoras consideraveis. Estas indagações e experiencias, porém, cada vez mais trabalhadas e desenvolvidas, constituiram a agricultura na cathegoria de sciencia. Reduzida pois a agricultura a sciencia, ella foi estudada com esmero e applicada na maior parte dos paizes civilisados, com tal proveito que fez sobresahir, da quasi obscuridade em que se achavam, nações consideraveis; paizes ingratos ou estereis, tornaram-se productivos e prosperos, e os seus habitantes abastados e felizes.

A America do Norte, por exemplo, tendo sido colomnisada, fez por muito tempo da agricultura sua exclusiva occupação, e aproveitando os melhoramentos conhecidos, tirou d'ahi tão grande consideração e força que a ella só deve a prosperidade que disfructa, tendo-se tornado por esse meio uma das principaes nações do Globo.

Portugal colomnisando o Brasil, tratou somente por tempos, de fazer a terra produzir alimentos para seus habitantes, e os generos, que então convinham ao commercio europeu: introduzindo no Brasil a agricultura, com ella lhe trouxe os meios até então conhecidos, meios pouco avançados dos primitivos; e foi assim, que de recente época para cá, o arado tão antigo no mundo, começou a ser admittido neste imperio, e somente na grande agricultura. Os productos que então continham ao commercio, são ainda hoje os mesmos cultivados no Brasil, com pequenas excepções: entretanto que dispendemos muitos milhões em productos estranhos, e que podemos colher em nossa terra. Daqui facilmente se pode deduzir um argumento poderoso contra a opinião daquelles, que pretendem lubrigar na industria fabril uma necessidade, uma superioridade de beneficios para o Brasil, em detrimento da agricultura. Porventura o trigo em farinha e seus diversos fabricos, a cevada, o centeio, milho, feijão, etc., etc., não nos absorvem annualmente muitos milhões, e não vale o cultivo destes generos o beneficio de muitas fabricas? He inegavel esta verdade.

Possuindo os melhores fructos e mais apropriados, com tudo nenhum vinho, cydra ou cousa semelhante fabricamos, em quanto que compramos por alto preço os peores vinhos da Europa e diverses beberages, a mor parte, não só nocivas como fataes á saúde. Provincias ha, as do norte principalmente, onde se pode exportar maior abundancia de vinho, de cajú mangabas e annanaz, do que produz e exporta o reino de Portugal, com a differença em nosso proveito, que nenhum trabalho custará em tempo algum o amanho e trato dos furctos mencionados, que a natureza expontaneamente produz.

Sobe de ponto a nossa incuria, quando nas edificações empregamos o pinho, trazido do estrangeiro em portas, janellas, soalhos e forros, entretanto, que as nossas preciosas madeiras ao abrigo dos incendios e do cupim, deixamos consummir em carvão, em vez de semearmos, de as multiplicarmos e conservarmos as que nasceram sem o nosso concurso. Em poucos annos essas madeiras preciosas desapparecerão para sempre, se o actual systema prevalecer.

Esses pinhos, que nos trazem das regiões habitadas desde o principio do mundo, ninguem se persuada, que são cortadas em matos agrestes nascidos ao acaso, elles são semeados, cultivados, e uma vez cortados, o solo he desmanejado e novamente semeado; aliás a Europa, ao menos nas vizinhanças das costas, ha seculos, não possuiria uma unica acha de lenha para acender.

Muitas madeiras, boas para queimar, possuimos nós de prompto crescimento, que avaltudos lucros produziriam, mormente nas cercanias dos grandes povoados, aproveitando-se vastas extensões de terreno desapproveitado e improprio para outras especialidades: dessas mesmas madeiras, proprias para edificações e construcções, muitas existem de apressado crescimento, que seria de grande utilidade cultivar-se.

A agricultura ensinada e praticada segundo os conhecimentos actuaes, traria alem dos melhoramentos infalliveis ao generos que actualmente nos occupam, como multiplicariam o numero desses generos dariam emprego a muitos braços descupados subsistiram infinitos generos que compramos ao estrangeiro, e augmentariam nossa riqueza e prosperidade. Como porém quanto sabemos e quanto fazemos, he o quanto sabiam e faziam nossos avoengos, sem nada mais tera crescido, he indispensavel que aprendamos dos que se achama adintados em conhecimentos theoricos, e praticos he indispensavel que entremos na escola, e comecemos do primeiros rudimentos.

Não sou eu só que de muito clama pela creação de uma escola theorica e pratica de agricultura, outros muitos e capacidades transcedentes se tem empenhado e escripto a respeito, e d'ahi alguma cousa tem resultado, e assim tanto na côrte do imperio e mesmo em Maranhão, sabemos creadas sociedades de agricultura. Comquanto a utilidade que resulta dessas sociedades seja consideravel, entretanto acreditamos que muito mais produziriam se fossem destinadas ao ensino publico da parte pratica; e assim por esta lado aligeirariam as despezas do estado, a quem somente então incumbiria fundar e alimentar a escola theorica.

A consideração em que devemos ter esta provincia, que ella merece, e de que ella goza foradaqui: a circumstancia de ser ella agricola no seu mais vasto emprego, nos obriga a clamarmos incessantemente pela creação de uma sociedade de agricultura, que tenha por objecto a fundação de uma fazenda normal, onde não sómente se trate de cultivar as diversas especialidades apropriadas ao solo e clima, como aclimatar outras, melhorar as que possuimos, educar novas raças de animaes, e melhorar das que já temos, nella fazer executar as industrias principaes para as edificações reaes, como q uesirva de escola pratica para aquelles que tiverem cursado da escola theorica, completando assim o curso inteiro da sciencia e arte. Tão solicito o governo como tem sido, creando em duplicata academias de sciencias juridicas, de medecina militares, etc., por certo não se amesquinhara em crear um curso de agricultura nesta provincia, onde o collegio das artes não só já faculta muitos preparatorios, economisando-se assim essa despeza, como que já creados de muitos annos, não tem essa parte do ensino de soffrer os enconvenientes de creações novas. As cadeiras a crear, limitam-se por tanto a uma de agricultura, outra de technologia, duas da arte veterinaria, alem das cadeiras de chimica, de phisica, de historia natural e de grego, que ja existiram nesta provincia, e por não serem ligadas a um curso especial, foram supprimidas por falta de concurrencia.

Duas são as objecções que se tem imaginado a um curso de agricultura assim creado, a primeira falta de concurrencia e por isso innutilidade de semelhante instituição; e a segunda muita importancia para a provincia de Pernambuco, quando a corte do imperio não possue igual estabelecimento. Responderemos, em quanto a primeira, que uma vez que se conceda o bacharellato, a esta como as outras faculdades, que se tem fundado no imperio, a concurrencia de adeptos, talvez será maior do que para as outras sciencias; porque se o agricultor, o proprietario rural, mandando o filho para o curso de agricultura, estiver certo, que além dos conhecimentos apropriados para o genero de vida a que o destina, elle se habilita para a diplomacia e parlamento, he indubitavel, que elle não preferira nem as sciencias juridicas, nem a medicina, nem curso militares; mormente tendo elle diante de si um exercito de bachareis jurisconsultos e medicos, sem meios de emprego e por tanto de subsistencia, azar este, que todos os dias avulta mais, sendo além disso o curso de agricultura mais amplo do que os outros por habilitar o individuo, não só para a agricultura como para a physica, a historia natural nos seus differentes ramos, donde derivam varios modos de vida para a chimica e por esta a fundação de laboratorios de grandes resultados n'um paiz abundante de productos naturaes, e onde um só não existe: para a pharmacia, para a arte veterinaria etc., etc. Responderemos a segunda objecção, que tendo-se creado duas academias de sciencias juridicas e uma academia militar, nenhuma destas foi fundada na corte, onde apenas existe uma academia de marinha, e outra de medicina, que se no imperio existe uma provincia cuja agricultura seja limitada e ha de ser por seculos, ella he sem duvida a provincia do Rio de Janeiro que se acha circumscripta ao laborio do café, porque o seu clima e solo a nenhuma outra cultura em grande he apropriada e de interesses equivalentes, mas assim como os alumnos do Rio de Janeiro vem a Pernambuco ou a S. Paulo estudar as sciencias juridicas, com muito maior interesse virão os que se dedicarem a agricultura estuda-la em Pernambuco, adquirindo assim em razão do solo e do clima, conhecimentos mais variados. Ultimamente porque na corte não ha abacachis, mangabas, e sapotis d'ahi não se segue que deixemos de cultivar estes fructos.

Não devemos pressendir por mais tempo de promover a creação de uma sociedade de agricultura e encarregarmos nossos prestantes concidadãos de requererem e concorrerem na assembléa geral para a creação do curso theorico, para o que não fallecem meios a esta provincia, em demazia prodiga na quota annualmente paga para as despezas geraes do estado. He tempo de aprendermos o unico officio, que nos dá pão; he tempo de aperfeiçoarmos as nossas faculdades e fazer valer os dons com que a providencia nos mimoseou. Vieram nossos pais em tempos menos difficeis, porque então os braços empregados abundavam, por menos da quarta parte do custo actual, e este mesmo estado ha de cedo acabar. Então as necessidades que o trato civil e o luxo tem creado, eram até de nome desconhecidas, e consequentemente as despezas eram tão pequenas com o pessoal das familias que por mal e pouco que se trabalhasse muito se amontoava e economisava. Por falta de crescente de braços insupriveis para a cultura da canna, he indispensavel crear-se novos productos tanto para a pequena agricultura actual, como para a grande agricultura, que em poucos annos definhará em excesso por aquelle motivo.

Os meios de irmos acautelando esse futuro medonho, a nosso ver consiste em crear-se o curso theorico de agricultura que temos lembrado e uma sociedade de agricultura que estabeleça, proteja e dirija a escola pratica da mesma sciencia.

A utilidade he tão palpitante, que temos a convicção de que não haverá um só agricultor que não se apresse a vir inscrever-se no registo, ou matricula dos socios, por isso que nenhum se julgara prejudicado pela modica joia de vinte mil réis, e a mensalidade de dez tostões, com que vai contribuir para um estabelecimento que pelos seus resultados fará avultar os interesses geraes, e consequentemente os interesses individuaes dos socios, alem da gloria que provém a provincia de uma creação digna de sua cathegoria. Não he somente dos agricultores que esperamos a coadjuvação, nós a reclamamos de todas as classes da sociedade; porque todas ellas dedurem pro-

FOLHETIM.

O PARAIZO TERRESTRE. (*)

(Por Mery.)

I

(Continuação.)

Nos mares da India [...] belleza das noites permitte aos passageiros vigiar [...] dormir no convez. Lietor assentou-se ao pé de um [...] mastro, e fazendo signal a Bernardino para que t[o]masse lugar junto delle, disse-lhe:

— Dormiremos, qu[a]ndo o sol nascer; as estrellas estão brilhantes vigiem[os] e conversemos em voz baixa. Os mastrosteem o[u]vidos debaixo das velas.

— Aqui não ha gag[e]iro, respondeu Bernardino; os marinheiros estão n[a] prôa. Estamos sós, e podemos fallar. Já fiz minh[a] ronda.

— Conversaste muit[o] tempo com aquelle passageiro?...

— Sim, Noel Bella...

— He um toto, não h[e], Bernardino?

— Um imbecil, sim.

— Provavelmente in[terrogaste]-o sobre a casa do Natal?

— Sim; fiz mal?

— Não; tiveste razão [...] sobretudo se o interrogaste com prudencia.

— Oh! eu não int[e]rrogo nunca de outra maneira.

— E com que fim interrogaste-o sobre essa casa?

— Por curiosidade.

— Mentes, Bernardino.

— He verdade, minto... interroguei-o com o intento de ser util ao senhor.

— Muito bem!

— O senhor desejava ter à letra de quinhentos e noventa francos, comprehendi-o, e comprehendi tambem que queria ter mais. O habito de viver com o senhor dá a intelligencia.

Bernardino repetia essa phrase a Lietor com leves variantes.

— Eis, dize-me o que soubeste para ser-me util?

— Pouca cousa... Esse Noel Bella falla uma hora sobre o que não interessa, e nem um minuto sobre o que interessa. Para arrancar delle uma boa phrase he preciso devorar um carregamento de anil, de café, de arroz, e quando elle começa he impossivel fazê-lo parar.

— Sabemos sempre o nome do proprietario da casa?

— Seu nome está na letra.

— Ah! justamente... não li a letra.

— Chama-se Mauricio Saverny, um crioulo francez sobrinho do rico Lagnier, que todos conhecemos.

— Ah! he um Francez, disse Lietor com um falso sorriso.

— Sim, tornou Bernardino, mas um Francez bem pouco perigoso; um Francez pacifico como um Hollandez de Porto-Natal; um Francez que não caça, nem canta, nem dansa e nem ri: um Francez creado por dous Inglezes. Oh! se fosse um Francez verdadeiro, como ha tantos em Bengala, eu não lhe aconselharia que o tomasse por amigo.

— És o demonio, Bernardino! disse Lietor rindo. Como sabes que quero toma-lo por amigo?

— Expliquei-me mal, porém comprehendo-me bem, tornou Bernardino com uma malicia engenhosa. O senhor adevinhou que a mulher delle não era sua verdadeira mulher...

— Ah! interrompeu Lietor, elle não he casado!

— He tanto quanto o senhor e eu... A mulher que vio na fazenda he uma escrava velha.

— Que dizes? uma escrava velha que tem vinte annos apenas?

— Sim, ha vinte annos que ella he escrava; porque nasceu na casa. Moça como mulher, velha como escrava, sei muito bem o que digo.

— E esse Mauricio Saverny faz presentes de cem piastras a uma escrava? disse Lietor; isso não he possivel! Contaram-te uma historia da carochinha.

— Ah! então o senhor não conhece os Francezes! Se soubesse como elles zombam desses preconceitos! Tenho conhecido Francezes que teem casado com suas escravas.

— Bernardino, creio que és o demonio. Tudo o que me dizes não tem sombra de senso commum, e todavia causa-me uma emoção estranha.

— Muito me alegro, senhor, disse Bernardino com uma graciosa bondade. Julga que seja-me agradavel vê-lo morrer de aborrecimento e a fogo lento, em sua idade, com seu espirito, sua riqueza, seus talentos!

— Mas, interrompeu Lietor, se me enganas descaradamente e de proposito para dar-me uma emoção, erras o alvo; se me divertes com um sonho, serei furioso contra ti ao despertar. Dize-me de quem soubeste todas essas particularidades sobre a fazenda? Suspeito-te de tê-las inventado. Foi realmente o passageiro Noel Bella que informou-te tão bem?

— Sim, senhor Adriacen.

— Foi elle que te disse que Mauricio Saverny era um Francez que queria casar com a escrava?

— Elle não me disse claramente; mas deu-me a entender.

— Sabes, Bernardino, que minha vida começa hoje que acabo de descobrir em mim uma cousa séria, uma paixão talvez, e que tuas mentiras podem matar-me?

— O senhor ja fez-me comprehender tudo isso, tornou Bernardino; o habito de viver com Vmc. me...

— Oh! estou enfadado de ouvir essa phrase! interrompeu Lietor. Contenta-te de dizê-la comtigo, porém não m'a repitas mais.

— Bem, tornou Bernardino, acabou-se. Deixe-me obrar. Entraremos no *Paraizo-Natal*.

— Não percas a letra de cento e vinte piastras.

— Ella está aqui na algibeira pregada com quatro alfinetes. He o meu passaporte para entrar em casa do crioulo cioso. Já vê que naveguei bem.

— Sim, mas he preciso chegar ao porto, ouves, Bernardino?

— Havemos de chegar, senhor Adriacen.

— Agora deixa-me dormir até Santa-Luzia; vou sonhar longamente com o *Paraizo-Natal*.

— E eu velarei para formar meus planos.

— Bernardino, se formos bem succedidos não serei ingrato.

— Oh! eu o conheço, senhor Adriacen. Sou bem pobre, e tenho necessidade do reconhecimento dos amigos.

— Tens espirito, quando queres tê-lo, Bernardino.

— Hei de querer muitas vezes, senhor Adriacen, se isso puder ser-lhe util.

— Bernardino, faze-me feliz, que eu te farei rico.

— O senhor toma a tarefa mais facil; todavia hei de experimentar.

Lietor adormeceu sobre um montão de pannos alcatroados, e Bernardino dirigio-se lentamente para a prôa, encostou-se ao cabrestante, cruzou os braços, e mergulhou-se em reflexões ardentes, que afugentaram-lhe o somno até ao alvorecer do dia.

II

A fazenda que recebêra de seu primeiro proprietario inglez o nome de *Paraizo-Natal*, tornara-se na posse de Mauricio Saverny um verdadeiro Edem. Ahi respirava-se nas horas quentes do dia esse encanto suave que dá a frescura das arvores e das aguas dos climas do sol.

A habitação parecia feita de uma só pedra aroxeada, em torno da qual havia duas ordens de balaustres de páo sandalo, donde sahiam seis kiosques com cortinas de ganga.

A intelligencia do joven colono havia preparado em torno dessa morada um labyrintho vegetal de galerias, salas, corredores, circulos e chadrezes de abobada, e guarnecidos pelas largas folhas de palmeiras, embalsamados pelas flores dos nespereiros, das magnolias e dos yangs, banhados por fontes, regatos e cascatas, cujas aguas vivas corriam em uma bella sombra como a branda côr da'tarde.

Milhares de passarinhos livres tinham escolhido esse palacio de verdura para seu viveiro natural, e nada era tão suave ao ouvido e ao coração como esse concerto de cantores invisiveis, essa continua melodia do ar unida ao susurro das aguas, e a voz solemne do mar vizinho, a voz do oceano indio.

Mas essas bellas arvores, essas flores do tropico, esses cantos de passarinhos, essas fontes vivas, esse rumor do oceano, todas essas maravilhas da poderosa natureza africana nada são, se um pensamento de amor ou de fé christãa não lhes dá vida e alma, graça e encanto.

No quadro dessa creação viviam um homem e uma mulher, os quaes já entrevimos um instante quando o acaso de uma navegação mui tranquilla entregou os segredos intimos do *Paraizo-Natal* aos passageiros de um navio de Santa-Luzia.

Nesse momento o joven colono e sua mulher saboreavam a frescura desse crepusculo artificial no verde labyrintho debaixo de um sol invisivel, que illumina o cimo das arvores e o tecto da habitação.

Mauricio lê uma obra de Bernardino de Saint-Pierre, a *Viagem em torno da ilha de França*, e depois de uma passagem terna, a moça interrompe a leitura dizendo ao marido:

— Eis uma bella descripção, Mauricio; vejo daqui esse canto de rochedos e de mares de que falla o autor. Como isso he selvagem e risonho! como he recolhido! Enxergam-se as conchinhas e as flores marinhas no fundo dessa agua transparente. Se tivessemos alguma cousa tão bonito aqui, quereria banhar-me todas as tardes depois do sol posto.

— Elora, minha amiga, disse Mauricio com tristeza, não te terei mais nada.

— E porque, Mauricio? perguntou a moça com um sorriso que brilhou como um raio debaixo de seus cabellos d'ouro.

— Porque tenho ciume de todos os teus desejos, respondeu Mauricio; porque cada leitura desperta em ti o gosto das viagens. Elora, minha amiga, viajar he desacreditar a propria casa.

— Oh! que idéa, Mauricio! mas todos viajam!

— Todos desacreditam sua casa.

— Então, Mauricio, não iremos nunca lá vêr essa ilha, que tem um nome tão doce, essa ilha de França onde viveram Paulo e Virginia, ou a ilha de Bourbon, a qual dizem que he bella como a ilha do Paraizo?

— Não, Elora, nunca... Sabes o que he bello no mundo? He o céo, o sol, o oceano, nossa casa e tu. Tudo o mais não existe..... Ouve-me, querida mulher..... tu deste-me um momento de tristeza..... de horrivel tristeza...

— Que momento? interrompeu a moça com emoção.

Ella levantou-se vivamente, approximou-se do marido, apertou-lhe as mãos, e uma lagrima brilhou em seus olhos de saphira avelludada.

— Vou lembrar-te o momento tornou Mauricio. Era no mez passado, estavamos assentados á beira do mar, e tu me vias, e eu só via a ti: era uma tarde divina, o coração nadava-me em delicias, eu temia mesmo fallar-te para não perturbar com minhas palavras a alegria ineffavel desse instante...

— E que houve? perguntou a moça assustada com a interrupção subita do discurso do marido.

— Espera... tornou Mauricio com um esforço contido. O mar estava tranquillo como esta fonte... um navio passou diante de nós; mas tão perto da praia, que podia ler-se seu nome escrito em lettras d'ouro na pôpa... Teus olhos deixaram de ver-me... eu continuava a ver-te... Tua distracção foi mui longa; sentias um prazer quasi culpado em seguir com a vista o andar lento desse navio indio todo cheio de viajantes, que iam para um paiz desconhecido; e eu, Elora, soffria muito porque adevinhava teu pensamento. Desejas-te ser do numero daquelles felizes passageiros, e correr os acasos de sua viagem; desejas-te seguir o vôo daquelle navio, quér elle parasse no cabo d'Ambar, na ponta de Madagascar, quér prolongasse sua carreira até Ceylão ou Coromandel... Digo-te ainda com tristeza, minha querida Elora, desacreditas tua casa, esta casa que tenho tido o cuidado de fazer tão bella, afim de que teu pensamento não ousasse desejar nada melhor.

— Mauricio, disse a moça com um desses sorrisos femininos, que applacam todas as tempestades, Mauricio, adevinhaste meu pensamento desse dia, confesso-te com franqueza; mas quando sonho uma dessas viagens he sempre comtigo, e com minha mão na tua que quero fazê-la. Esse sonho não separa-me jamais de meu marido.

— Sim, meu anjo, disse Mauricio, eu te creio; mas esse sonho leva-te para o meio de um mundo, do qual quero fugir. Uma viagem mistura-te com a multidão e com os perigos da sociedade, entrega-te a admiração dos outros homens, e pode fazer nascer em tua joven cabeça a embriaguez do amor proprio, da casquilharia e do orgulho...

— Não te comprehendo, tornou Elora apoiando os cotovelos de marphim nos joelhos, e o queixo de agatha nas mãosinhas abertas, e encarando fixamente o marido.

— Ah! não me comprehendes! disse Mauricio; pois bem! essa linguagem, que não comprehendes hoje, as viagens te ensinariam bem depressa, e quero que a ignores sempre... Dize-me, Elora, quando a curiosidade, que he o sexto sentido das mulheres, deixa-te em repouso, podes desejar alguma cousa aqui? Julgo ter prevenido o menor de teus caprichos; julgo ter creado em roda de ti um paraizo terrestre; tenho-o embellezado com as cousas mais lindas espalhadas por esse globo, e que encontram-se aqui a primeira vista. Tenho reunido nesta habitação todas as maravilhas de Deos, e dellas te tenho feito presente. Desejar mais he uma falta primeira, que começa duvidas sobre a serenidade de meu futuro; he lançar um primeiro olhar de cobiça para o fruto da arvore do bem e do mal; he offender a Deos; he merecer o desterro.

Essa reprehensão era dirigida a moça com o acento de uma brandura angelica; Elora abaixou os olhos, apertou as mãos do marido, e tomou uma attitude tão resignada, que Mauricio arrependeu-se de ter-se mostrado tão severo, e julgou dever dar algumas explicações como para desculpar-se de um abuso de poder.

Ha mulheres tão habeis em uma discussão de interior, que parecem submetter-se a uma ordem tyrannica com uma tocante docilidade, e essa ordem que seria mantida diante de uma revolta, he logo revogada diante da mentira de uma submissão. Essas scenas engenhosas tão bem representadas nas altas espheras da civilisação conjugal, eram desconhecidas na fazenda do *Paraizo-Natal*. A mulher de Mauricio era sincera em sua submissão.

— Minha querida amiga, continuou elle, não he um absurdo capricho que me faz fallar assim. Bem sabes que devo minha riqueza a meu tio, um dos homens mais venerados entre os mais sabios agricultores de Bengala. Meu tio experimentou em sua vida muitas desgraças mysteriosas, que occultou-me, e que dizia serem hereditarias... Hereditarias! Jamais comprehendi que desgraças fossem hereditarias como doenças; porém prometti seguir seus conselhos para evitar essas estranhas desgraças. Meu charo Mauricio, disse-me elle cem vezes e a ultima no leito de morte, meu charo Mauricio, deixo-te uma bella fortuna e uma habitação deliciosa; formei-te um casamento com uma moça criada comtigo desde menina, e que não conhece nada das cousas deste mundo, como se tivesse vivido sempre em um deserto. Colloquei-te ao abrigo da necessidade funesta de frequentar as cidades e os homens; preparei-te a ventura, e tudo te deixo. Não compromettas essa herança, e morro contente, porque parece-me que serei feliz depois da morte....Eis o que disse-me esse excellente tio; comprehendes, meu anjo, que tenho graves deveres a cumprir, e que has de ajudar-me a satisfazer as intenções do homem generoso, a quem devemos nossa felicidade.

Estas ultimas palavras de Mauricio deram uma viva emoção a juvenil e linda Elora. Duas lagrimas correram-lhe pelas faces, e essa resposta tão expressiva, posto que muda, encheu de alegria o marido.

O som de um sino perturbou a doce meditação dos dous esposos; não era a hora em que o criado comprador voltava de Porto-Natal, só um estranho podia tocar a sineta da porta da habitação, e esse som longinquo, quando era ouvido em certos momentos do dia, causava sempre alguma emoção a Mauricio e a mulher.

Dous pequenos cães inglezes, cujo instincto corajoso era empregado na destruição dos reptis precipitaram-se para a porta dando gritos agudos, e o escravo que ia abrir teve necessidade de toda a sua autoridade de porteiro quando quiz reprimir o zelo desses guardas muito vigilantes, para deixar entrar o estrangeiro.

Este era um mancebo de semblante brando e sereno, o qual trazia um largo chapéo de manilha, e vestido de riscado grosso. Elle levava como um mercador ambulante um pacote suspenso na extremidade de um bastão, e as primeiras palavras que pronunciou com certa difficuldade de orgão foram estas:

— O senhor Mauricio?

— He meu senhor, disse o servo; que quer Vmc. com elle?

— Quero fallar-lhe... sobre um negocio muito importante.

O estrangeiro depoz tranquillamente o pacote, tomou um lenço de seda e enchugou a fronte e o rosto innundados de suor.

— Faz um calor terrivel! acrescentou elle, e era preciso uma necessidade das mais graves para obrigar-me a caminhar com esse sol furioso... Então não me ouviste?

— Sim, ouvi; mas não pode-se fallar a meu senhor, he impossivel.

— Oh! para mim não, tornou o estrangeiro; teu senhor deve-me dinheiro, e um devedor deve sempre receber seu credor. Demais espero refrescar-me um pouco; estou ouvindo um marulho defronte, que faz-me vir agua a bocca. Tenho uma sede de leão.

A leve gaguez e o sorriso que acompanhavam estas palavras davam-lhes certa graça, que produzio seu effeito sobre o servo inexoravel.

— Espere um instante aqui, disse elle, vou tomar as ordens de meu senhor.

Bernardino, o qual os leitores já devem ter reconhecido, procurou um abrigo a sombra e assentou-se para esperar a volta do negro.

Estas palavras de civilisação *devedor e credor* fizeram estremecer Mauricio quando ouvio-as resoar em seu paraiso terrestre. Elle voltou-se para a mulher, e disse-lhe depois de uma longa reflexão:

— Que devemos fazer?

— Devemos fallar-lhe, respondeu timidamente a moça, dissimulando o prazer que causava-lhe um incidente todo novo. Essa sensação escapou ao marido.

— Um homem ao qual devo dinheiro! disse elle olhando para a abobada das arvores; não devo nada a ninguem!... Meu banqueiro Luiz Soubet paga tudo por mim.

E dirigindo-se ao criado:

— Como he esse estrangeiro? Já viste-o outra vez? he moço ou velho?

— Nunca o vi, respondeu o negro; he um mancebo que tem cabellos ruivos e parece mui fatigado da viagem...

— Bem o creio! interrompeu a moça com o acento da sensibilidade, vir de tão longe ao meio dia! Não he caridoso deixa-lo assim a porta sem offerecer-lhe um copo de vinho de Constança...

— Tens razão, disse Mauricio, sobre tudo se he um credor, como diz... Xavier vai introduzi-lo, aqui o espero...

Um luzir de satisfação brilhou no rosto de Elora: era a alegria infantil da moça no convento, quando dão-lhe uma distracção vinda de fóra.

— Ah! estou ancioso, dizia Mauricio passeiando apressadamente, estou ancioso por vêr esse homem e saber de que maneira devo-lhe dinheiro.

(Continuar-se-ha.)

(*) Vide *Diario* n.º 37.

MUTILADO

ILEGÍVEL

veitos, maxime o commercio, cuja fonte he sem duvida primeiro que tudo a agricultura.

Não esboçaremos o quadro inteiro de productos novos e melhoramentos que provirão da idéa que emittimos, porque seria longo e fastidioso, reduziremos aquelles que primeiramente avantajam. Temos pois em frente os productos alimenticios, os productos da terra. Os cereaes, a cultura do trigo em todos os paizes he considerada como a mais util e productiva; ella he a base de todos os valores, e com que muitos estados se alimentam, tanto pelo consumo como pelo commercio, que fazem do excedente.

No norte da Europa, a Russia e a Polonia, e parte da Hungria. No centro as provincias ribeirinhas do Dannbio e Mar-Negro. Na Africa o Egypto e Marrocos. Na America os Estados-Unidos. Esta ultima potencia alimenta a maior parte do seu commercio com este producto; pelo qual nós mesmos lhe somos tributarios de muitos milhões annualmente. Ao cultivo do trigo não nos podem abjectar insuficiencia de solo ou clima: porque infinitos exemplos podemos apresentar de subjeitos que nesta provincia e na da Parahiba cultivaram o trigo com grande proveito e por longa serie de annos comeram pão de lavra; acontecento até que em lugar dos mais ingratos para qualquer lavoura, isto he a campina grande na Parahiba, um creador comia e vendia pão e bolacha todo anno, de trigo por elle cultivado naquelle paiz um dos mais seccos da provincia; e para o qual não he preciso só um inverno prolongado, como este exemplo convence.

Quanto dizemos do trigo, por maioria de razão, podemos dizer do centeio, da cevada e dos outros gramineos. Uma consideravel porção da Europa se alimenta com a batata vulgarmente chamada ingleza, mas oriunda da America, alimento aliás mais saudavel do que a farinha de mandioca.

Este producto vem admiravelmente neste paiz e além de outras qualidades possue aquella de não carecer manipulação para ser empregada no sustento do homem, ou do bruto, pois cosida ou assada se acha preparada como comida perfeita, e sem dependencia de outro adubo; qualquer terreno he sufficiente para uma boa colheita, e o seu tracto e amanho não demanda grandes cuidos nem despezas.

Lugares em que não se dá a mandioca, em razão de escassez de invernos, podem completar o desenvolvimento deste precioso vegetal que nunca perderá por superabundante. O arroz de sequeiro, variedade obtida ha pouco tempo da India, e que além de produzir nos lugares altos e seccos, tem comsigo a conveniencia de não alimentar, nem desenvolver as intermitentes, etc., que o arroz commum alimenta e desenvolve, tornando-se assim muitas vezes mais apreciavel do que o arroz que temos. Em quanto a plantas, tinctorias, a rubica e o anil, aquella inteiramente nova, mais esta já uma vez cultivada e de grande proveito; a cochonilha o açafrão bastardo e outras. Especiarias, o cravo, a canella, a nozmuscada, a pimenta da India, o cardanismo, o cravo do Maranhão, o pichouri, a baunilha. Tudo isto além dos generos que temos, que podemos melhorar e cultivar em grande; servindo tudo não só para o alimento e emprego em grande do paiz; como em muita copia para exportar e ampliar as especulações commerciaes.

Em quanto aos productos animaes além do grande numero de aves, que não possuimos e podemos obter muitos quadrupedes precisamos, que absolutamente não possuimos, como sejam os bufalos, os bisões, o camellos e dromedarios, os alces do Cabo da Boa Esperança, as gazellas, zebras, cabras d'angora, carneiros do Cabo, vaccas do Imaús, bois do Coromandel, além dos cavallos arabes, normandos e urcos, vaccas flamengas, irlandezas, e tourinas, merinós, etc., etc., dos quaes alguns concorrerão para aperfeiçoar-mos as raças que temos.

Accresce ainda que esta sociedade não trará sómente beneficios á agricultura, mas também correrá para outras muitas industrias, que se acham na dependencia da agricultura, como sejam o fabrico da cal, da potassa, da pedra artificial, tijolo, telha, louça ordinaria, serraria d'agua, moinhos para reduzir a farinha, os cereaes, tratamento do linho e canhamo etc., etc. Não se poderá comprehender a industria completa do assucar, porque excluiria a possibilidade de outras industrias, attendendo que sómente para as machinas seriam absorvidas e talvez não bastassem os fundos provaveis da sociedade, exigindo essa industria, além do terreno extenso, avultados edificios e numerosos braços que ainda agora não podem ser substituidos por braços livres: sendo não obstante a cultura da canna de suas diversas variedades, ensaios de melhoramento e diligencias de obter especies novas por meio de sementeiras da comprehensão desta escola.—*F. Menna C. da Fonseca,*

O primeiro elemento da grandeza e civilisação de um povo he sem duvida o commercio, que adquire sommas immensas de vantagens, debaixo de qualquer ponto de vista, que possa ser considerado, e depois que, auxiliado por esse poderoso agente, o mais bello triumpho do espirito humano, elle póde apagar as distancias e approximar os povos; seus beneficios e seus triumphos são tanto maiores e importantes, quanto mais vasto he o circulo em que se derrama a sua actividade. A grandeza espantosa e o poder colossal da Inglaterra, e o crescimento notavel nessa estrada de progresso e de civilisação, em que se empenham as mais nações da Europa e da America, he sem duvida o brilhante e lisongeiro resultado proveniente sobretudo desse trafico intimo e familiar, que contribue poderosamente para a felicidade dos estados. Por isso he que abrem-se canaes, escavam-se portos, aprofundam-se rios, erguem-se pharóes, e a incansavel actividade dos governos e suas forças disponiveis combinam-se e empregam-se em facilitar e destruir todos os embaraços, que porventura podem tolher e retardar sua marcha progressiva. A missão do seculo XIX he grande e gloriosa, e nada menos he que trazer a grande familia humana á participação de seus thesouros. A sua senha—progresso—echoa por toda a parte, e os povos a esse brado de animação se levantam cheios de vida e de futuro para esse grande festim!

As exposições de Londres, de Dublin, de New-York, e a de Paris, annunciada para 1855, são os lisongeiros ensaios e as mais solidas garantias do triumpho de sua missão, e muito embora troveje ainda nesse momento o canhão nas margens do Danubio, seu silencio ha de ser ainda o triumpho da idéa do seculo!

Qual he a posição do Brasil nesse vasto movimento que se agita no mundo? Tem elle permanecido por accaso estacionario, ou se tem deixado levar pela correnteza desse movimento? De certo que a resposta não se faria esperar de qualquer, a quem fosse feita semelhante pergunta. Podemos dizer que, depois de alguns annos, o imperio quasi que conta uma victoria todos os dias. Não somos nós que o dizemos; dizem os estranhos; diz o espirito de associação, que se tem desenvolvido entre nós; dizem esses bancos commerciaes, essas companhias de navegação a vapor, as relações mais frequentes que temos com o estrangeiro, a consideração que lhe merecemos, o conceito que temos conquistado, as estradas de ferro, a telegraphia electrica em via de execução, etc., etc.

Não era possivel que o Brasil preso, assim dizer ao velho continente da Europa, e tomando parte no banquete da civilisação, deixasse de sentir o choque dessa força expansiva, que impelle os povos no caminho do aperfeiçoamento. Era mister que elle desconhecesse a importancia e o valor real dos immensos recursos, que em si tem, e lhe asseguram a mais invejavel posição entre as nações do mundo; era mister não presentir esse brilhante futuro que o aguarda, para que se deixasse ficar estacionario no meio delles.

Esse movimento geral do imperio se subdivide no desenvolvimento parcial de cada uma de suas provincias. Todas ellas seguem o impulso civilisador e progressivo. A provincia de Pernambuco não fica parada e muda espectadora do adiantamento de suas irmãas. A vida, a animação, o progresso tambem nella fecundam, tambem dão esses fructos, que se procura multiplicar. Melhoramentos das vias de communicação com o centro da provincia, por meio de excellentes estradas, que se estão construindo; caminhos de ferro ja projectados, e cuja execução não tardará muito, contrução de caes, aformoseamento da cidade, melhoramento do porto, tudo isto revella não só os resultados rapidos do progresso, senão tambem a iniciativa e o concurso decidido e constante do governo.

Com effeito, em sua solicitude pelo desenvolvimento grandioso da provincia, elle acaba de dar uma prova, mandando examinar as costas da provincia e obter conhecimentos topo-hydrographicos da costa, de seus portos, de suas barras, de seus rios navegaveis. Para esta commissão o governo da provincia encarregou a um dos mais distinctos e intelligentes officiaes da armada, o Sr. tenente Vital de Oliveira, ja bem conhecido por outros trabalhos desse genero, como sejam os dos baixos de D. Rodrigo e navegação por dentro dos baixos de Coruripe, entre o rio de San-Francisco e Maceió, e por ter feito parte na planta que se levantou das Ilha dos Abrolhos.

Que vantagens não recolherá uma parte do commercio da provincia com esses trabalhos? Não será porventura mais um elemento que virão offerecer a sua prosperidade? Seja o que for, a verdade he que a navegação costeira muito terá de agradecer esses beneficios que lhe fazem, e tendo um conhecimento mais exacto e perfeito, tal como resulta de um applicado estudo das costas, das barras e dos portos, ella se ha de desenvolver e tomar incremento. Fazendo sempre bem ao paiz he, que nos levantamos, tambem, para rivalisarmos com as nações civilisadas na razão relativa de nosas forças; assim he que mostramos as nossas mais nobres aspirações pela grandeza da patria porque a religião que lhe professamos se traduz nessa palavra magica —progresso—, e essa expressão contem para nós um futuro inteiro de gloria!

* *

Louvor das lettras e da leitura de livros bons, demonstrando por semelhança de cousas phisicas, dedicado humildemente a estudiosa juventude brasileira, pelo anonimo assignado.

Por lettras entendem-se todas as sortes de doutrinas que ensinam os lentes, ou aprendem os estudiosos; sendo portanto a leitura um exercicio que faz-se lendo e meditando em alguma cousa com attenção.

Flores.—Como as flores semeadas, e cultivadas com arte em um delicioso jardim, ou colhidas por gentil mão em ramalhetes, e collocadas em vasos nas salas servem para o cheiro, e bem assim para o ornamento das casas, das camaras e do jardim; igualmente as lettras, as doutrinas e a multiplice erudição estudiosamente cultivada nos bons livros para o fim de ornar o coração e o entendimento, he não só um bello e odorifero ornamento para a pessoa, de mais a mais he de uma grandissima vantagem para a familia, e para o estado a quem ella pertence.

Jardim.—He por esta causa que, entre um estado em que as lettras estejam em todo o seu apreço, e abundem os litteratos, e outro em que sejam ellas despresadas, ou haja poucos ou nenhum litterato póde estabelecer-se a differença que passa entre um ameno e delicioso jardim e um horrido e esteril terreno plantado de zimbros: no primeiro, por toda a parte vê-se a ordem, a simetria, e a belleza sempre conjuncta com o proveito que tira-se delle: ao tempo, que no outro tudo vai com a vontade da natureza, abrolhos inuteis e pungentes espinhos formam o o ordinario covil de serpentes venenosas; assim se passa a cousa no thema em discurso, nas cidades e nos reinos onde apreciam-se as sciencias, tryumpha a civilidade, a harmonia e pode-se ainda dizer que triumpham a ordem e os bons costumes que são o ordinario effeito das mesmas sciencias, emquanto nos triumphos da ignorancia tudo he barbaridade, e a mesma mocidade perde-se em cultivar insanos amores, em armar cilada aos thalamos alheios, em suscitar discordias ecclesiasticas e civis e em viver nas rapinas, nas crapulas e em mil outros vicios um mais deforme e vergonhoso do que outro.

Abelha.—O homem litterato assemelha-se com a industriosa abelha, a qual passando assidua, e pousando-se sobre todas as flores á nenhuma dellas causa o menor damno ou prejuizo, emquanto da sua variedade de autores, e sem entreter-se sobre o que podem ter de defeituoso, toma aquillo que contribue para a são doutrina e para a multiplice erudição, á que, unicamente tem dirigido o coração e o pensamento.

E, como as abelhas fogem antes de pousar sobre flores podres, fedorentas corruptas, e apascentam-se somente de boas, salutares e odoriferas, assim o estudioso, maxime joven, deve esquivar cautelosamente os livros deshonestos e contrarios á fé e á moral christãa, bem persuadido de que basta um mao livro para tirar á metade dos demonios a fadiga de tentarem a gente, por ser elle peior do que 100 demonios, e ter pelas mãos aquelles somente que são o alimento seguro da alma tendo sempre na lembrança o aviso de S. Jeronymo—que vale mais a ignorancia com a segurança, do que a sciencia com o perigo—*melius est aliquid nescire secure, quam cum periculo discere.*

Peixes.—He, pois, com esta simples advertencia que elle pode aspirar aquella verdadeira e certa fama que illustra tanto a pessoa que a possue: porque como os peixes, diz Bufon, se não succumbem aos dentes de um inimigo, ou não caem nas redes do homem, vivem um sem conta de annos, isto he dous ou tres seculos, apezar das molestias a que tambem elles estão sujeitos, assim a fama de um litterato todas as vezes que não esteja manchada de erros de infidelidade ou de torpesacções conserva-se viva e bella por longuissimo tempo junto ás gerações vindouras, não obstante algumas fraquezas, criticas, ou contradições dos aristarcas á que tambem ella está sugeita.

Materia.—Alem disso, quando a materia he exactamente apta para a arte, e esta corresponde com louvavel echo a materia, não pode senão resultar della uma obra de muito valor, do mesmo modo quando um escripto trata de cousas uteis, e á estas se une a fineza dos argumentos, então resulta delle um daquelles livros que não são menos bellos e bons, do que uteis a quem os ler.

Conselheiro.—Um livro de semelhante natureza he um excellente conselheiro, o qual, como quanto mais desapaixonadamente louva a virtude e desapprova o vicio, tanto maior he o direite que adquire elle á reputação, á estima e ao reconhecimento; assim o livro, que não tem outro designio, senão a edificação dos proximos, o excitamento da virtude, e juntamente a extirpação e a fuga dos vicios quer ser elle, como por dever, recommendado, applaudido e apreciado por todos.

Vinho.—Demais; como o vinho passa primeiro debaixo dos apertos da prensa para chegar ao depois á temperar os ardores da sede com sua docura, e alegrar o coração do que o bebe; da mesma forma o bom livro fica bem satisfeito das pressões do prelo, se com os seus documentos obtem-se melhorar a sorte e trazer algum alivio a languida humanidade.

Trifolio.—Ainda mais: como he cousa assaz segura o dormir no trifolio asseverando os naturalistas que nelle nunca se acham serpentes venenosas; igualmente o estudioso deve ter pelas mãos tão somente aquelles livros que não podem ter suspeita de erro para o entendimento e perversão para o coração que nelle se alimenta e repousa.

Familia.—Cicero dizia que em verdade pode-se reputar por afortunado aquelle pai cuja familia he docil e submettida a tal ponto que falla ou cala-se a todas as suas olhadas e quereres, sem jamais dar-lhe algum desgosto; mas por mais feliz ainda considerar-se-ha o que tem a sua disposição uma collecção de bons e eruditos livros, dos quaes não recebe elle senão gostos e encantos; já que elles fallam e calamse a seu bel prazer, estão-lhe sempre ao lado, e não são importunos, nem temerarios, nem golosos, nem roubadores: oh! caros livros quão invejo os que vos possuem, vos lêm e entendem.

Pintasilgos.—He neste caso que desejar-se-ha a habilidade dos pintasilgos; estes passarinhos, diz o citado naturalista que, nos tempos do inverno approximam-se muito dos caminhos frequentados nas vizinhanças dos lugares onde crescem os cardos, a chicorea silvestre cujas sementes, elles comem com notavel destreza; da mesma sorte o estudioso mancebo em as horas concedidas para o ocio e para a liberdade antes de passa-las em vãos e inuteis entretenimentos deve dar-se á leitura de bons e eruditos autores, e beber delles quanto exorna o seu engenho e quanto melhora o seu coração.

Poeira.—Mas ah! que hoje não he tal a indole de certos lentes, assim como não he tal objecto de muitos livros que estampam-se; e por isso como quem caminha na poeira ou na lama, de qualquer maneira que ande, elle não pode deixar de emporcalhar mais ou menos seus pés: assim um coração ainda que seja bom se se resolve nos sordidos humores bebidos nos livros immoraes, profanos, ou irreligiosos não sahirá delles sem ficar mais ou menos gravemente contaminado com manifesto perigo de conceber sentimentos ao todo semelhantes as cousas lidas e meditadas como o comprova a serie dos grandes homens de todas as épocas, que perverteram-se pela leitura de impios escriptores. Sirvam de norma os seguintes: Bandesane de Mesopotamia era um confessor da fé, e no entanto a leitura de livros hereticos o tornou apostata e herege. Avita era sacerdote e a leitura de um livro de pestiferas doutrinas seduzio a elle mesmo, e levantou terriveis motins em toda a Hespanha. Entyche era monge e a leitura de um autor manicheo depravou-o e creou-lhe uma multidão de sectarios!! Cumpre advertir a que presentemente os escriptores perversos sabem esconder sagazmente o veneno de seus discursos debaixo de uma apparente doçura, e para esse diabolico fim elles misturam-no com o mel: *veluti qui venena cum melle coucinant atque occultant*: S. Bazilio que falla.

Abelharuco.—A indole de taes livros e de seus autores pode-se comparar ao abelharuco ou abelheiro ceruleo, o qual uma circumstancia assaz relevante, cooperou a fazer conhecer, se bem que sinistramente, este passarinho que he o damno que causa aos jardins em picando e destruindo os botões das plantas fructiferas, isto he, certos autores fazem-se conhecer pela vasta erudição e muita doutrina, mas porque não servem-se della que para satyrisar com nimia mordacidade ora a estes ora a aquelles seus competidores e porque o mal que fazem as lettras he maior do que a utilidade pretendida, por isso o seu conhecimento não resulta em muito boa opinião delles mesmos.

Lixa.—Antes: como do figado da lixa ou peixegato extrae-se, mediante o cozimento, uma boa quantidade de oleo, como porem este peixe nutre-se frequentemente de prezas corruptas e de vermes marinhos mais ou menos venenosos, o seu figado he assaz nocivo e funesto a quem o come, da mesma sorte certos litteratos com seus escriptos, com suas luzes e conhecimentos de que estam cheios são de um grande decoro para a sua patria, como porem elles não vivem nem fallam, nem escrevem em conformidade as maximas do evangelho, a sua conversação e juntamente a leitura de seus escriptos e suas lições he mais ou menos perigosa segundo he a disposição de quem os frequenta ou communica.

Porco-espinho.—Pelo que o symbolo desses litteratos, a meu ver, poderia ser o porco-espinho, o qual sendo armado de ferrões como o ouriço caixeiro, he não só difficil toca-lo sem ficar ferido, mas se elle chega a penetrar em um jardim, faz nelle um grande estrago dos fructos e da hortaliça que come e devora com avidez, semelhantemente um livro irreligioso e corrompido pelas mãos da juventude he um objecto não menos fatal que perigoso, tanto pela horrivel depravação, que faz dos bons costumes, como pelas malignas maximas que deixa impressas no coração dellas.

Pato.—Por esta causa se os patos, ao dizer de Bufon, convem pô-los com muita attenção em distancia do trigo, porque segam-no, e arrancam-no pelas raizes, e bem assim devem ser prohibidos de entrar nos prados, visto que os seus excrementos queimam as hervas boas; razões mais fortes querem que os livros profanos e immoraes ponham-se absolutamente longe das mãos da mocidade e prescrevam-se das bibliothecas, sendo que basta ás vezes um só delles para envenenar um povo inteiro e extirpar todos os germens de religião e de piedade dos seus corações. Acaso donde partiram as guerras politicas e religiosas feitas nestes ultimos tempos ao sacerdocio, ao imperio, ao altar, ao throno e aos claustros, que tem feito parecer as gerações actuaes aos povos pintados por Isaias. C. XXIV, v. 5. e seguintes; — que transgrediram as leis, mudaram o direito, romperam a alliança sempterna, senão da sizania que espalharam esses detestaveis livros, e da vida infame de seus autores bem conhecidos.... !?

Péga. — E pois, cabe a proposito a reflexão de lembrar a quem preside o governo dos povos a vigilancia opportuna que pratica a péga, esta ave pondo-se no ninho está perpetuamente espiando o que acontece por fóra, e vendo approximar-se algum passaro inimigo, vôa logo para o seu encontro, o molesta e persegue incansavelmente em quanto o não tenha de todo afugentado de si; tambem os regedores dos povos da alta cadeira, onde estão sentados, devem vigiar, sobre tudo, se chegam ou introduzem-se livros em seus estados, que sejam inimigos dos bons costumes, da piedade e da religião para depressa condemna-los, aboli-los, destrui-los e não cessarem em quanto não estiverem elles reduzidos á cinzas.

Ovelhas.—Acabo com a divina escriptura; como as ovelhas de Jacob conceberam uns cordeiros malhados, varios e de diversas côres, conformes com as varas que tinham diante dos olhos no bebedouro, assim dispondo o mesmo dia para punir a inhumanidade, a avareza e a fraude de Labão para com Jacob, da mesma sorte os livros, cujas doutrinas são essencialmente oppostas ás da religião e do evangelho de Jesus Christo, são um verdadeiro castigo para aquelles povos que os fomentam, porque, se por elles for profanado o coração, e denegrida a bella imagem de Deos impressa em nossas almas, de que outra cousa derivar-se-ha uma tão luctuosa calamidade, senão, torno a dizer, dos mesmos livros que parecem vomitados do inferno para destruir no mundo a religião, a honestidade e os bons costumes?

Sacerdotes irmãos façamos-nos bem comprehender aos fieis a auteridade que exercem o soberano pontifice e os bispos sobre as consciencias, façamos-lhes comprehender que a igreja tem sempre prohibido os livros perniciosos a seus filhos, sob pena de excommunhão fulminada contra os que infringirem taes decretos. A igreja e a sociedade confessarão altamente nosso merito, se induzirmos os christãos dos nossos tempos a imitarem seus pais e seus antepassados, de quem está escripto nos Actos dos Apostolos, Cap. XIX, que tinham seguido as artes vãas, trouxeram juntos os seus livros e os queimaram diante de todos. *Um Capuxinho da Bahia.*

Nota.— O insignificante communicado acima impresso, cujo autor dedica-o submissamente aos cultores das lettras, tem por ponto de mira o ardente desejo de prestar-se ao publico com os meios que a Providencia dignou-se conceder ao seu pouco, e jamais de querer elle figurar no theatro dos litteratos, porque seria até demasiada presumpção, o assentar-se a seu lado.

Em verdade, um escripto, qualquer que seja elle para ser digno do seculo nosso, o qual tem alguma razão para decantar-se o —seculo das luzes—, em attenção á multiplicidade de invenções e descobertas que todos os dias fazem-se, e á perfeição que tem esse dado ás artes, ás sciencias e até mesmo ás linguas, disse que para ser digno do *seculo XIX*, deveria ser guarnecido de outras qualidades e prestimos que o não he o sobredito communicado: no entanto, roga-se ao cortez leitor, para não euroscar-se quando o vir, nem deitar-lhe uma vista atravessada em favor do nobre fim, a que he elle dirigido e mesmo da utilidade que espera tirar da sua publicação.

E como o pouco exercicio que tem o mesmo autor da pregação, foi bastante para persuadi-lo de que a *semelhança natural* he um dos melhores meios, além de ser a via mais curta para convencer o entendimento e tocar o coração theor das verdades enunciadas; tem deduzido como Pedro Metastasio, que as semelhanças são os instrumentos mais aptos para tornar amenas e sensiveis as idéas mais austeras e abstractas; e com o maximo Dr. S. Jeronymo, que são o meio mais efficaz para imprimir na mente dos ouvintes e dos leitores os preceitos da moral evangelica, sendo esta a razão, se se não enganar elle, porque a Encarnada Sabedoria, quando com sua presença beatificava este valle de pranto, parecia, como notou o proprio Evangelista, que não soubesse expressar-se de outra forma com as turbas, nem explicar os dogmas de sua celeste doutrina, que por comparações e semelhanças.

Os senhores, por tanto, que tiverem a paciencia de ler e aproveitar o indicado communicado, e talvez mais alguns outros de igual estylo, queiram fazer a mercê de reconhecer em seu escriptor as louvaveis intenções de cooperar para a sagrada causa da religião a que pertence, em promover o bem dos proximos e o melhoramento dos costumes com a impressão delles, movido do rigoroso dever que tem cada ecclesiastico de ser vantajoso a seus semelhantes com os meios que estiverem ao seu alcance, caso que queira elle evitar o rigor do divino juizo, pela injuria que resulta a Deos, e pelo damno, como diz S. Gregorio, que causa ao proximo com o seu silencio: *Quia in salus culpa silentii, pro multorum, quos corrigere poterat, pœna damnabitur sacerdos.*

AGRICULTURA.

Noticia abreviada sobre a batata da cajaseira.

Breves considerações já foram por mim publicadas acerca da batata da cajaseira, quando dei noticia da descoberta do importante uso, que se pode fazer desta substancia; e que sendo publicadas por differentes jornaes desta côrte, sem duvida terá chegado ao conhecimento da illustre sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. Hoje com a seguinte descripção pouco ou nada adianto ao que ja foi publicado; porem tendo de vir para esta côrte foi meu primeiro cuidado munir-me de uma porção desta substancia para a submetter á consideração da sociedade; mas a demora que soffreu a minha viagem, por circumstancias que não interessa a Sociedade saber, occasionou chegarem as batatas todas inutilisadas; isto que pareceu uma infelicidade, não deixou de utilisar, como adiante se verá, e chegando ellas com sua forma, tomo a liberdade de mesmo assim remette-las, porque se não são apreciaveis todas as suas qualidades, ao menos sempre apercebe-se algumas, faz-se idéa e aproveita-se o que poder, até que cheguem outras em bom estado, como acabo de pedir.

Parece que estas considerações deviam acompanhar a substancia de que fazem ellas parte, muito principalmente esperando-a eu; mas como o tempo de que hoje disponho, talvez não possa com a mesma facilidade dispende-lo em outra occasião, vou logo antecipar o que tenho colhido acerca da batata da cajaseira.

Julgo ser desnecessario occupar a attenção da sociedade com a descripção botanica da cajaseira, arvore bastante conhecida, e de nenhuma sorte ignorada por pessoa alguma, ainda mesmo a mais alheia consciencia, portanto sobre ella nada direi. Tambem serei breve acerca da descoberta relativa aos usos da batata, porque ja sendo publicados, nada accrescentarei, pois que não passando de um facto accidental, e despido de circumstancias scientificas, nada mais o compõe senão a necessidade, que tinha um homem de alimentar-se, e procurando uma caça, que se internou por um buraco, cavando para a encontrar, achou uma batata, que lhe parecendo aipim, contentou-se com este meio de matar a fome, mas depois de cozida, reconheceu que não era, e nem mesmo a mandioca, porem em caso de necessidade não era para desprezar: voltou ao lugar e tratou de reconhecer a arvore que fornecia aquelle fructo (permitta-me a expressão) e conheceu ser a cajaseira. Não só usou da batata cozida, como fez a farinha.

Tal he a historia abreviada da descoberta da batata da cajaseira.

A batata da cajaseira encontra-se nas radiculas da mesma arvore, nos lugares mais distantes do tronco porem algumas vezes acha-se junto a elle, quando a planta he velha, condição para uma maior copia de batatas. O que parece concorrer para sua abundancia he o terreno, pois que mandando cavar em algumas partes encontrava grandes e abundantes batatas; assim acontece no lugar onde foram encontradas as primeiras; nessa parte existem muitas cajaseiras, e são tão abundantes as batatas, que se podem encher carros; o terreno comquanto seja de barro he froxo, e tem grandes formigueiros; em outras partes tenho-as encontrado, porem não tão abundantes e grandes, como na referida.

A batata he de forma e tamanho variavel, desde o peso de algumas oitavas, até aquelle de 20 e 30 libras, inteiramente semelhante á mandioca, que ordinariamente nos serve de alimentação; sua superficie he desigual e cheia de pequenos botões ou tuberculos; a côr externa he branca acinzentada, carregando para escuro amarellado; esta cor he limitada a uma pellicula que, tirada, descobre uma capa avermelhada, a qual sendo raspada dá então uma massa branca succulenta, e como a mandioca, muito abundante em amido ou gomma; ainda no interior se distingue uma massa differente mais fina e humida, que cozida inteira e cortada, essa divisão he inteiramente sensivel.

A batata crua tem um gosto muito adstringente; cozida diminue, porem não he para se tragar com prazer, e só a necessidade poderá obrigar a fazer uso da alimentação por esta forma, ainda que o amargo perca quasi a adstringencia, he comtudo substituida por um adocicado desagradavel; por tanto a necessidade em minha opinião só poderá impôr uma tal alimentação, se bem que a massa cozinha e escalda tão bem como o aipim, mas pela muita adstringencia acredito, que fará o seu uso continuado mal a economia animal.

Dispondo de pouca porção de batatas, e estas mesmas guardando para trazer, não tratei de fazer a farinha, porem estou autorisado pelo Sr. Antonio da Costa Lobo, da cidade do Aracaty, provincia do Ceará, a dizer, por della ter comido, que bem feita não se pode a primeira vista distinguir da de mandioca, até mesmo no gosto.

Bem escuso dizer, que o processo para sua preparação, he inteiramente identico ao que se emprega para a farinha ordinaria.

Quando ao principio disse, que não foi sem proveito a demora da minha viagem, he porque della resultou o conhecimento de uma propriedade da batata, consistindo elle na apreciação, que fiz de sua duração, pois que sendo arrancada a que trouxe a 8 de setembro de 1852, quando embarquei a 10 de dezembro, ainda estavam perfeitas, deteriorando na viagem, sem duvida por virem muito abafadas, etc.

Uma outra propriedade ainda notei: ha batatas, nas quaes os tuberculos ou renovos arrebentam e produzem uma arvore igual aquellas, de que são tiradas.

Agora cumpre saber: sera util a farinha da batata da cajaseira? Será essa farinha nutritiva e saudavel a economia?

Não terá ella em si principios, que pelo seu uso continuado sejam prejudiciaes á saude? Estas questões só o tempo e a experiencia poderão responder: se faz pela affirmativa, quanto á sua utilidade, certamente, que não tocará a mim descrever as vantagens de uma tão util descoberta, porque deixo a descripção de uma penna mais habil: o que acabo de noticiar he observado no Ceará.

Taes são as poucas considerações, que tenho a honra de submetter a alta consideração da illustre sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, esperando que ella desculpe as minhas faltas, e attenda sómente aos meus bons desejos.

Rio de Janeiro 13 de janeiro de 1853.

O socio correspondente. — *Dr. Liberato de Castro Carreira.*

(*Auxiliador da Industria Nacional.*)

COLONISAÇAÕ.

Quaes são os meios que devem ser empregados para se chamar ao Brasil uma colonisação expontanea?

« *Pruefet alles und das beste behaltet.*

« Experimentai tudo, e escolhei o melhor.

A questão que devia occupar todos os pensadores, todos os escriptores, he certamente a questão da colonisação; questão do futuro do Brasil, e que necessitá de tanto mais urgencia, quanto mais se torna cada dia sensivel a falta de braços, pelo vigor com que o governo procura impedir o infame trafico. He hoje que a questão da colonisação deve ser estudada com o maior interesse por todos aquelles que amam o seu paiz, por todos aquelles que desejam vêr florescente a bella terra de Santa Cruz.

Muitos capitaes foram ja gastos, muitos ensaios de colonisações feitos, e quasi todos elles cahiram por um falso principio; os dinheiros sahiram dos cofres publicos sem que o paiz gozasse o fructo de tantos sacrificios; e longe de servirem estes ensaios para chamar ao Brasil uma emigração expontanea, tem elles ao contrario contribuido para cada vez mais desacreditarem este bello paiz nas terras estrangeiras.

Quem não vê nesta continua emigração para os Estados-Unidos da America, e na escassez de colonos, que para o Brasil se dirigem, a verdade daquillo que acabamos de asseverar?

Cumpre pois remediar este mal; cumpre empenhar todos os esforços para destruir o inimigo que tanto se oppõe á emigração para o Brasil; cumpre por meio dos factos desmentir os falsos boatos que continuadamente se espalham na Europa e que tanto embaraçam a colonisação. Porém quaes os meios a empregar-se para se conseguir tão desejado fim?

Deverá o governo intervir na colonisação, ou deixar a solução deste problema inteiramente entregue aos particulares?

Deverão os colonos ser contratados sobre os principios de parceiragem, ou deverão elles ser contratados como meros trabalhadores?

Deverá lhes ser vendido logo um terreno para nelles fundarem a sua propriedade, ou deverão elles ser chamados como foreiros?

São estas as principaes bases que a nosso ver devem ser bastante elucidadas para sobre ellas se poder formar um principio de cuja realisação depende o futuro do Brasil.

Deverá o governo intervir na colonisação, ou deixar a solução deste problema inteiramente entregue aos particulares? Responderemos a ambas as partes desta pergunta. Sim! Ao governo compete coadjuvar a colonisação; porém não pelos meios que tem empregado até hoje, entregando a alguns particulares, muitas vezes refinados especuladores, grandes quantias; estes dinheiros assim empregados nunca produzem o bem que se espera, e do contrario servem para cada vez mais alimentarem o vicio. O primeiro motor de que o governo deve lançar mão he a facilidade de communicação; emquanto no Brasil não houverem estradas transitaveis para carros, emquanto o agricultor não puder de qualquer ponto trazer os seus productos ao mercado, mui difficilmente se dirigirá ao Brasil uma emigração expontanea. São essas milhares de estradas que cruzam os Estados-Unidos d'America em todas as suas direcções que attrahiram áquelles paizes os braços estrangeiros, que tanto tem contribuido para o seu engrandecimento material e moral. He a facilidade de communicação que poz os novos emigrados em circumstancias de poderem cultivar tudo aquillo que o solo produzia, porque a todos estes productos elles achavam facil sahida, pelo simples facto de poderem facilmente traze-los ao mercado; he pois a facilidade de communicação que enriqueceu os habitantes dos Estados-Unidos e collocou o seu governo em uma posição respeitada por todos os governos civilisados.

A segunda coadjuvação que o governo deve dar a colonisação he o fiel cumprimento dos contratos tanto da parte dos contratantes, como dos contratados. He sabido que muitos capitalistas e mormente aquelles que por meio da usura chegaram a grangear uma fortuna, gostam de approveitar-se de sua posição, usurpando o mais fraco e encontrando para isso as vezes o maior apoio. He aqui que o governo deve desenvolver toda a sua energia fazendo respeitar as leis e cumprir fielmente os compromissos; porque do contrario a colonisação que se dirigirá ao Brasil em vez de ser proveitosa, tornar-se-ha mui funesta. Opprimida pela força bruta ella supportará por algum tempo o forte peso da sua posição; porém cansada de seus soffrimentos, ella accordará um dia e esmagará debaixo de seus pés o seus oppressores, e talvez ja será tarde então de remediar o mal; cumpre pois desde ja evitar males que podem nascer no futuro pelo simples facto do não cumprimento de obrigações contrahidas; cumpre convidar o estrangeiro, por um tratamento affavel e rigoroso e não affasta-lo por máos tratos, porque necessitamos dos seus braços e de sua industria, precisamos de quem faça apparecer á luz do dia estas grandes riquezas que dormem escondidas debaixo da terra, porque emfim precisamos de braços para se poder tirar vantagens da fertilidade de tantos milhares de leguas de terrenos, que permanecem perfeitamente incultos.

A terceira coadjuvação que o governo deve prestar a colonisação he destruir esta falsa propoganda que se está fazendo na Europa contra a emigração para o Brasil, ja pintando este paiz como por alfamente insalubre onde reinam as molestias mais mortiferas, já appresentando os seus terrenos como perfeitamente estereis, em que não progridem outros productos senão apenas o café e a canna. Essa propaganda entretida nos principaes lugares de Allemanha por alguns especuladores norte-americanos, com o fim de monopolisar a colonisação, tem sido talvez a causa principal da pouca emigração para o Brasil; o governo pois prestará valiosos serviços ao seu paiz, se tratar energicamente de destruir estes falsos boatos, demonstrando por meio das estatisticas a falsidade de taes supposições; e sustentando nos principaes pontos europeos agentes que fossem incumbidos a desmascarar os especuladores e a mostrar á toda a luz o fim sinistro de uma propaganda mentirosa que tende sómente a desviar de sua felicidade aquelles, que se queiram dirigir para a bella terra de Santa Cruz.

Eis pois a nosso vêr como entendemos que o governo deve intervir nas colonisações, aplainando todas as difficuldades, preparando o terreno e com energia reprimindo os abusos praticados debaixo de sua sombra, se bem que sempre contra a sua vontade. Eis como julgamos póde a sua intervenção ser fructifera, e tanto mais, porque póde melhor obrar do que vendo-se a si proprio empenhado em mais esta difficuldade. O governo deve intervir na colonisação, porém não directamente. A experiencia tem demonstrado que na colonisação, como em todas as emprezas que são feitas a custa do estado, muitos capitaes se gastam e pequenas vantagens se conseguem; não pertence a nós entrarmos na analyse desta causa, porque não desejamos offender o melindre de quem quer que seja, o que fazemos unicamente he apontar os factos de passagem sem lhes dar o desenvolvimento preciso, porque entendemos que isto sera bastante para justificar o que havemos dito.

A colonia de Nova Friburgo, por exemplo, fundada em 1818, com a qual o governo gastou enormes sommas, não produzio as vantagens que della se esperava; e se hoje grande parte dos colonos se acham em boa posição, he isto devido a elles abandonarem na mór parte as terras recebidas para se irem estabelecer em lugares onde lhes parecia mais vantajoso. Esta deserção do nucleo da colonia fez com que na Europa se pintasse a sorte dos colonos a mais desgraçada possivel, para assim difficultar a colonisação para o Brasil.

A colonia do Saby dispersou-se inteiramente, e no entanto o governo tinha religiosamente cumprido todos os seus compromissos.

A de Petropolis vai-se mantendo, mas não como colonia agricola, e os grandes capitaes com ella gastos não correspondem ás vantagens que o paiz della póde colher.

Estes resultados pouco satisfactorios das colonias, com as quaes o governo não deixa de gastar enormes sommas, contribuem sempre para amedrontar os estrangeiros, alias inteiramente influidos pela emigração, que evitam assim a demandarem nossos portos; e se o governo imperial tem em vistas, com a fundação de colonias formar nucleos que atraiam a emigração européa para este paiz, este seu calculo fica malogrado, ja por se dispersarem as colonias já por tirarem os colonos poucos resultados dos terrenos que lhes são marcados.

Mas não devemos deixar de lembrar tambem que a escolha de colonos contribue muito para a prosperidade ou não prosperidade de uma colonia.

O Brasil he um paiz puramente agricola, que em si possue tantas riquezas naturaes capazes de tornar felizes todos os habitantes da Europa. He pois para este ponto principal que se devem dirigir as vistas da colonisação. Chamar colonos amigos do trabalho agricola, he a primeira das necessidades; não duvidamos que algum dia o Brasil possa tornar-se um paiz tambem fabril, pelos immensos productos naturaes, taes como o algodão, o canhamo, o ferro, o carvão de pedra, as madeiras, etc., e então necessitar de todas as industrias; porém a necessidade mais palpitante hoje, a industria que deve ser primeiramente desenvolvida, he sem duvida a industria angricola; he ella a mãi de todas as outras, e certamente aquella que com mais urgencia deve receber algum impulso para poder chegar ao grão de florescencia que forçosamente ha de alcançar pela fertilidade do terreno, e pela riqueza dos productos deste paiz.

Convêm pois chamar ao Brasil a emigração allemãa, suissa, hollandeza, não sómente por serem os filhos destas nações muito dedicados ao trabalho, e de costumes muito serios, mas principalmente por serem elles os que mais se dedicam a industria agricola, e em mais subido grão possuem todos os predicados de um bom agronomo. Não devemos esquecer aqui de recommendar tambem os colonos portuguezes, que se tornam preferiveis por sua economia, amor ao trabalho e principalmente por fallarem a lingua nacional. Os francezes, quanto a nós, são pouco aptos para colonisações. Dotados de um caracter assaz leviano e de uma fantasia bastante exaltada, pouco se ageitam a certas dependencias que são necessarias para fazerem florescer uma colonia. Na miseria os mais humildes, tornam-se altivos na abundancia, querendo sempre voar á alturas que lhes não competem, oppondo-se a toda sujeição, tramando intrigas para destruirem hoje o que ainda hontem edificaram. Um rapido olhar sobre a historia franceza confirmará o juizo que delles acabamos de fazer.

Os irlandezes poderiam ser uteis ao Brasil, não sómente por serem optimos lavradores e criadores de animaes, mas ainda professarem a mesma religião, que he a rifigião do Brasil; porém cremos que elles não se dirigirão com facilidade para este paiz, em quanto encontrarem asylo nos Estados-Unidos da America.

Chegamos agora a segunda das nossas proposições: « Deverão os colonos ser contractados sob os principios de parceiragem, ou ser chamados como simples trabalhadores?

He certo que sem a menor hesitação responderemos que o principio de parceiragem he muito preferivel. O colono europêo que abandona a sua patria natal, os seus parentes, que vende os seus bens por preços insignificantes para ir a um paiz cujos costumes, cuja situação, cujos meios elle não conhece, deseja ao menos encontrar neste novo paiz um asylo no qual possa com trabalho e economia preparar um futuro. Contractar colonos como méros trabalhadores seria pô-los na alternativa de escolher entre a miseria e a servidão: acreditamos que muitos aceitariam taes condições, porém estamos convencidos de que não virão ao Brasil senão aquelles que ja nada tivessem de esperar da sua patria natal. Demais, o principio de parceiragem tem decidida vantagem sobre o principio de servidão, porquanto aquelle obriga o colono a empenhar todos os seus esforços para conseguir os melhores resultados possiveis; e sendo-lhe entregue uma propriedade que elle desde já olha como sua, elle se anima e se consola da patria perdida; o contracto de trabalhador porém o rebaixa, ainda mesmo que os seus resultados pecuniarios fossem mais vantajosos, e assim o desanima e desmoralisa. Todo o homem aspira a liberdade, e a dependencia que elle muitas vezes aceita he sómente um meio para por ella se tornar livre. He pois mui natural que quanto mais nós attingimos a essa liberdade, mais satisfazemos á sua indole, mais o animamos para vencer todos os obstaculos, para affrontar todos os perigos tornando-o apto para todos os progressos; e portanto mais contribuimos para a sua moralisação. Além disto o principio de parceiragem tem outra decidida vantagem sobre o principio de servidão, pois que tem por fim crear um nucleo de colonisação, em que na mór parte das vezes se reunem muitas familias, todas aparentadas entre si, conseguindo por este meio maior estabelidade e mais segurança para os proprios colonos e suas propriedades; no entanto que contractados como trabalhadores, os homens se dispensam facilmente e assim com mais facilidade preparam a sua propria ruina.

Não são simples theses que aqui sustentamos; os factos satisfactorios que ja apparecem deste principio, posto pela primeira vez em pratica pelo Exm. Sr. senador Vergueiro, e as multiplicadas imitações que elle tem encontrado da parte de muitos fazendeiros abastados e illustrados; tanto da provincia de S. Paulo como do Rio de Janeiro, assas recommendam a sua generalisação.

No entanto não queremos que elle seja o unico sobre que se deva basear o grande edificio da colonisação. E pois dirigimos-nos á terceira das nossas proposições. Deverá lhes ser vendido logo um terreno para nelle fundarem a sua propriedade, ou deverão elles ser chamados como foreiros? Qualquer destes dous systemas que houvesse de ser adoptado, poderia a nosso vêr ter utilidade para os colonos estrangeiros que, ou viessem para o Brasil com capitaes bastante avultados para poderem supportar os revezes dos primeiros ensaios e aclimatar-se, ou para aquelles que por ja se acharem aqui alguns annos estivessem ao facto de tudo que mister fosse para a prosperidade de um bom agronomo. Entregar porém a colonos recem-chegados e munido de pequenos meios pecuniarios um pedaço de terreno, seja a titulo de venda, seja de aforamento, fôra contribuir para a sua ruina. A nosso vêr ainda seria preferivel nos primeiros annos para os mais abastados, o principio de parceiragem em a qual poderiam adquirir todos os conhecimentos necessarios para depois com mais segurança fundarem e manterem a sua propriedade.

Não podemos de modo algum applaudir o principio de aforamento de terrenos; porque se os aforadores vêm munidos de meios pecuniarios, devem preferir a compra dos terrenos, senão vêm, o estado de forreiro lhes será muito mais penoso do que a parceiragem. O principio de forreiro tem ainda a desvantagem sobre a parceiragem, pois emquanto naquelle o aforador vê sempre no proprietario das terras um *Senhor*, este encontra no principio de parceiragem um homem com quem se acha em uma especie de associação. E confessemos—todo o homem aspira a supportar o menos possivel a superioridade de seu semelhante, e ja que não póde haver liberdade absoluta, porque o homem em si não he livre, he sempre escravo de seus vicios, debalde procura a liberdade na sociedade, ao menos fica satisfeito quando na sua posição social encontra a menor sujeição possivel.

Ha pois para nós dous principios fundamentaes: « O principio de parceiragem em primeiro lugar, e em segundo a venda dos terrenos »; sobre a qual se deve erigir o grandioso edificio de colonisação, edificio que tem de affrontar os seculos, e cujas fortes muralhas tem de servir de abrigo aos nossos vindouros.

VARIEDADES.

FORMIGAS.

Temos a satisfação de annunciar aos nossos leitores, que, em consequencia de se ter dirigido á sociedade auxiliadora da industria nacional o Sr. Domingos José Teixeira Chaves, fazendeiro em Cantagallo communicando-lhe ter empregado uma composição para matar formigas tanajuras, preparada na rua do Sabão, n. 234, pelo eximio chimico o Sr. José Sebastião dos Santos e Silva, e pedindo ao mesmo tempo que a sociedade se interessasse para obter do inventor de tão util preparato uma diminuição de preço, nos dirigimos ao mencionado Sr. por uma carta que abaixo transcrevemos, e obtivemos uma grande reducção de preço. O Sr. José Serapião dos Santos e Silva resolveu-se a dar pelo preço de 18 rs. a composição em massa que até agora vendia por 38 rs. Estamos convencidos que esta prova que o inventor de tão util preparato dá aos Srs. fazendeiros, lhes demonstrará o quanto deseja elle esforçar-se para se tornar util á sua patria, e os convidará a ensaiarem em grande escala o novo invento, de cujo bom resultado ja de antemão estamos perfeitamente seguros.

Seja-nos permittido repellir aqui uma ligeira censura, que encontramos na *Revista Commercial* de Santos, em um artigo transcripto do *Liberal*, dirigido sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. O autor deste artigo talvez por excessivo zêlo, pelos progressos de seu paiz, deixou-se por um momento menos bem informado, arrastar e accusar a sociedade, quando he elle que perfeitamente reconhece que a sociedade têm prestado e continua a prestar relevantes serviços ao paiz. Diz o autor do dito artigo:

« A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, que a bem pensar, devia ser a mantenedora, senão a mais zeladora no estado e applicação de todos os meios, idéas e factos conducentes a todo o progresso industrial, concorrendo em grande escala para a sua maior animação, como soem fazer e praticar as grandes sociedades scientificas, centro desse *encouragement*, que se encontram nas grandes capitaes do mundo européo; parece que ainda não tem aquella nossa sociedade, attingindo ao seu fim, etc.

Devemos aqui declarar que a sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, embora tenha por ora poucas forças para poder prestar á industria aquelles serviços que deseja, contudo teria por sem duvida contribuido desde ha muito para o desenvolvimento e propagação de um invento tão vantajoso, como he a descoberta do Sr. José Serapião dos Santos e Silva, para matar formigas tanajuras, se o autor da descoberta se tivesse dirigido a ella e lhe apresentado o seu invento, e este pela respectiva commissão fosse reconhecido vantajoso; porém a sociedade nenhuma noticia teve de tal invento, e só pelo fazendeiro Sr. Domingos José Teixeira Chaves, veio saber que existe um preservativo contra as formigas tanajuras. Cremos, pois, que nenhuma censura cabe á sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e esperamos que o autor do artigo do *Liberal*, reconhecerá que foi pouco justo para com uma sociedade, cujo unico fim he o progresso e prosperidade nacional.

Carta que dirigimos ao Sr. J. S. dos Santos e Silva.

Illm.º Sr. José Serapião dos Santos e Silva. — Rio de Janeiro 16 de março de 1853. —Tendo o Sr. Domingos José Teixeira Chaves communicado á sociedade ter empregado em pequena escala a composição para matar formigas tanajuras, preparada por V. S.ª, cuja composição lhe parece produzir bons resultados, e pedindo o mesmo Sr. a sociedade que intervenha para que V. S.ª modifique o preço daquella composição; dirijo-me a V. S.ª pedindo que haja de attender aos pedidos de um fazendeiro, que deseja ardentemente empregar o seu invento em grande escala, se o preço desta composição não fôr excessivo. — Aproveito esta occasião para lembrar a V. S.ª que moderando o preço de maneira, que convide aos Srs. fazendeiros a generalisar o emprego da substancia ou composição por V. S.ª inventada, longe de perder com isso, V. S.ª ganhará muito mais; porque o consumo muitas vezes maior do que hoje, indemnisará a V. S.ª largamente de uma diminuição de preço, e V. S.ª não sómente terá a vantagem de tirar melhor resultado do seu invento, como ainda de prestar um relevante serviço ao paiz. Creio que V. S.ª reconhecerá quão justo he o pedido do Sr. Domingos José Teixeira Chaves, e fará por tanto quanto lhe *for* possivel para generalisar por um preço razoavel uma descoberta da qual se espera vantagens.

Sou de V. S.ª o mais affectuoso servo.— *B. Goldschmidt.*

Extracto da resposta do Sr. Serapião.

Ha muito que poderia ter diminuido o preço desse preservativo, em vista do que alguns fazendeiros por seus correspondentes, m'o tem communicado; porém a sua supposição de que o uso consultudinario do comprador, he que movia esses agricultores a resgatar sem attenção as despezas e sacrificios que productos dessa ordem soem acarretar, por isso tenho-me conservado sem abater de preço. Agora pois que as reclamações tomam vulto, pela efficacia com que obra essa composição mesmo em pequena escala, e eu reconheça haverem formigueiros, cuja extincção demanda mais preservativo do que o designado no directorio junto, em attenção á multiplicidade de suas avenidas, e que a quantidade de liquido necessario talvez viesse a importar pouco menos do que até então as custosas escavações e fomigações; por isso vou significar á V. S.ª que tenho resolvido somente compôr o preservativo em massa, á razão de 18rs. cada libra em vez de 38 rs., dispensando vendê-lo em liquido, pela razão de mais despezas que assim occasiona, taes como barril, comissão de venda e armazenagem; e bem assim que unicamente achar-se-o-ha á venda em o meu laboratorio da rua do Sabão n. 324, onde a qualquer hora do dia o poderão procurar.

Directoria para o emprego da massa para matar formigas.

Esta praga que tanto devasta a nossa lavoura sem que possa ter havido um meio de extingui-la, a não ser as fomigações por folles, trabalho este alias enfadonho, dispendioso, senão improficuo, por isso que escavando profundamente a terra não consegue o desejado fim e sim a remoção do formigueiro para algures, visto que famílas inteiras de formigas se evadem antes de serem asphyxiadas pelos gazes; esta praga, dizemos, que a tantos de nossos bons lavradores tem desacoroçoado no cultivo de seus ferteis campos, he hoje completamente aniquilada pela maneira a mais prompta e efficaz, a saber:

Busquem-se os orificios do formigueiro que servem de avenidas ao fóco; ahi formem-se receptaculos por meio da enchada, com capacidade de receber cada um duas medidas de uma composição que mandamos preparar na côrte, rua do Sabão n. 234, e com o que encham-se esses receptaculos; feito isto, cubra-se toda a area do formigueiro com folhas ou ramos verdes, a bem de ser protegida a evaporação que desde logo se effectua: decorrido o espaço de quatro ou seis horas, notar-se-ha que uma alluvião de formigas apparecem á superficie, como que em revolução, e, mordendo-se umas as outras, acceleram o effeito do agente mortifero, por isso que alem de absorvido por ellas, se faz inoculado por seus aguilhões, e morrem sem deixar sobreviventes que as propaguem.

Eis, pois, por este processo tão facil e economico, sanado um dos grandes vexames de que tanto se resente a nossa atrazada agricultura, que, sendo a fonte perenne da riqueza nacional, acha-se abandonada a seus custosos recursos.

Acha-se em massa na rua do Sabão n. 234, a razão de 18 rs. a libra; notando-se que cada libra deve ser diluida em dez medidas d'agua.

(*Auxiliador da Industria Nacional.*)

Methodo vantajoso para arrebentar pedras.

O methodo quasi geralmente usado no imperio para arrebentar pedras por meio de grandes verrumas de ferro sem martelladas, etc., me excita a idea de descrever aquelle usado com grande vantagem em a maior parte da Europa.

Segundo este methodo, emprega-se uma verruma de aço fundido ou acceirado de 1 a 2½ palmos de comprimento, brocando com a mesma e por meio de um martello uma excavação de 1 a 1½ palmo de profundidade. Os resultados dos ensaios feitos com verrumas de aço fundido e acceiradas, foram sempre a favor das primeiras, e por isso fallo somente destas. O melhor effeito he produzido sendo a verruma em todo o seu comprimento feita deste material, por que o aço fundido tem uma grande dureza, e evita por isso que a verruma se gaste em pouco tempo.

No acto de bater o côrte da verruma, que necessita de ser esquentado ao fogo por duas vezes, se he de ter em vista, que o aço fundido não se esquente excessivamente e não seja exposto ao vento, para evitar o queimar-se; por isso não he vantajoso ter no fogo mais do que duas verrumas. Sendo uma verruma batida, mette-se o côrte no fogo pela segunda vez, esquenta-se o mesmo até que elle fique apenas encarnado claro, e feito isto, mergulha-se a verruma em um barril com agua, obtendo desta maneira o côrte uma dureza consideravel. Apezar desta dureza o côrte mesmo em uma pedra muito dura, não se quebrará, devendo-se porém ter cuidado de principiar a brocar com fracas martelladas sobre a verruma; quando o côrte da verruma se quebrar, e se tornar pela qualidade da pedra necessario a amollecer a dureza do côrte, mette-se o mesmo pela maneira acima mencionada, no fogo, esquentando elle de sorte que uma gotta de agua lançada sobre o côrte se arredonde; praticado assim, se mergulha a verruma em agua. Esta maneira de amollecer tem a preferencia sobre a outra de temperar e amollecer ao mesmo tempo, porque a dureza fica assim igualmente amollecida. O ferreiro conhecerá com facilidade o grão de calor que o aço póde soffrer, e quanto se torna necessario para tempera-lo; por cautela he de vantagem amollecer sempre o côrte temperado por meio de um moderado calor; a temperatura necessaria para este fim se conhece geralmente segundo as cores do aço; sendo o calor pouco, as cores são mui claras, e o aço he mais duro e quebradiço; sendo o calor muito, as cores são muito escuras e o aço he mais molle e tem mais elasticidade.

Com uma tal verruma qualquer pessoa, sem fazer esforços póde brocar em cada hora, dous furos de 2 palmos de profundidade cada um, e pelos ensaios feitos se obteve o resultado, que ao mesmo tempo, e com o mesmo côrte de uma verruma de aço fundido, se brocava 34 polegadas, e de uma verruma aceirada, 20 polegadas, sem contar a perda do material e o tempo que se gasta para dar gume a verruma.

Principiando a brocar, he de vantagem antes de servir-se da verruma grande, fazer uso de uma verruma pequena de 6 polegadas de comprimento, para brocar com a mesma ½ a 1 polegada; as martelladas não tem de ser fortes, mas devem seguir com rapidez uma depois da outra, voltando-se sempre a verruma, e pondo-se de tempo a tempo agua no furo; para evitar que o pó molhado não salte fora, empalha-se a verruma ou envolve-se ella em um disco de couro, feito desta maneira, o furo antes de ser carregado, ha de estar inteiramente secco, e para que não entre agua, achando-se a pedra em um lugar humido, o furo deve ser cercado por meio de uma preparação de barro se for possivel. O material para carregar, ha de ser de tal qualidade que não produza fogo durante o enchemento do furo; o papel em que se envolve a polvora (cartuxos) ha de ser collado, porque o papel não collado as vezes continua a queimar, ainda que a polvora não tenha pegado fogo, e disto só podem resultar sinistros. Os cartuxos se tem de fabricar sobre um modelo correspondente a largura e profundidade do furo. Atirar com polvora só, sem cartuxos, he sempre arriscado, porque desta maneira pode acontecer que uns grãos de polvora, no acto de carregar, fiquem nas paredes do furo, inflammando-se quando se faz entrar a agulha, e além disso a polvora póde molhar-se e perder a sua força. Sendo o cartuxo preparado como acima fica mencionado, espeta-se o mesmo com uma agulha molhada em azeite, porem sem atravessar ou lacerar o fundo, e procedendo com precaução para não derramar a polvora, e collocando o cartuxo em o furo sem fazer esforços, de sorte que a agulha se ache no lado do papel na parede do furo, para não ser tocada pelo martello durante o enchemento do outro material; por isso a agulha ha de ter um comprimento para exceder o furo de 3 a 4 pollegadas, e não deve ser muito menor para poder ser bem manejada.

O instrumento para pilar, ha de ter o comprimento de 2 palmos, pelo menos, para exceder o fundo da agulha. Sendo o cartuxo assim collocado no fundo do furo, mette-se um taco de papel ou de um material molle, sem fazer esforços sobre o cartuxo comprimindo-o com o instrumento, e da mesma maneira o segundo e terceiro taco, porém sem fazer uso do martello para evitar uma explosão; os outros tacos consistentes de um material duro, como pedras, etc., se comprimem por meio de martelladas. Durante esta operação volta-se a agulha de tempo em tempo, principalmente quando se colloca o primeiro taco, para que ella não se constranja, e para poder ser tirada com facilidade. Cheio o furo, se faz uma camada de barro ao redor da agulha para que não entre polvora na abertura quando se tira fóra a agulha, e para se introduzir com facilidade o estôpim; feito isto se tira a agu-

MUTILADO

lha, e caso não se possa facilmente fazer, passa-se pelo fundo da agulha uma verruma effectuando o afastamento por meio de martelladas.

Na falta de cartuxos, se colloca a agulha envolvida em papel no furo; este envoltorio serve para dar fogo a polvora depois de ser tirada a agulha; praticado assim, se enche a abertura até o fundo com polvora, mettendo um estópim ou uma mecha, cujo cumprimento e tempo de combustão, depende do lugar, aonde o operario tem de collocar-se para não ficar subjeito a algum sinistro. Torna-se tambem necessario segurar o estópim com barro entre tiras de papel para não ser elle levado pela agitação do vento ou apagado pela pedra mesma.

Sendo todas estas precauções observadas para evitar qualquer sinistro, accende-se o estópim ou a mecha, retirando-se o operario para um lugar seguro. Caso não tenha pegado fogo a polvora, se tem de esperar até que todas as partes da carga sejam apagadas, approximando-se com cautela para examinar o motivo; sendo necessario de fazer entra a agulha, he indispensavel limpa-la a molha-la em azeite; mas não pegando fogo, deve-se molhar toda a carga com agua; porque a maneira de brocar a carga sem agua he muito perigosa.

Maior cautela ha de ser observada quando se accendam algumas cargas ao mesmo tempo, e por isso he indispensavel que um operario unico seja encarregado deste trabalho.

O instrumento, para pilar, ha de ser fabricado de ferro tenaz, porém molle, e a agulha de cobre.

Muitos sinistros, que unicamente derivaram da applicação de agulhas e instrumentos para pilar, fabricados de ferro, inflammando-se a carga durante o seu enchemento, tem demonstrado a necessidade de empregar ferramentas de cobre para evitar uma explosão; estas ferramentas de cobre tem porem o inconveniente de não ter grande dureza, e por isso tem de ser feitas muito grossas; por esse motivo a abertura se alarga muito e o effeito do tiro he menor; além disso o material se gasta em pouco tempo.

Sem perigo pode-se empregar agulhas de ferro, observando-se exactamente as seguintes precauções.

A). Empregar sempre cartuxos e não polvora só para a carga.

B). Fazer entrar a ponta da agulha somente até a metade do cumprimento do cartuxo, sem passar o fundo para não tocar a pedra.

C). Collocar, em cima do primeiro taco, um taco de barro humido.

D). Molhar a agulha em azeite, antes de fazer uso della (as agulhas de cobre tambem se molham em azeite).

Para arrebentar pedras, debaixo d'agua, se emprega um outro methodo, a qual posso tambem descrever se fôr preciso.

Forte do Campinho em setembro de 1852.

(Rudolpho Wachnelt.)
(Idem.)

Necrologia de 1853.

Principes e princezas. Francezes.—Estrangeiros.

A princeza Maria Amelia, filha das segundas nupcias do imperador do Brasil, D. Pedro I, e irmãa, por parte de pai, do actual imperador do Brasil, da fallecida rainha D. Maria de Portugal e da princeza de Joinville; o principe Henrique LXXII de Reuss-Lobenstein-Ekersdorf; Paulo-Frederico-Augusto, grão duque d'Oldemburgo, duque Scheswig-Holstein, principe de Lubeck e de Benvenfeld; o principe Carlos de Hohenzollern Sigmarigen; a princeza Amelia, filha do rei da Suecia Gustavo IV e irmãa do principe Gustavo Wasa e da grãa duqueza de Baden; Carlos Frederico, grão duque de Saxe Weimar; Jorge (Carlos Frederico), duque reinante de Saxe-Altemburgo; D. Maria da Gloria, rainha de Portugal; a sultana valida, mãi d'Abdul-Medjid.

Chefes do poder executivo. — Francezes: Arago (Francisco Dominique), membro do governo provisorio e da commissão executiva em 1848.

Estrangeiro: O general Bustamante, que foi tres vezes presidente da republica mexicana.

Clero.—Francezes: Dom Requier, ex-membro da ordem de San Bento; os padres Victor Vaillant; Miguel (Francisco) capellão-mór do imperador do Haiti; Benzelin, conego regular de Rouen; James parocho da diocese de Coutances; Pignolet, conservador da bibliotheca Mazarine; Delannay, decano do clero de Rennes; de Sannhac-Belcastel, bispo de Perpignan.

Estrangeiros: O cardeal Brinoles (genovez); William O'Higgins, bispo d'Armagh (Irlanda); Milde, arcebispo de Vienna (Austria); o cardeal Fernando-Maria Pignatelli; arcebispo de Palermo (Duas Sicilias); de Mosquéra, arcebispo de Bogota (Republica do Equador).

Ministros.—Francezes: F. D. Arago, ex-ministro da marinha, na republica.

Estrangeiros: O visconde Melbourne, ex-chefe do gabinete inglez; o conde de Seupft de Pisach (Austria); o marquez de Penaflorida, senador, ex-ministro (Hespanha); o marquez de Monte-Virgez, ex-ministro das finanças (idem): Medrano, senador, ex-ministro das finanças (idem); o conde Othon Moltke d'Espe e Brendorfs, ex-ministro de estado (Dinamarca); o vice-almirante Zarhtmann, ex-ministro da marinha (idem); o barão de Pallant Van Keppel, decano dos ministros de estado (Hollanda); Wischer, conselheiro, ex-ministro da justiça (idem); o barão Van Zeylen Van Nyevelt, ex-ministro do reino (idem); Halet-Effendi e Nafiz Pacha, ex-ministros das finanças (Turquia), o principe Platon Schirinski-Schikmatoff, ministro da instrucção publica (Russia); Seecrengen, conselheiro de estado na repartição da justiça (Norwega); o tenente-general conde Carlos Henricourt da Grune, ex-ministro e enviado dos Paizes-Baixos á Dieta germanica; o general Tornelli, ministro da guerra (Mexico); D. Luiz Lopez-Ballesteros, ex-ministro do rei Fernando VII (Hespanha); J. Alvares de Mendizabal, ex-ministro das finanças (idem); o conde de Vodel, ex-ministro dos cultos (Hanovre); o barão de Kulver, ministro sem pasta (Austria); o conde Stadion, ex-ministro do imperio (idem).

Diplomatas.—Francezes: Mr. Luiz Bellocq, ministro plenipotenciario de França junto do grão-duque de Toscana; de Mollien, primeiro secretario de embaixada em Londres ás ordens de Talleyrand.

Estrangeiros: o Sr. Gasibaldi, nuncio apostolico em Paris; Donoso Cortes, marquez de Valdegamas, embaixador de Hespanha em França; o conde Edmond Condenheven-Bailly, ministro plenipotenciario dos Paizes-Baixos em Vienna; Henrique Southern, ministro da Inglaterra no Brasil; o conde Etienne Zichi, ex-embaixador d'Austria em San Petersburgo; de Hœnlein, o Nestor dos diplomatas prussianos; de Bille, ministro da Dinamarca na Inglaterra; o barão de Venda da Cruz, ministro plenipotenciario de Portugal junto da Santa Sé; o cavalleiro Edgar-Guilherme de Coopmans, camareiro do rei de Dinamarca e seu ministro junto dos rei dos Belgas e do rei dos Paizes-Baixos, o general de Radowitz.

Membros, ou ex-membros das camaras legislativas — França — Assembléa constituinte de 1790. — Patieu-Lafosse, representante da colonia do Senegal.

Convenção nacional: — Fockedey, representante do departamento do Norte.

Conselho dos Quinhentos.—O conde Doulcet de Pontecoulant.

Camara dos Cem dias:—Demesmay pai (Doubs).

Camara da Restauração: — Carlosmagno pai, deputado do Norte; Pelissier (Herault), de Felegonde (Puy de Dome), Josse de Beauvoir (Loiz e Cher), de Corbiere (Tarn), de Roman e Pardessus (Loia e Cher), Marchegay (Cote d'Or).

Camaras de Luiz Filippe:—O barão Francisco Durand (Pyreneos-Orientaes), Fleury (Orne), Lenoble (Marne), Renet (Isére), o barão de Richemont (Saine e Oise), Emile Dubois (Sena inferior), Tribert (Duas Sevres), Prunelle (Rhodano), Laurent Humbold (idem), o barão Rivet (Somme), Gocouy do Roslan (Cantal), Fe. Arago (Pyreneos Orientaes).

Pariato.—O visconde de Jessaint, par no reinado; A. Odier, *idem*.

Constituinte de 1848.—Desiré Hannoye (Norte), Camus de la Guibourgore (Loire inferior), Regembul (Ain), Delbrel (Tarn e Garona), Miguel de Bourges (Cher), Deville (Altos Pyreneos), Aristides de Grandville (Loire inferior), de Bussieres (Aisne), Dumont (Calvad), Eugenio Charbert (Loiret), Marie (Cotes do Norte), Arago (F. D.) pelo Sena.

Assembléa legislativa:—Dejobert, membro dimissionario (Sena inferior), Mazé Lannay (Niévre.)

Corpo legislativo: — De Nongarede (Aveyron), Denesmay (Doubs), Lafon de Caix (Lot).

Senado:—O general visconde de Preval, o conde Eduardo de Lignon, Arrighide Casanova, duque de Padua, governador do hotel dos invalidos; o duque Victor de Belluno.

Estrangeiros:—O conde de Warwich membro das camaras dos lords (Inglaterra); Bretano, ex-ministro do parlamento de Francfort, morto nos Estados-Unidos, onde se tinha refugiado; D. José da Terra Aguayo, senador (Hespanha); o tenente-general D. Isidoro Alaix, senador (idem); o conde Ducie, par da Inglaterra; o conde de Tyrconnell, par da Irlanda; Destivaux, decano da camara dos representantes (Belgica); o marquez de Penaflorida, senador (Hespanha); Medrano, senador (idem); D. Alvaro Flores Estrada, senador (idem); Dominico Krinsinski, ex-membro da dieta da Polonia.

Conselho de estado.—Francezes:—Pons (de l'Herault), Taboureau, conde de Camerata, referendario.

Agentes consulares.—Francezes:—Galonia d'Istria, consul de França no Porto; Faramond, consul francez em Sydney; Parette, vice-consul de França em Tripoli de Syria; Felix Lacoste, consul-geral de França em New-York; Luiz Maria Cezar Famin, consul em Mogador; Adriano Delessert, secretario da legação franceza em Bogota.

Membros das cortes e tribunaes de justiça.—Francezes.—Tribunal da cassação:—Boyer, presidente honorario.—*Tribunal da Relação.*—O barão Boullenger, procurador geral em Ruão; Varembey, presidente da camara em Dinyora; Rabache, conselheiro em Amiens; de Metz-Noblat, conselheiro em Nancy; Febre de Rieunigre, conselheiro em Bordeos; Etienne Dumoultel, conselheiro honorario em Bourges; Beandoin, presidente da camara honoraria em Bourges; Constollene, conselheiro em Agen; Dubois, presidente honorario em Bourges; Janet de Laford, conselheiro em Nimes; Machart, conselheiro em Amiens; Salmen, conselheiro em Paris; Pontizac, conselheiro honorario em Reims; Decous, ex-procurador geral em Metz.—*Tribunaes de primeira instancia.*—Lagrenée, juiz em Paris; Fleury, vice-presidente em Paris; Antonio de San-José, juiz; Balleidier, presidente honorario em Nantes; Mittaine, presidente em San-Claude; Breffes, presidente honorerio em Niort; de Marson, Besse de Beauregard, presidente do tribunal civil de Clermont (Rey de Dôme); Marois, juiz em Dieppe.

Estrangeiros:—Tribunal de cassação dos Estados-Unidos, John Keilt. Tribunal superior da Norwega, Soereng, conselheiro.

Exercito.—Francezes:—O duque de Padua, general de divisão, governador dos invalidos; Mocquery, d'Hautpoul, de Freval, Faivre, Budan de Russé, o barão Schoulter, o barão Bailled, Cornemuse, Talon, de Tholere, Despans-Cubiéres, Montholon, de Rillet, o barão Voirol, Ravi, o barão Lahure, o conde de Santa Aldegonda, o barão Servatins, Thierry, o conde de Colbert, Lafleche, todos generaes de divisão.

O barão d'Estabenruth, o barão Faverot de Kerbrech, o barão João Thomaz, Courtot, o barão Vartuble, Scheulle, Roussellot, o visconde de San Marcos, Hugo, tio do illustre poeta, Lasnon, Nogués, irmão do grão marechal de palacio do rei de Hollanda, todos generaes de brigada.

Bandon de Nory, Lasalle, Echeman, de Ribeaux, de Joulgoet, intendentes militares, Palloc, vice-ministro.

O marquez de Maleshoit-le-Brue, ex-coronel das guardas do corpo: Stael de Holetein, capitão de cavallaria; Cloquemain, coronel de artilharia; de Beanvallon, coronel das milicias de la Basse-Teen; Billont ex-official; de Faremont, coronel do 8º de lanceiros; de Chargére, coronel do 62 de linha; Si-Achmed-ben-Mohammed-el-Mokrune, kalifado de Medina (provincia de Constantina); Marc, coronel reformado; Tallier, tenente-coronel de estado maior reformado; Sencrer, coronel reformado; conde de Nongarède, coronel reformado; Portal, ex-tenente coronel; Pedro Lins de Rigand, conde de Vandrevil, ex-official de artilharia; Picombeau, ex-coronel do 64 de linha; de Bauvilliers, coronel de estado maior; o coronel Jourdain antigo commandante das possessões francezas na India; de la Voyrie, coronel de gendarmeria, demissionario em 1830; Barthelemy, coronel reformado; Mathien, coronel de artilharia, o conde de Allonville ex-coronel; Nail, coronel de artilharia reformado; Preaux-Locré, coronel de artilharia; o coronel Kilé, que foi director da artilharia em Besançon; o conde de Mutrecy que tinha sido ajudante de campo de Poniatowski; Luiz de Cadoudal, ultimo irmão, que ainda sobrevivia, do celebre Jorge; de Lavergne, coronel do terceiro de dragões; Adam coronel reformado; o conde Frederico d'Averton, official retirado do serviço desde 1830, Roget, tenente-coronel; o coronel Lanier; o coronel Daro.

Estrangeiros. O feld-marechal austriaco, barão Hayman; o barão de Hart, tenente general hollandez; o conde Fredrico Conrado de Holstein, tenente general dinamarquez; Luiz Duvivier, tenente general belga; sir Thomas Gage-Montesor, tenente general inglez; de Radowitz, tenente general prussiano; Maillardoz, general suisso, que tinha tido o commando das propas friburguezas na guerra do Sonderbund; sir Charles Napier, tenente general, ultimo general em chefe do exercito inglez na India; o conde Francisco Rivarota, tenente general inglez,

O coronel de Gibelin, ultimo dos officiaes suissos que se acharam no dia 10 de agosto de 1792.

Marinha.—Francezes. Bazoche, contra almirante reformado; Gaultier de la Ferriére, antigo commissario geral; d'Heureux, commissario em chefe; Lemoine, capitão-tenente reformado; du Lac, official de marinha, morto com 105 annos de idade; o barão de Hanssay, ex-capitão tenente; Zeni, coronel de artilharia e de marinha; Alliez, capitão de fragata; Laborel, coronel de infantaria de marinha; José de Rosamel, capitão tenente, filho do antigo vice-almirante e ministro da justiça; Marenge, chefe da secretaria dos movimentos da esquadra no ministerio da marinha; de Salles Carrey de Lusancey, capitão tenente reformado; Leroux, chefe do corpo de engenheiros de marinha; Patarrieu-Lafesse, ex-inspector de marinha no Senegal, representante daquella colonia a assembléa constituinte; Dupony, capitão de fragata; o segundo tenente do navio *Bellot*, morto nos mares polares, fazendo parte da expedição ingleza enviada em procura do capitão Franklin.

Estrangeiros: o almirante Hahrlman, ex-ministro da marinha dinamarqueza; o almirante sir Charles Adam, governador do hospital de Greenwich (Inglaterra); o contra almirante Petersen, commandante em chefe da esquadra norwenguense; o contra almirante principe Wortinski, da marinha russa.

Sabios.—Francezes: F. D. Arago, secretario perpetuo da academia das sciencias, ex-ministro da marinha, ex-membro do governo provisorio e da commissão executiva; Augusto de Saint-Hilaire, botanico; Orfila, antigo decano da faculdade de medicina de Paris; Laurillard, anatomico; José Planche; Laurent, chimico; Adrien de Jussieu; de Gerville, correspondente da academia das inscripções e bellas lettras; Vilm, da academia das sciencias moraes e politicas.

Estrangeiros. Hoene Wonski (polaco); o doutor Frank, medico do rei de Saxonia; Overweg, viajante celebre (allemão); Leopoldo de Buch, geologo (Prussiano); o doutor Harless, medico (Austriaco); Antonio Kramer, chimico (Milanez); Pereira, medico (Inglez); Jorge Gregorio, medico (Inglez) ambos celebres; o doutor William Beaumont (Americano); Demetrio Gallano, linguista (Grego); Beuth, technologista (Prussiano).

Academia de medicina. —Francezes. — Devillera pai, Andral pai, João Luiz Maria Juirlemeau (correspondente), Hussou Abraham, Villeneuve, Desfrays (correspondente), Fourcault (correspondente), Bouriat, Pravaz, celebre em Lyão pelo impulso que fez dar a orthopedia.

Litteratura—Francezes.—Eduardo de Bazelaire; Merville, autor dramatico; o marquez de Saint-Genies; Charles Sewrin, decano dos autores dramaticos; Janffret, Charles Raymand, Duperche, autores dramaticos; o barão de Mengin-Fondragon, José Dourille, João Ayeard, Jorge Duval, J. B. Depping; Bayard, autor dramatico.

Estrangeiros. Jacintho Bilsehurim (Russo), B. Vonliarski (idem), D. J. Van Dennep (Hollandez), o conde de Belfast (Inglez), Luiz Teeck, poeta allemão; Eduardo Duller, poeta austriaco; Maselet, poeta sardo; Tommasso Grossi, poeta milanez; Van non Huys, escriptor hollandez.

Bellas artes — Francezes. Onolow do instituto, compositor de musica; Guillon, de Planan, Amedée de Beamplan, compositores de musica; Charles Bouton, pintor distinto, autor do *Diorama*; Blondel, pintor de historia; madamesella Coralie de Fourmond, pintora de historia; Lesage, pintor de historia; Theroult J. de Candin, Toursel, Michel Grobon, Hippolyto Adam, Augusto Vanderberg, pintores; A. L. Dumont, do instituto, esculptor; Fontaine, do instituto, architeto; Visconti, do instituto, architecto; Achiles Leclere, Guilherme Blonel, architectos; Jessi, gravador; Luciano Butavand, Chaillot ainé, Duronchail, gravadores; Formy, celebre rabequista; Gabriel Gantier, organista.

Estrangeiros. Frederico Schneider, compositor allemão; Pietro Combi, compositor veneziano; Foroni, compositor paduano; Samuel Schmudt, compositor allemão; o cavalleiro Pietro Raymondi, mestre de capella do Vaticano; Carlos Brigatti, organista italiano; Audrari ainé, mestre de capella de Fernando VII; Francisco Van Eyken, pintor de historia (Belga); Pieneman (Hollandez); Schaerr de Caroloburg (Austriaco); João Coulke (Flamengo); Silvagni (Italiano), todos pintores; Schubert, violoncellista (Allemão); Kloss, organista (Allemão).

Artistas dramaticos.—Francezes. Breton, excellente comico do theatro de Lyão; Brunet, Odry, das variedades; madamesella Flora, Dubouyal, (idem); madamesella Marth, do Vaudeville; M.e Desbrosses da comedia franceza; Arnand, do theatro de Marselha; Dabadie, pensionista da academia de musica; Barnabé Leroux, conhecido pelo nome de Hemy; Filippe Galli, dos Italianos; M.e Margarida, nascida em Menestier, ex-actriz do Vaudeville; Luiz Despont, bailarino da opera; Thenard, do Odeon; madamesella Galle, do palacio Real.

Estrangeiros.—Guerin Brutus Borth, actor eminente dos Estados-Unidos; Resier Faosen, artista e director do theatro francez de Amsterdam; madamesella Tella, do theatro de Berlin; M.e Rouzi Debegnis, cantora italiana; Carlos Devrint, tragico allemão; John Savil Tancil, actor inglez.

Jornalistas.—De Paris. Anatole Leray, ex-redactor da *Presse*; morto em viagem para a Australia; Victor Migne, fundador e redactor em chefe do *Journal des Faits*; Grille, ex-redactor em chefe do *Messager des Chambres*; o visconde Hector de Jailly, ex-redactor dos jornaes *A France* e o *Corsaire*, de Beauregard, redactor da *Gazett de France*.

Dos departamentos.—F. Z. Collombt, redactor da *Gazett de Lyon*; A. Lenotre, gerente do *Nouvelliste*, de Marselha; Bramolin, pai, fundador e redactor da *Abeille des Vosges*, em Epinal; Victor Mangin, pai, redactor em chefe do *Phare de la Loire*, que se tornou *National de l'Ouest*, e tendo tomado outra vez seu titulo primitivo por causa dos ultimos acontecimentos politicos; Beaurain, redactor em chefe do *Courrier des Vosges*; Renard-Rohard, ex-collaborador do *Progrés du Pas-de-Calais*; Diseré Carriérre, um dos redactores da *Esperance*, de Nancy; Neven, ex-redactor em chefe da *Patrie*, de Clermont-Ferrand; Zadey Rivaux, redactor em chefe do *Charentais*; J. J. Jullien, ex-collaborador do *Courrier de Nantes*.

Diversos.—O barão de Richmont, mais conhecido pelo nome de coronel Gustavo, e um dos pretendentes aos titulos e direitos de Delfin, duque de Normandia (Luiz XVII); Jaques Scevole Cazott, filho Jaques Cazott autor do *Diabo Amoroso*, e irmão de Isabel Cazotte, a heroin de l'Abaye; Felix, sabio jurisconsulto; Francisco Carlos — L. Alberto, de Straburgo, membro do conselho geral das fabricas e manufacturas; o visconde d'Espiny-San-Luiz, ex-official superior nos exercitos de Condé; o visconde de Vins de Graville, ex-prefeito do palacio do imperador; o coronel de Gibellin, o ultimo dos officiaes suissos, que se acharam no dia 10 de agosto de 1792; Maillardoz, que tinha commandado um corpo de tropas friburguezas na guerra de Sonderbund; o conde d'Alleuville, ex-prefeito; Mr. Fournier, recebedor particular; Maurice O'Connell, filho mais velho do illustre orador.

James Arthur Kaley, gigante escossez; conde Honoré de Sussy, ex-director do gabinete das medalhas da casa da moeda; o principe de Beauffremont Courtenay, ex-ajudante de campo do duque de Berry; Pedro Fieschi, filho do autor da machina infernal; Guibourg, engenheiro de pontes e calçadas; Anselmo Halphen, regente do banco de França; Emilio Deville e Darel, viajantes francezes, mortos no Brasil, da febre amarella; o visconde de Bonchamp, primo co-irmão do celebre general vandeane; José Augusto de Coussy, antigo agente de cambio (tinha sido secretario intimo do rei de Napoles; Wateau, ultimo herdeiro do nome do celebre pintor; Dominique Krysinski, ex-nuncio na dieta de Polonia; Luiz Bouffé, director do theatro do Vaudeville.

Dubouchet, *l'homme á la buette*; o principe Gaston de Montmorency; o duque de Carigliano Corsini; o aeronauta Deschamps.

Mulheres.—As Sr.as Kossuth, mãi de Luiz, o ex-dictador da republica hungara; Raspail; Josephina Weis; Abatucci, esposa do ministro da justiça, condessa Armand de Houdetot, nascida em Destouches, condessa de Menon; de Roger; Josephina de Rouvray Saint Sinzon, condessa de Talhouet; a marqueza de Mornay; Catharina Eugenia Revel, viuva de Mr. Boulty, autor da obra intitulada l'Abée de l'Epée; a condessa Merlin, esposa do general Merlin, filho do celebre jurisconsulto membro do directorio; a duqueza viuva de Bedford, cunhada de Sir John Russell; a duqueza viuva de Lorge nascida de Jaucont; Pretti, nascida de Thiers, tia de Mr. Thiers; a baroneza Charles Meyer de Rothschild, de Napoles; de Carmonin, mulher do conselheiro de estado; a baroneza Achard, mulher do Sr. general Achard, senador; Hennequim, viuva do celebre advogado, e mãi de Mr. Victor Hennequim, ex-representante; marqueza de Vins de Peysac, antiga dama de honor da duqueza de Orleans; Paul Firmin Didot, enteada de Mr. Firmino Didot, o impressor; Royer Collard, viuva do celebre deputado.

As Sr.as de Lessep, mulher de Mr. Fernando de Lessep, que foi embaixador em Madrid; Bouzet, superintendente honoraria da casa de San Diniz; a princeza Delgourouki, nascida condessa de San-Priest, mulher do ministro da guerra (Russia); Mac-adam, viuva do engenheiro, que deu seu nome ao novo systema de estradas; Jenny Bastide, que escreveu debaixo do pseudonimo de M.e Camilla Bodin; Armande Rolland, a celebre socialista, morta em Lyão, tendo voltado da Africa: Marthe, artista do Vaudeville; Flora artista das varietés.

Centenarias.—O Sr. duque do Lac, ex-official de marinha, morto em Brioule com 103 annos de idade; uma de suas filhas tinha esposado o general Cadoudal; — a mulher Lestrade, viuva Champardon, morta em Villefranche (Yonne), na idade de 108 annos; a viuva Grandfond, fallecida em Jargeau tendo quasi 110 annos de idade; a viuva Leclerc, morta em Paris, tendo 105 annos e 8 mezes de idade.

(Presse.)

COMMERCIO.

PRAÇA DO RECIFE 15 DE FEVEREIRO AS 3 HORAS DA TARDE.

Cotações officiaes.

Cambio sobre Londres — a 28 1/4 d. 60 d/v.

Assucar mascavado regular e escolhido — a 1$600 e 1$750 por arroba.

ALFANDEGA.

Rendimento do dia 1 a 14	165:273$524
Idem do dia 15	16:058$860
	181:332$384

Descarregam hoje 16 de fevereiro.

Barca ingleza — *Town of Liverpool* — ferro e carvão.
Barca ingleza — *Rothesay* — bacalhao.
Brigue inglez—*Glaucus*—idem.
Brigue portuguez — *Tarujo I* — mercadorias.
Hiate brasileiro — *S. José* — couros e sola.
Barca ingleza — *Lady Kinaird* — carvão.

Importação.

Brigue portuguez *Tarujo I*, vindo de Lisboa, consignado a Manoel Joaquim Ramos e Silva, manifestou o seguinte:

27 pedras de cantaria; aos membros da commissão das obras da igreja matriz da Boa-Vista.

4 caixotes chapéos, 1 dito mercurio, 15 pipas vinagre, 1 caixa tecidos de seda, 21 caixotes cera em velas, 121 ancoretas azeitonas, 2 caixas papel, 20 ancoretas chouriças, 50 barris vinho, 25 moios sal, 2 vaccas com duas crias; a Manoel Joaquim Ramos e Silva.

1 caixa doce secco, 1 lata rapé, 5 caixas rapé princeza; a João José de Carvalho Moraes.

50 barris cal em pedra, 6 sacadas de cantaria para varanda; a José Teixeira Bastos.

50 barris cal em pedra; a David Ferreira Baltar.

1 caixote chapéos, 8 barris vinho, 2 caixas mercurio, bonets, navalhas e obreias; a Augusto Cesar de Abreu.

1 caixa livros; a Manoel da Silva Santos.

2 fardos macella, 2 ditos flor de sabugueiro, 1 dito flor de borrages, 1 dito malvas, 1 dito rosas, 5 caixas vidros, 1 dita drogas medecinaes, 1 fardo alfazema; a João da Conceição Bravo.

1 caixote mercurio e papeis de rebique, 2 pacotes peneiras e luvas, 20 caixas cera em velas, 50 barris cal em pedra; a Bento Candido de Moraes.

110 barris sardinhas; a Manoel José Fernandes de Macedo.

3 caixas e 1 caixote livros, 1 fardo papelão; a Miguel José Alves.

1 caixa mercurio; a Feidel Pinto & C.

50 barris cal em pedra; a Antonio José Leal Reis.

200 canastras azeitonas; ao visconde de Loures.

1 caixote pelles de carneiras, 1 atado sola; a Lino Ferreira Pinto.

9 caixotes pedras para tumulos, 1 dito impressos; a Manoel Francisco da Silva Carriço.

15 caixas cera em velas; a Antonio Valentim da Silva Barroca.

1 caixa cochins de linho; a Domingos Alves Matheus.

1 encapado peneiras de arame; a João Alves de Souza.

1 caixa miudezas, 1 dita braços de balança, 2 fardos peneiras de arame, 1 dito luvas; a Antonio Joaquim Vidal.

1 caixote cartilhas; a Joaquim Monteiro da Cruz.

1 barril vinho; a Luiz Antonio de Siqueira.

8 pipas e 35 barris vinho, 10 pipas vinagre, 12 caixas cera em velas, 43 barris cal em pedra, 1 lata livros, damascos, galões de ouro e retroz; a Oliveira Irmãos & C.

54 barricas e 20 barris sardinhas, 50 caixotes cera em velas, 7 caixas e 1 fardo ervas medicinaes; a Francisco Severiano Rabello & Filho.

33 barris sardinhas; a Manoel José da Cunha Porto.

1 caixa vidros e drogas, 1 dita vidros e bombas para leite, 1 embrulho vermelhão; a Moreira & Fragoso.

1 fardo flor de sabugueiro, 1 dito macella, 1 dito tilia, 1 dito limalha de ferro e alecrim; a J. Soum.

1 barril carne de porco, 1 caixote sementes de flores, 1 dito conservas alimentares; a Amorim & Irmãos.

3 barris com chispes e cabeças de porco; a Polycarpo José Laine.

400 ancoretas azeitonas; a Francisco Alves da Cunha & C.

20 barris azeite doce, 1 caixote candieiros de latão, 1 dito livros, 5 ditos bolacha, 16 pipas e 100 barris vinho, 20 barricas, 7 meias ditas e 7 barris sardinhas; a Thomaz de Aquino Fonseca & Filho.

1 caixão com um retrato; a Francisco João de Barros.

4 pipas vinagre, 1 caixa braços de balança; a Joaquim Lopes de Almeida.

1 caixão livros; a Luiza Maria de Almeida Pinto.

25 barris sardinhas; a Domingos José Ferreira Guimarães.

30 barris sardinhas, 30 canastras batatas; a Antonio Alves Vilella.

10 barris azeite doce; a Narciso José da Costa.

15 caixas cebolas, 20 canastras batatas, 10 barris azeite doce; a Antonio Joaquim de Souza Ribeiro.

1 caixote livros; a Maria Carolina Xavier Marques.

1 lata meias e gorgurões; a José Joaquim de Lima.

10 barris castanhas piladas, 35 caixas ameixas seccas, 39 barris cal em pedra; a Manoel Ignacio de Oliveira.

30 barris cal em pedra; a Sebastião José da Silva.

60 barris sardinhas, 16 barris cavalinhas; a Manoel do Rego Lima.

3 pipas e 15 barris vinho, 7 pipas e 6 meias ditas vinagre, 15 barris azeite doce, 20 saccas pimenta da India, 8 barricas amendoas, 50 saccas feijão, 1 caixote braços de balança; a Machado & Pinheiro.

40 canastras castanhas, 15 caixotes figos passados, 4 ditos marmelada, 4 caixas fructas seccas, 40 ditas cebolas, 10 barricas nozes, 3 volumes ameixas: a Novaes & C.

32 caixas ameixas seccas, 6 barricas castanhas piladas, 1 caixote maça de tomates, 80 barris sardinhas, 2,000 molhos cebolas; a Luiz José da Costa Amorim.

1 caixote imagens; a Diogo Halliday.

30 ancoretas vinho; a Francisco de Paula Pereira.

1 barril vinho, 1 sacca favas, 1 caixote flores artificiaes; a Marcelino Jeronymo.

1 pacote toalhas e panno de linho; a Tiburcio V. Baptista.

1 caixão livros; a Ricardo de Freitas & C.

3 caixas drogas; a Torres & Castro.

4 caixotes e 1 fardo drogas; a Bartholomeo Francisco de Souza.

8 caixas, 4 barricas e 10 fardos drogas; a Antonio Luiz de Oliveira Azevedo.

2 caixotes sardinhas; a José V. de Lima.

6 caixas e 1 fardo drogas; a Joaquim M. da Cruz Corrêa.

1 encapado esteiras para salla, 2 caixotes imagens e pertences, 2 latas amendoas e flores de sabugueiro, 1 barril calda de tomate, 1 caixote doce, 1 barrica bolacha, 1 encapado estampas de santos e bentinhos, 1 barril um encapado, 1 barrica ignora-se, 2 encapados e 1 pacote livros, 1 pacote colheres de prata, 1 caixa frutas seccas, 1 dita objectos bordados, 50 molhos cebolas; 3 ditas louro, 2 gaiolas com passaros, 1 sacco dinheiro, 1 pacote folhetos, 2 saccas farellos; a ordem.

CONSULADO GERAL.

Rendimento do dia 1 a 14	32:171$056
Idem do dia 15	447$585
	32:618$641

DIVERSAS PROVINCIAS.

Rendimento do dia 1 a 14	2:539$739
Idem do dia 15	513$749
	3:053$488

Exportação.

Parahiba, hiate brasileiro *Tres Irmãos*, de 30 toneladas, conduzio o seguinte:—73 volumes fazendas, 38 ditos ferragens, 5 ditos molhados.

Canal, brigue inglez *Teasens* de 212 toneladas, conduzio o seguinte:—3,000 saccos com 15,000 arrobas de assucar.

RECEBEDORIA DE RENDAS INTERNAS GERAES DE PERNAMBUCO.

Rendimento do dia 15.	397$577

CONSULADO PROVINCIAL.

Rendimento do dia 1 a 14	24:262$574
Idem do dia 15.	1:273$205
	25:535$779

MOVIMENTO DO PORTO.

Navios entrados no dia 15.

Rio de Janeiro—17 dias, barca brasileira *Firmeza*, de 244 toneladas, capitão Fermiano Gonçalves Rosas, equipagem 12, em lastro; a Manoel da Silva Santos. Passageiro, Antonio Vieira M. Evora.

Mar Pacifico, tendo sahido de New-Bedford ha 28 mezes—Barca americana *Nemzod*, capitão M. N. Samburn, carga azeite de peixe. Veio refrescar e segue para New-Bedford.

Navios sahidos no mesmo dia.

Ilha de Fernando—Patacho transporte brasileiro *Pirapama*, commandante Camillo de Lellis Fonseca. Conduzindo 21 sentenciados, inclusive 2 mulheres, 1 praça do exercito e 1 sentenciado que vieram da mesma ilha em uma jangada, e 2 mulheres de passagem.

Parahiba—Hiate brasileiro *Tres Irmãos*, mestre José Duarte de Souza, carga varios generos.

Canal—Brigue hamburguez *New Ed*, capitão P. Oesau, carga assucar.

Idem—Brigue brasileiro *Sarah*, capitão João Francisco Xavier da Fonseca, carga assucar.

Falmouth—Escuna dinamarqueza *Lchierbeck*, com a mesma carga que trouxe. Suspendeu do lameirão.

EDITAES.

—O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que no dia 16 de fevereiro proximo vindouro, vai novamente a praça para ser arrematada a quem por menos fizer a obra dos concertos da cadeia da villa do Cabo, avaliados em 825$009 rs.

A arrematação sera feita na fórma dos arts. 24 e 27 da lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessôas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta no dia acima declarado pelo meio dia competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.—Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 24 de janeiro de 1854.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.º Os concertos da cadeia da villa do Cabo far-se-hão de conformidade com o orçamento approvado pela directoria em conselho, e apresentado á approvação do Exm. presidente na importancia de 825$000 rs.

2.º O arrematante dará principio as obras no prazo de quinze dias, e deverá concluí-las no de tres mezes, ambos contados de conformidade com o art. 31 da lei n. 286.

3.º O arrematante seguirá na execução tudo o que lhe for prescripto pelo engenheiro respectivo não só para boa execução do trabalho, como em ordem de não inutilisar ao mesmo tempo para o serviço publico todas as partes do edificio.

4.º O pagamento da importancia da arrematação verificar-se-ha em duas prestações iguaes: a 1ª depois de feitos dous terços da obra; e a segunda depois de lavrado o termo de recebimento.

5.º Não haverá prazo de responsabilidade.

6.º Para tudo o que não se acha determinado nas presentes clausulas nem no orçamento, seguir-se-ha o que dispõe a lei provincial n. 286.—Conforme.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia de 23 do corrente, que manda fazer publico que, nos dias 14, 15 e 16 de fevereiro proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, se ha de arrematar a quem por menos fizer a obra do 5.º lanço da ramificação da estrada do sul para a villa do Cabo, avaliada em 19:800$000 rs.

A arrematação sera feita na forma dos artigos 24 e 27 da lei provincial numero 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta nos dias acima declarados pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*. — Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 24 de janeiro de 1854.—O secretario.— *Antonio Ferreira da Annunciação.*

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.º As obras do 5.º lanço da ramificação da estrada do Cabo serão feitas de conformidade com o orçamento, plantas e perfiz approvados pela directoria em conselho e appresentados a approvação do Exm. Sr. presidente na importancia de 19:800$000 rs.

2.º O arrematante dará principio as obras no prazo de um mez e deverá concluí-las no de 12 mezes ambos contados na forma do artigo 31 da lei numero 286.

3.º O pagamento da importancia da arrematação realisar-se-ha em quatro prestações iguaes; a 1.ª depois de feito o primeiro terço das obras; a 2.ª depois de concluido o segundo terço; a 3.ª na occasião do recebimento provisorio, e a derradeira depois da entrega definitiva, a qual realisar-se-ha um anno depois do recebimento provisorio.

4.º Seis mezes depois de principiadas as obras deverá o arrematante proporcionar transito ao publico em toda a extenção do lanço.

5.º Para tudo o que não se acha determinado nas presentes clausulas nem no orçamento, seguir-se-ha o que dispõe a respeito a lei numero 286. — Conforme.—O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

— O Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da resolução da junta da fazenda, manda fazer publico, que no dia 16 de fevereiro proximo vindouro, vai novamente á praça, para ser arrematada a quem por menos fizer a obra dos concertos da cadeia da villa Serinhaem, avaliada em 2:750$000 rs.

A arrematação será feita na forma dos artigos 24 e 27 da lei provincial numero 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausula especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação compareçam na sala das sessões da mesma junta no dia acima declarado, pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thezouraria provincial de Pernambuco 24 de janeiro de 1854.— O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

Clausulas especiaes para a arrematação

1.º Os concertos da cadeia da villa de Serinhaem far-se-hão de conformidade com o orçamento approvado pela directoria em conselho e appresentado á approvação do Exm. presidente na importancia de 2:750$000 rs.

2.º O arrematante dará principio as obras no prazo de um mez e deverá concluí-las no de seis mezes, ambos contados na forma do artigo 31 da lei numero 286.

3.º O arrematante seguirá nos seus trabalhos tudo o que lhe fôr determinado pelo respectivo engenheiro, não só para a boa execução das obras como em ordem de não inutilisar ao mesmo tempo para o serviço publico todas as partes do edificio.

4.º O pagamento da importancia da arrematação terá lugar em tres prestações iguaes; a 1ª depois de feita a metade da obra; a 2ª depois da entrega provisoria; e a terceira na entrega definitiva.

5.º O prazo da responsabilidade será de seis mezes.

6.º Para tudo o que não se acha determinado nas presentes clausulas nem no orçamento seguir-se-ha o que dispõe a lei provincial n. 286.—Conforme. — O secretario, *Antonio Ferreira da Annunciação*.

— Illm. Sr. inspector da thesouraria provincial, em cumprimento da ordem do Exm. Sr. presidente da provincia, manda fazer publico que no dia 16 de fevereiro proximo vindouro, perante a junta da fazenda da mesma thesouraria, vai novamente á praça para ser arrematada a quem por menos fizer a obra dos concertos da cadeia da villa do Páo d'Alho, avaliada em 2:860$000 rs.

A arrematação será feita na forma dos arts. 24 e 27 da lei provincial n. 286 de 17 de maio de 1851, e sob as clausulas especiaes abaixo copiadas.

As pessoas que se propozerem a esta arrematação, compareçam na sala das sessões da mesma junta nos dias acima declarados, pelo meio dia, competentemente habilitadas.

E para constar se mandou affixar o presente e publicar pelo *Diario*.

Secretaria da thesouraria provincial de Pernambuco, 14 de janeiro de 1854.— O secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação*.

Clausulas especiaes para a arrematação.

1.º As obras dos reparos da cadeia de villa de Páo d'Alho serão feitas de conformidade com o plano e orçamento, approvados pela directoria em conselho, e apresentados a approvação do Exm. Sr. presidente, na importancia de 2:860$000 rs.

2.º As obras começarão no prazo de 30 dias e serão concluidas no de 4 mezes, ambos contados de conformidade com o que dispõe o art. 31 do regulamento das obras publicas.

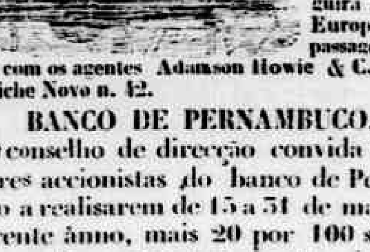
3.º A importancia da arrematação sera paga em tres prestações sendo, a primeira de dous quintos pagos quando o arrematante houver feito metade das obras; a segunda igual a primeira, paga no fim das obras, depois do recebimento provisorio, e a ultima paga depois do anno de responsabilidade e entrega definitiva.

4.º Para tudo o que não estiver determinado nas presentes clausulas ou no orçamento, seguir-se-ha as disposições da lei n. 286 de 19 de maio de 1851.—Conforme o secretario, *Antonio Ferreira d'Annunciação*.

— Tendo de se proceder no dia 18 do corrente a apuração geral dos votos para um deputado á assembléa geral legislativa, para preencher a vaga, que na respectiva camara deixou o Exm. Sr. conselheiro, ministro da justiça, Dr. José Thomaz Nabuco de Araujo; a camara municipal convida a quem quizer assistir a esse acto, a comparecer na casa de suas sessões, no dia indicado, das 9 horas da manhãa por diante. Paço da camara municipal do Recife em 15 de fevereiro de 1854.—*Barão de Capibaribe*, presidente.—*João José Ferreira de Aguiar*, secretario.

DECLARAÇO'ES.

Real companhia de paquetes a vapor.

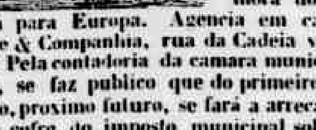


No dia 20 deste mez espera-se do sul o vapor *Great Western*, commandante Bevis, o qual depois da demora do costume seguirá para a Europa: para passageiros trata-se com os agentes Adamson Howie & C., rua do Trapiche Novo n. 42.

BANCO DE PERNAMBUCO.

O conselho de direcção convida aos senhores accionistas do banco de Pernambuco a realisarem de 15 a 31 de março do corrente anno, mais 20 por 100 sobre o numero de acções com que tem de ficar, para levar a effeito o complemento ao capital do banco de dous mil contos de reis, conforme a resolução tomada pela assembléa geral de 26 de setembro ultimo. Banco de Pernambuco 11 de fevereiro de 1854.—O secretario do conselho de direcção.—João Ignacio de Medeiros Rego.

Companhia de vapores de Liverpool.



Espera-se dos portos do Sul o vapor *Brasileira*, Cox commandante, no dia 16; depois da demora do costume seguirá para Europa. Agencia em casa de Deane Youle & Companhia, rua da Cadeia velha n. 52.

— Pela contadoria da camara municipal desta cidade, se faz publico que do primeiro ao ultimo de março, proximo futuro, se fará a arrecadação, á bocca do cofre, do imposto municipal sobre estabelecimentos, ficando sujeitos a multa de 3 %, os que o não fizerem no mencionado prazo.—No impedimento do contador.—O amanuense, *Francisco Canuto da Boaviagem*.

COMPANHIA DE SEGUROS INDEMNISADORA.

No dia sexta-feira 17 do corrente mez, haverá assembléa geral desta companhia, para a approvação dos senhores accionistas, em conformidade do art. 43 dos estatutos: pelas 11 horas da manhaã na sala da associação commercial.

AVISOS MARITIMOS.

Ceara' e Acaracú.

Segue no dia 15 do corrente o hiate *Sobralense*, outr'ora *Flor de Cururipe*, recebe carga e passageiros: trata-se com Caetano Ciriaco da C. Moreira, ao lado do Corpo Santo, loja de massames n. 25, ou com o capitão.

— Para o Maranhão e Para' vai sahir com a maior brevidade possivel, por ter parte de sua carga, o brigue nacional «Brilhante», do qual he capitão Francisco Cardia: quem no mesmo quizer carregar ou ir de passagem, para o que tem bons commodos, dirija-se ao capitão, na praça do commercio, ou a Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 54.

— Para a Bahia segue com presteza o veleiro hiate nacional Fortuna, capitão José Severo Moreira Rios, para o resto da carga ou passageiros, trata-se com os consignatarios A. de Almeida Gomes & Companhia, na rua da Cadeia do Recife n. 47, primeiro andar.

— Para a Bahia segue em poucos dias a veleira sumaca *Hortencia*, por ter parte de sua carga prompta: para o resto trata-se em casa de seu consignatario Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

— Para a Bahia segue em poucos dias a veleira garopeira *Livração*: para o resto da carga trata-se em casa de seu consignatario Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

GRANDE ESPECTACULO.

QUINTA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 1854.

Vigesima-segunda recita da assignatura.

Depois de executada pelos professores da orquestra uma das melhores ouverturas, seguir-se-ha a representação do sempre applaudido drama, ornado de lindas peças de musica:

A GRAÇA DE DEOS.

Sendo representado pelos mesmos actores com que subio a scena a ultima vez neste theatro.

No intervallo do segundo ao terceiro acto a senhora Deperini cantará uma aria de sua escolha.

Finda a representação do drama será executado pela companhia de baile um lindo e gracioso bailete comico em um acto, intitulado:

MALVINA OU AS MOLURAS.

Personagens.

Stanhollo negociante de farinha o Sr. Santa Rosa.
Malvina filha de Antonio a Sr.ª Baderna.
Carlo Dondini moleiro e amante de Malvina o Sr. L. Cantarelli.
Pedro Raphael, moleiro, o Sr. De-Vecchy.
Maria Moquinetta, camponeza, a Sr.ª E. Pessina.
Thereza Moquineta, camponeza, a Sr.ª C. Cantarelli.
Thedeo, camponez, a Sr.ª R. Cardella.
Moleiros e camponezes.

Dará fim o bailete com uma tarantella napolitana, dansada pelas senhoras Baderna, Cantarelli, Cardella, Pessina e os senhores De-Vecchy e Cantarelli.

Este engraçado baile comico he posto em scena pelo muito acreditado compositor o Sr. J. De-Vecchy, e cujas engraçadas scenas e lances comicos muito devem agradar ao respeitavel publico.

Os bilhetes estão á venda no escriptorio deste theatro.

LEILO'ES.

GRANDE LEILAÕ.

O agente Borja Geraldes, quinta feira 16 do corrente as 10 1/2 horas da manhãa no seu armazem na rua do Collegio n. 14, fará um grande leilão de diversas obras de marcenaria, assim como de diversas peças de vidro, e outros muitos objectos que na occasião do leilão serão patentes.

SABBADO 18 DO CORRENTE.

RUA DO COLLEGIO N. 14.

LEILAO' EXTRAORDINARIO

De uma grande porção de livros, contendo diversas obras religiosas, de direito, litteratura e varios romances recreativos, tanto em francez como em portuguez, e algumas obras tambem em latim.

O AGENTE BORJA GERALDES.

Fará o leilão das obras acima mencionadas as 10 horas em ponto, sem recusa de qualquer preço.

— Victor Lasne continuará, por intervenção do agente Oliveira, o seu leilão de esplendido sortimento de fazendas, principalmente francezas, e as mais proprias do mercado: quinta-feira 16 do corrente, as 10 horas da manhãa, no seu armazem, rua da Cruz.

Sexta-feira 17 do corrente, as 10 1/2 horas da manhãa, o agente Antunes fará leilão em seu armazem, rua da Cruz n. 25, de trastes de todas as qualidades novos e usados, apparelhos de porcellana para cha, vidros para serviço de mesa, candelabros, candieiros para meio de sala, espelhos um rico apparelho de porcellana branca para banquete, uma porção de sabonetes finos perfumados, caixas de velas de carnaube de primeira sorte feitas no Aracaty, um piano inglez, uma cadeirinha de arruar, quadros de diversos gostos, obras de ouro, ditas douradas, oculos de alcance, livros com estampas chinezas, grande porção de charutos da Bahia superiores e ordinarios, e muitos outros artigos que serão apresentados a competencia publica.

— Ficou transferido para hoje as 11 horas da manhãa, o leilão dos charutos—marca estrella—, que tinha sido annunciado para o dia 15.

LEILAO' DE FAZENDAS.

O agente Borja Geraldes, de ordem dos credores de João Baptista da Silva Lobo, terça-feira 21 do corrente as 10 1/2 horas da manhãa, fará leilão das fazendas e dividas existentes na loja da rua do Passeio Publico n. 5, pelo maior preço que fôr offerecido.

AVISOS DIVERSOS.

O Cosmopolita.

Sahio hoje o 8. numero, e acha-se a venda na rua do Crespo, loja de livros do Sr. Antonio Domingues.

Ao armarinho do Cardeal!

Mascaras de arame e de panno
Com cêra e de papelão;
Muitas não teem machinismo,
Outras teem mola e cordão.

Umas são feias, e outras
São gestos de seraphim,
Freguezes chegai depressa
Vinde vê-las, eia, a mim!

No numero trinta e oito
Do Rosario larga a rua,
Achará quem desejar
Outra cara para a sua.

— Pede-se ao Sr. Moreira, cortador de carnes verdes no assougue grande da ribeira, que quando lhe sobrar carne podre, que leve para casa, e não dê de contrapezo aos compradores.

Uma pessoa que tem a precisa theoria e pratica de escripturação commercial, e que alem disso sabe um meio de arranjar a escripta de modo que se possa dar balanços diarios: se offerece-se para escripturar os livros de qualquer negociante desta praça, podendo-a fazer em sua propria casa, ou nos escriptorios respectivos: a tratar na rua do Queimado, numero 36, ou no pateo do Collegio n. 2.

— Na loja da rua do Crespo n. 10, deseja-se fallar com os Srs. José Cipriano Antunes, Antonio Vicente da Cruz, Ignacio Neves de Araujo, e Antonio Muniz Pereira. *J. G. Maleeira.*

— Os herdeiros do Sr. coronel Francisco Jacintho Pereira, tem carta do norte, na livraria ns. 6 e 8, da praça da Independencia.

Caixa commercial.

De ordem do Sr. presidente da assembléa geral da caixa commercial, avisa-se as pessoas que subscreveram para esta direcção, que na sexta-feira 17 do corrente, pelas 4 horas da tarde, terá principio a discussão do projecto dos estatutos da mesma caixa na casa do gabinete portuguez de leitura, defronte da igreja de S. Francisco.

— Perdeu-se uma pulceira com brilhante, na povoação do Monteiro na noite de domingo 13 do corrente: quem a achou e a quizer restituir a sua dona, entregue-a na loja n. 3 na rua do Crespo, que querendo será recompensado.

— Luiz José de França Carioca, brasileiro, vai a provincia do Para a tratar de sua saude.

— Amantes do theatro, hoje temos a Graça de Deos, vamos apreciar a D. Orsat no papel de Pedrinho; assim como a D. Gabriella na Chonchon, que muito nos satisfez quando a vimos representar este papel. O amigo do que he bom.

— Amigos do bello drama, a *Graça de Deos*, vamos hoje apreciar a D. Manoelita no papel de Maria, pois que muito bem tem-se havido nas vezes que a temos visto, e o Sr. Costa no Laustalot., D. Grbriela na Chonchon.

— Precisa-se de uma ama para casa de pouca familia; na rua das Trincheiras n. 50, segundo andar.

— Pergunta-se a illustre direcção do gabinete portuguez, que responsabilidade tem o intitulado guarda do mesmo; e se este tem por tal encargo, prestado a fiança que parece lhe deve ser exigida. Isto deseja saber, e talvez se disponha a voltar.—*O Dias.*

— Offerece-se uma mulher de meia idade para servir a uma casa de pouca familia, a qual cozinha perfeitamente, engomma e faz o mais serviço de portas a dentro: dirijam-se a rua das Aguas-Verdes, defronte do oitão da igreja do Terço n. 89.

Muita attenção.

Novamente se faz ver as pessoas que estão devendo na loja n. 59 da rua do Queimado, que foi de Manoel Joaquim da Silva Ferraz, que venham satisfazer seus debitos, pois o abaixo assignado, dono da mesma, esta dando principio a cobrança amigavel ou judicialmente sem excepção de pessoas, e para que não tenham queixa, faz o presente.

Manoel Rodrigues da Silva.

— Aluga-se uma preta, crioula, que sabe bem engommar, ensaboar, cozinhar e fazer todo o serviço de uma casa com limpeza e aceio; tambem se aluga um moleque de bonita figura, que sabe fazer todo o serviço de casa, e serve para mandados por ser muito intelligente e fiel: a tratar na rua Real (chora meninos) casa n. 3, que tem portão ao lado.

— Não tendo comparecido no dia 13 do corrente os credores do fallido Bento Joaquim Cordeiro Lima, para se tratar da verificação dos creditos, e nomeação de administradores, de novo são pelo presente convidados para o mesmo fim, no dia 21 do corrente, as 10 horas, na casa da residencia do Sr. Dr. juiz do commercio da segunda vara, na rua estreita do Rosario, segundo andar.

— Precisa-se comprar uma carroça que seja bem construida, e por commodo preço; quem a tiver, dirija-se á casa de pasto, cova da onça, que achara com quem tratar.

— Na rua Nova n. 60, precisa-se de officiaes de alfaiate para toda a obra.

— Precisa-se de uma ama idosa para serviço de uma casa de muito pouca familia; na rua das Larangeiras n. 5, primeiro andar.

— Frederico Chaves vende um dos seus sitios na estrada de Belem e Rosarinho, com casa, arvoredos de fructos, terra para plantação, e pasto para vaccas, por preço commodo; no aterro da Boa-Vista n. 17.

— Precisa-se de uma ama para todo serviço de uma casa de pequena familia, que saiba cozinhar e engommar; na rua do Hospicio n. 34.

— Precisa-se de um forneiro que entenda de todas as qualidades de massas, e tera preferencia; na rua da Senzala Nova n. 30.

— Agradece-se ao Sr. emprezario do theatro de Santa-Isabel a lembrança que teve de levar a scena a Graça de Deos, pois muito nos satisfez este drama, assim como pedimos a repetição dos Tres Amores.

Quatro assignantes.

— O Sr. Manoel Lopes Rodrigues Guimarães queira apparecer na loja de cera da rua da Cruz n. 60.

Fortunato Cardozo de Gouveia.

— O abaixo assignado previne ao comprador da taberna, sita no becco da Lingoeta n. 3, pertencente a Manoel Marques de Abreu Porto, não effectuar o negocio sem que primeiro entenda-se com o abaixo assignado, credor da mesma taberna, na rua do Trapiche n. 20.—*Hebrard.*

— Eu abaixo assignado declaro, que o Sr. Bartholomeu Rodrigues Machado, subdelegado de Itabaiana tinha-me alugado o seu escravo de nome André, e que o dito escravo, depois de ter ficado dous mezes em minha casa servindo-me, foi elle mesmo alugar-se em casa do Sr. Pomateau; sabendo agora que o dito escravo foi preso pela policia, e ignorando eu o motivo, faço o presente annuncio para prevenir o senhor do dito escravo.—*Hebrard.*

— Na rua Formosa 5.ª casa terrea vindo pela rua da Aurora, faz-se de encommenda bolos, pedins, pasteis de nata, pão-de-ló, doce d'ovos de todas as qualidades e bolinhos proprios para cha, tudo com muito aceio e perfeição, e por preço razoavel.

Ultimo gosto.

Os abaixo assignados, donos da nova loja de ourives da rua do Cabugá n. 11, confronte ao pateo da matriz e rua Nova, franqueiam ao publico em geral um bello e variado sortimento de obras de ouro de muito bons gostos, e preços que não desagradarão a quem queira comprar, os mesmos se obrigam por qualquer obra que venderem a passar uma conta com responsabilidade, especificando a qualidade do ouro de 14 ou 18 quilates, ficando assim sujeitos por qualquer duvida que apparecer.—*Serafim & Irmão.*

— Perante o Illm. Sr. Dr. juiz de direito da primeira vara de civel desta cidade, vai á praça no dia 17 do corrente, depois de audiencia, um terreno plantado de coqueiros no lugar das Corcuranas, por execução de Joaquim Felix Machado, contra Veronica Maria do Espirito Santo, pelo cartorio do escrivão Motta.

— O abaixo assignado, lendo o *Diario de Pernambuco* de 15 do corrente, deparou com um annuncio feito pelo Sr. João da Silva Farias, declarando ser o abaixo assignado devedor a elle, e por este motivo o comprador da taberna do mesmo abaixo assignado, sita no becco da Lingoeta n. 3, não effectuasse a compra sem primeiro se entender com o dito Farias; em resposta ao dito annuncio, o abaixo assignado declara que he verdade ser devedor ao referido Farias de duas lettras da quantia de 21$660 rs. cada uma, as quaes ainda não se acham vencidas, e logo que se vencerem serão pagas como he costume do abaixo assignado, e assim não julgo o dito meu credor com direito de privar o negocio que fiz com o comprador da minha taberna, so se elle quiz que o seu nome fosse visto em lettra redonda.

Manoel Marques de Abreu Porto.

— Na rua Direita, n. 111, rebatem-se ordenados.

O Dr. Carolino Francisco de Lima, depois de sua viagem ao sertão do Ceará para onde foi chamado, aqui de novo se acha no exercicio de sua profissão de medico, e residindo como esta effectivamente, na rua Nova, n. 60, continua a prestar-se ao publico e a pobreza, no quanto esteja ao seu alcance, não só no que respeita as molestias do interior, como na arte de partejar, e mais operações, com especialidade as que reclamam as enfermidades das vias ourinarias.

— Pela subdelegacia da freguezia dos Afogados, se faz publico, que se acham depositados 6 cavallos, que foram hoje apprehendidos no lugar da Imbiribeira, por denuncia de serem furtados, assim como foi preso e se acha na cadeia a pessoa que os tinha em seu poder, o qual he Vicente Francisco Xavier Machado, companheiro de um Felix José do Sacramento, que ha pouco conduzindo um cavallo grande mellado para entregar ao dito Vicente, foi preso com elle, e já esta subdelegacia o entregou a seu legitimo dono, que era o Sr. coronel Lemenha, portanto, quem se julgar com direito aos ditos cavallos, compareça, que provando neste juizo legalmente, lhe serão entregues.

— O abaixo assignado, tendo de retirar-se no dia 18 do corrente para a villa de Quexaramobim, na provincia do Ceará, onde vai fazer a sua residencia, como lhe não permitta o máo estado de sua saude, despedir-se pessoalmente de cada uma das pessoas, que nesta cidade o honram com sua amizade, vem faze-lo por meio deste jornal, rogando-lhes ao mesmo tempo, o hajam de desculpar da falta que involuntariamente commette, e aproveita a occasião para offerecer-lhes os seus diminutos serviços naquelle lugar, asseverando-lhes, que muito feliz se reputará, se algum dia poder provar-lhes, quanto são sinceros e dedicados os sentimentos que lhes consagra.

Francisco de Farias Lemos.

—Desappareceu no dia 6 do corrente, um escravo de nome Severino, crioulo, que representa ter de idade 50 annos, altura menos que a regular, cor preta, rosto redondo, cabellos da cabeça e da barba brancos, calvo na frente, tem a testa bastante larga, por via da mesma calva, pés pequenos, costuma andar com alpargatas por ser uso do sertão, he bastante bebado, foi escravo de João Tavares Tolentino Villarem, morador na villa do Pilar. Ladeira Grande; levou camisa de algodão e calça de riscado do mesmo: roga-se a pessoa que o apprehender, de o levar a rua do Crespo, loja de fazenda n. 1, que sera recompensado do seu trabalho.

— No dia 13 do corrente, desappareceu um escravo crioulo, da Bahia, de nome João Luiz, com 40 annos de idade pouco mais ou menos, e com os signaes seguintes: baixo, muito barbado, tem a testa grande, cor fula, falla baixo, porém bastante regrista, elle he do engenho Vicente Campello, está na praça ha tempo, e suppõe-se andará no canho dentro do Recife: roga-se as autoridades policiaes, capitães de campo, ou mesmo a qualquer pessoa, a apprehensão do dito escravo, e leva-lo a rua da Aurora, terceira casa depois da pontesinha, que serão gratificados do seu trabalho.

— Se por ventura resta ao Sr. solicitador.... alguma particula de vergonha, dê solução das dividas que se encarregou de protestar para não prescreverem, em dezembro de 1852; na loja da rua da Cadeia, n. 50, antes que se publique o seu nome por este *Diario*, e a quantia que tem em seu poder para tal commissão.

— Precisa-se de uma ama que compre e cozinhe, ou mesmo de um moço para isso habilitado, para casa de solteiro: na rua das Larangeiras, segundo andar do sobrado n. 5.

— Precisa-se de uma ama que ensaboe, engomme, cozinhe, compre e cosa alguma cousa, e seja capaz para tomar conta de tres meninos na casa de um homem viuvo; a fallar na casa n. 20, na travessa do Paraizo.

— Aluga-se o segundo andar do sobrado n. 14 da rua Nova; no primeiro andar do mesmo sobrado.

— Offerece-se um rapaz portuguez para boleiro de uma casa particular; quem pretender, dirija-se a taberna da quina da rua das Cruzes n. 2, que se lhe dirá quem he.

— Roga-se ao Sr. Theofal José de Lemos de pagar a conta que tem na praça da Independencia n. 13 e 15.—*Joaquim Pereira Arantes.*

Homeopathia.

O Dr. Sabino Olegario Ludgero Pinho mudou-se para o palacete da rua de S. Francisco (mundo novo) n. 68, A.

— Continúa estar fugido desde o dia 3 de julho do anno passado, o escravo José, Moçambique, de idade para mais de 40 annos, he magro, cara enrugada, estatura regular, foi do Sr. Francisco Antonio de Carvalho Siqueira; roga-se a todas as autoridades policiaes e capitães de campo de prenderem o mesmo escravo, conduzindo-o á rua Direita n. 21, esquina do becco da Penha, que se dará a gratificação de 50$.

— Aluga-se uma boa escrava para o serviço interno de qualquer casa; na rua do Collegio n. 16, primeiro andar.

MUTILADO

— No aterro da Boa-Vista, loja de miudezas do Sr. Manoel Cabral de Medeiros n. 72, se dirá quem da de 500 ate 1:000$000 rs. com hypotheca em casas terreas.

— Miguel Joaquim de Menezes, partidor vitalicio do juizo do civel, está prompto a exercer as funcções do seu officio, visto ausentar-se o partidor interino; para o que póde ser procurado na rua larga do Rosario n. 48, onde assiste.

J. Jane, Dentista,
continua residir na rua Nova, primeiro andar n. 19.

João Pedro Vogeley,
fabricante de pianos, afina e concerta com toda a perfeição, tendo chegado recentemente dos portos da Europa, de visitar as melhores fabricas de pianos, e tendo ganho nellas todos os conhecimentos e pratica de construcções de modernos pianos, offerece o seu prestimo ao respeitavel publico para qualquer concerto e afinações com todo o esmero, tendo toda a certeza que nada ficará a desejar, as pessoas que o incumbam de qualquer trabalho, tanto em brevidade como em modico preço; na rua Nova n. 41, primeiro andar.

— No dia 16 do corrente, (quinta-feira, na sala das audiencias, depois da do Sr. juiz de orphãos e ausentes, ás 10 horas da manhãa, se ha de proceder, perante o Sr. consul de Portugal nesta provincia, a arrematação publica dos bens deixados pelo subdito portuguez Domingos José de Oliveira, fallecido *ab intestato*, os quaes constam de saccas com feijão, caixas com sanguesugas, viveiros de canarios, saccas com cevada flôr de sabugo, linhaça, roupa d'uso, etc. Os pretendentes podem dirigir-se para examinar estes diversos objectos antes do dia da arrematação á casa onde se achar: na travessa da rua do Vigario taberna n. 3, que lhe serão patentes pela pessoa para esse fim encarregada.

— Aluga-se uma escrava crioula, que sabe cozinhar, engommar com perfeição e lavar de varrela: quem pretender dirija-se a rua da Assumpção, no sobrado de dous andares, confronte ao quintal da Penha.

AO PUBLICO.
No armazem de fazendas baratas, rua do Collegio n. 2,
vende-se um completo sortimento de fazendas, finas e grossas, por preços mais baixos do que em outra qualquer parte, tanto em porções, como a retalho, affiançando-se aos compradores um só preço para todos: este estabelecimento abrio-se de combinação com a maior parte das casas commerciaes inglezas, francezas, allemãas e suissas, para vender fazendas mais em conta do que se tem vendido, e por isto offerecendo elle maiores vantagens do que outro qualquer; o proprietario deste importante estabelecimento convida a' todos os seus patricios, e ao publico em geral, para que venham (a' bem dos seus interesses) comprar fazendas baratas, no armazem da rua do Collegio n. 2, de
Antonio Luiz dos Santos & Rolim.

— O abaixo assignado tem justo e contratado a compra da taberna sita na rua Direita n. 16 com o Sr. José Joaquim Alves da Silva: quem se julgar credor do mesmo deve-se entender com o abaixo assignado nestes oito dias.
João Baptista de Barros Machado.

— Arrenda-se um pedaço de mattas para tirar carvão, muito perto desta praça, com casa e mais arranjos para este negocio: a tratar na rua da Conceição da Boa Vista n. 39.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.
Aos 20:000,000 de rs.
Quinta ou sexta feira da presente semana, deve chegar do sul o vapor inglez conductor da lista da loteria da camara de Valença.

MASQUÉ.
Na rua do Cabugá, loja de miudezas de quatro portas, tem um completo sortimento de mascaras, tanto de panno como de cera e arame; assim como enfeites para bordados de mantas, galões e espiguilhas para o mesmo.

Aluga-se o sobrado grande da Magdalena, que fica em frente da estrada nova, o qual se ha de desoccupar até o dia 1. de março: a tratar no aterro da Boa-Vista n. 45, ou na rua do Collegio n. 9, com Adriano Xavier Pereira de Brito.

Bichas.
Alugam-se e vendem-se bichas: na praça da Independencia confronte a rua das Cruzes n. 10.

— Permuta-se o sobrado e casa terrea na esquina de S. Pedro velho, por uma casa na ladeira da ribeira, de Francisco Xavier Pardelha: quem se achar com embaraço appareça dentro de tres dias.

— Precisa-se alugar uma ama forra ou captiva para uma casa estrangeira; na rua da Senzala Velha n. 60, primeiro andar, ou na Capunga velha, sitio do Sr. Brito.

— Alugam-se escravos para trabalhar em armazem de assucar; na rua do Brum n. 26.

— Trocam-se imagens de todos os santos, sendo perfeitas; quem tiver, dirija-se a rua do Vigario n. 10, loja de pintura.

— O juiz da irmandade de N. S. do Terço, convida a todos os irmãos para uma mesa geral, no domingo 19 do corrente, pelas 10 horas do dia, para eleição de novo secretario.

— Precisa-se alugar uma preta escrava para tratar de uma criança e de seus pertences, com a paga mensal de 10$000 rs.; na rua de S. Francisco, sobrado n. 8.

— Foram perdidas ou desencaminhadas do poder do abaixo assignado as duas lettras seguintes: saque de Francisco Ferreira de Andrade, de Maceió, sobre Deane Youle & Companhia desta cidade, e aceita por estes em 3 do corrente, endossada em branco por Manoel Francisco da Silva Carriço da quantia de 581$: saque de Edward Bremand, de Maceió, sobre James Crabtree & Companhia desta cidade, e aceita por estes em 3 do corrente, endossada em branco pelo mesmo Carriço, da quantia de 419$000: previne-se aos aceitantes e endossante, para que as não paguem sem que seja ouvido o abaixo assignado, que he o seu legitimo proprietario; e se avisa o publico para que não transaccionem as ditas lettras.
Manoel da Silva Santos.

— No domingo de manhãa, conduzindo um preto um cavallo, de Beberibe para esta cidade, este soltou-se em Agua-Fria e andou alli por differentes lugares, do que resultou perder a bride que he de metal do principe, com picadeira de prata: quem a tiver achado querendo-a levar a praça da Independencia ns.º 16 e 21 será recompensado.

— Precisa-se alugar uma ama que saiba lavar, cosinhar, engommar e fazer o ordinario de uma casa de pouca familia: na rua Direita n. 116.

— Manoel Alves Ferreira Serrão, brasileiro, retira-se par afora do imperio.

Gabinete portuguez de leitura.
O Illm. Sr. presidente da directoria convoca os Srs. accionistas para assembléa geral, no dia 19 do corrente, as 11 horas da manhãa.—*João Querino de Aguilar*, primeiro secretario.

ATTENÇAO, UNICO DEPOSITO NESTA CIDADE.
Paulo Gaignou, dentista, recebeu agua dentifrice do Dr. Pierre, esta agua conhecida como a melhor que tem apparecido, (e tem muitos elogios o seu autor,) tem a propriedade de conservar a bocca cheirosa e preservar das dores de dentes: tira o gosto desagradavel que dá em geral o charuto, algumas gotas desta n'um copo d'agua são sufficientes; tambem se achará pó dentifrice excellente para a conservação dos dentes: na rua larga do Rosario n. 36, segundo andar.

Deposito de carvão.
Aluga-se um grande armazem proprio para deposito de carvão, a' beira mar, na rua de Santa Rita, com trapiche para carregar e descarregar a qualquer hora: o preço he modico, e trata-se na rua do Trapiche n. 40, segundo andar.

— O Sr. Ricardo Dias Ferreira tem uma carta na praça da Independencia n. 6 e 8.

— Indo desta cidade para a de Goianna Manoel Gonçalves de Albuquerque e Silva, perdeu entre Itabatinga e a taboleiro da Mangueira, uma carteira contendo nella 7:200$000 rs.; e porque todo esse dinheiro estava em sedulas de 50$, 20$ e 10$ rs., he facil descobrir-se quem o achou, no caso de apparecer alguem destrocando sedulas destes valores, sem ter proporções de as possuir: pelo que offerece o referido a quantia de 1:000$000 rs. a quem lhe restituir aquella quantia; e a de 500$000 rs. a quem denunciar a pessoa que achou-a, e se possa rehaver o dinheiro, promettendo igualmente segredo inviolavel quando assim o exigirem: quem, pois, tiver noticia deste achado, dirija-se naquella cidade, á rua do Amparo n. 44, e nesta, ao aterro da Boa-Vista n. 47, segundo andar, e n. 60.

— Aluga-se a loja do sobrado da rua Collegio do n. 18, com armação nova, propria para taberna: a tratar na loja do sobrado amarello da rua do Queimado n. 29.

— O Sr. Manoel Lourenço Machado da Rocha, encadernador, que assignou este *Diario* para o Sr. vigario Manoel Vicente de Araujo, venha a esta typographia para solver a mesma assignatura, visto que o Sr. vigario diz que nada tem com isso.

HOMEOPATHIA.
O Dr. Casanova continúa a dar consultas todos os dias no seu consultorio, rua do Trapiche n. 14.

— Um moço portuguez offerece-se para qualquer arrumação que appareça, dando preferencia a taberna por ja ter alguma pratica: a tratar na rua Direita taberna n.º 6.

João Jacintho, subdito portuguez, retira-se para Lisboa a tratar de sua saude.

EM OLINDA.
Declara-se ao respeitavel publico, principalmente a quem quizer comprar a casa sita na ladeira do Varadouro, pertencente a Antonio Ferreira da Silva Maia e sua mulher D. Maria do Sacramento de Almeida Bastos, que a dita casa acha-se hypothecada ao abaixo assignado por escriptura publica nas notas do tabellião Faria, da mesma cidade.
Bernardino Francisco de Azevedo Campos.

— Precisa-se de uma ama secca para casa de pouca familia; na rua do Trapiche n. 26.

— Em a nova fabrica de chocolate homeopathico no pateo do Terço n. 22, precisa-se de alugar um preto proprio para todo o serviço: na mesma casa vende-se um moinho quasi novo para moer café.

— A pessoa que quizer arrendar o sitio do pateo do Carmo da cidade de Olinda: annuncie.

— Precisa-se alugar uma escrava para o serviço de uma casa de pouca familia: na rua do Padre Floriano n. 5.

— Precisa-se alugar um preto para o trabalho de padaria, quer tenha ou não pratica, e paga-se bem: e um homem forro para refinação, que tenha pratica: nas Cinco Pontas n. 106.

— Precisa-se de um amassador na padaria do Brito, no Monteiro: a tratar na mesma, ou na rua Direira n. 69.

— Precisa-se de uma ama que cozinhe com aceio: na rua da Praia de Santa Rita, destilação.

— Precisa-se de um bom cozinheiro, forro ou captivo, para casa estrangeira, paga-se bem: na rua da Cruz n.º 40.

— Aluga-se o primeiro andar da casa da rua da Guia n. 46, e trata-se no aterro da Boa-Vista n. 60, loja.

— Francisco Mathias Pereira da Costa, mudou sua residencia para a rua Direita n. 66.

— Precisa-se saber se existe nesta praça ou fóra, José Fernandes de Farias, filho de Manoel Fernandes, da freguezia da Estrella de Portugal, ou pessoa que lhe diz respeito, a negocio de seu interesse.

— Perdeu-se na noite do dia 10 do corrente um trancelim de ouro d'um relogio: quem o achar e querendo restituir dirija-se a rua do Passeio, loja de fazenda n. 9, que será recompensado.

RETRATOS PELO ELECTROTYPO.
No aterro da Boa-Vista n. 4, terceiro andar.
A. Lettarte, tendo de se demorar pouco tempo nesta cidade, avisa ao respeitavel publico que quizer utilisar-se de seu prestimo, de aproveitar os poucos dias que tem de residir aqui; os retratos serão tirados com toda a rapidez e perfeição que se póde desejar. No estabelecimento ha retratos á mostra para as pessoas que quizerem examinar, e está aberto das 9 horas da manhãa até as 4 da tarde.

— O Sr. S. B. S. A. tenha a bondade de vir pagar o que não ignora; assim como restituir os *Diarios* que sua mercê mandou para Portugal, no caso de não o fazer publicarei o seu nome por estenso; na rua do Livramento n. 38.—*Antonio Peixoto de Magalhães.*

— Manoel Ignacio de Oliveira Junior roga a quem com elle tenha contas, de dirigir-se ao Sr. Joaquim José Ramos para serem pagas, assim como os que lhe estão a dever, de pagarem ao mesmo Joaquim, na praça do Corpo Santo, n. 6, escriptorio.

— Precisa-se de uma ama com leite e que seja bom e sem filho; na rua de Santa Rita, sobrado de um andar n. 85.

COMPRAS.

— Compram-se escravos de ambos os sexos de 12 a 20 annos: na rua Direita n. 66.

— Compram-se ossos a peso: no armazem da illuminação, no caes do Ramos, travessa do Carioca.

— Compra-se olhos de annanazes da terra para plantas, até 1,000 pes: na taberna da rua do aterro da Boa-Vista, n. 80 ahi se póde dirigir os pretendentes a qualquer hora.

— Compra-se uma carteira em meio uso: quem a tiver dirija-se a rua Nova, loja n. 52.

— Compram-se escravos de ambos os sexos, tanto para a provincia como para fóra della: na rua da Gloria n. 7. Nesta mesma casa se recebem escravos de commissão.

— Compra-se para o Rio de Janeiro uma mulatinha propria para uma criada; a tratar na rua do Amorim n. 35.

VENDAS.

Novo telegrapho.
Vende-se o roteiro do novo telegrapho que principiou a ter andamento no dia 29 do corrente, a 240 rs. cada um: na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

— Vende-se superior sarja de seda hespanhola: córtes de seda preta lavrada, fazenda superior; setim, preto proprio para vestidos; velludo preto o melhor que ha no mercado; los pretos bordados de seda, mantas prêtas bordadas de seda; meias pretas de seda de peso e outras muitas fazendas de seda, tudo por preço muito commodo: na loja do sobrado amarello da rua do Queimado n. 29.

— Vende-se uma parda de idade de 20 annos, com habilidades precisas para uma casa de familia, pois faz tudo com muita perfeição e asseio: na rua da Gloria n. 7.

— Na loja do sobrado amarello na rua do Queimado n. 29, vende-se superior panno preto fino de preço de 4 a 12$000 rs. o covado; casemira preta elastica para todo o preço; córtes de collete pretos de velludo com palmas bordadas a retroz; ditos de setim preto e de casemira bordados; velludo preto superior; setim de Macáo e outras fazendas, tudo por preços commodos.

Para senhora
os mais ricos e mais modernos chapéos de senhora para montaria, acabam de chegar a loja e fabrica de chapéos de Joaquim de Oliveira Maia: na praça da Independencia ns. 24 a 30, aonde se vendem por preço commodo.

Fitas superfinas.
Vendem-se fitas de cores de ns. 12 e 16, de superior qualidade e padrões inteiramente novos, por preço commodo: na praça da Independencia ns. 24 a 30, loja e fabrica de chapéos de Joaquim de Oliveira Maia.

— Vende-se uma casa terrea na rua Real do Manguinho n. 46, e duas carroças com dous bois mansos: a tratar na padaria da mesma rua.

FARINHA DE S. MATHEUS.
No caes da alfandega, armazem de José Joaquim Pereira de Mello, ha para vender muito superior farinha de S. Matheus, em saccas, por preço commodo: a tratar no escriptorio de Domingos Alves Matheus, na rua da Cruz n. 54.

— Vende-se um bom moleque com 16 annos, uma cabrinha com 6 para 7 annos, um preto alfaiate e cortador de carne, bonita figura, com 22 annos: na rua da Senzalla Velha n. 70, 2.º e 3.º andar se dirá quem vende.

— Vende-se uma escrava crioula, moça e de bella figura: na rua do Hospicio, primeira casa a direita com porta de cocheira.

— Vende-se uma escrava crioula, de 28 annos de idade, de bonita figura, peritima cozinheira, lava e engomma, e faz todo o serviço de uma casa de familia, vende-se por seu dono se querer retirar; advirte-se que não tem vicios: na rua do Livramento n. 5.

— Vendem-se saccas com muito boa farinha: no Recife loja de cambio do *Vieira.*

Alerta amantes do carnaval.
Na rua do Queimado loja n. 17 vende-se um excellente e rico vestuario para qualquer rapaz do grande tom, que queira chibar nos bailes do carnaval; o seu preço he modico.

— Vendem-se com pouco uso os livros seguintes: Historiæ Sacræ, Fabulæ de Phedri, Salustius, Virgilii Rodi, Epistola Ciceronis, Ord. Verborum Salustii, History of Rome (por Goldsmiths), dita dita (por Thomaz Morell), Vicar of Wakefield, Jonhson Paets Milton, Historia Sagrada (por Bernardino), collecções de problemas, diccionario geographico com 59 cartas (por Perot); no aterro da Boa-Vista, loja de ourives n. 68.

— Vendem-se meios bilhetes da loteria de N. S. do Rosario a 2$200; na rua do Livramento, loja de calçado n. 35.

— Vende-se cera de carnaúba; no armazem de Tasso Irmãos.

— Vende-se uma casa ou hipotheca-se, nas Cinco Pontas; a tratar na rua de Santa Cecilia n. 8.

— Vende-se um moleque peça, de 13 annos, proprio para pagem ou para aprender qualquer officio: na rua larga do Rosario n. 30, terceiro andar.

— Vende-se doce de cajú secco a 400 rs. a libra, dito de mangaba dito a 320, dito de limão dito a 320, assim como pés de sapotis bons de se mudarem, pois ja estão em caixões, e juntamente pés de uvas muscateis; em Olinda, na rua do Bomfim, em casa do abaixo assignado.—*Manoel Nunes de Mello.*

FAMA.
No aterro da Boa-Vista, defronte da boneca n. 8,
tem novo sortimento de todos os generos de molhados de superior qualidade, e preços muito commodos: manteiga ingleza a 480, 560, 600, 720, 800 e 900 rs., franceza a 560 e 640, passas a 320 e 480, ameixas a 400 rs., peras seccas a 480 a libra, marmelada de Lisboa a 1$280 a lata, bolachinha de araruta a 2$500 a lata, café moido do Rio a 240 a libra, presuntos do Porto, linguiças e paios, superior champagne, farinha de mandioca em saccas a 6$000 rs., queijos do reino, tudo de superior qualidade.

Mascaras de arame
a 2$ e 2$500, muito perfeitas; na loja de miudezas da rua do Queimado n. 71, entrada da do Rangel.

Farinha de mandioca.
Vendem-se saccas com superior farinha da terra: na rua da Cadeia do Recife, esquina do becco Largo.

— Vende-se sal do Assú, a bordo do brigue *Feliz Destino*: os pretendentes dirijam-se á bordo do mesmo, ou a fallar com o Saraiva, ou no escriptorio de Manoel Gonçalves da Silva, na rua da Cadeia do Recife.

— Vende-se um moleque pequeno; na rua do Cabugá, loja de miudezas de 4 portas.

— Na taberna n. 20 da travessa do Paraizo, vende-se por muito barato o seguinte: porção de louça pintada, garrafas e botijas vasias, pipas, arcos de ferro, barris e mais cascos, botijas de genebra, e muitas mais cousas que á vista do comprador se dirá.

NA ESQUINA DA RUA DO CRESPO N. 14.
Vendem-se chales de lãa com palmas de seda, proprios para as senhoras andarem por casa, pelo diminuto preço de 2$500 rs. cada um; cassas francezas de côres fixas a 500 rs. a vara; riscadinhos francezes de bonitos padrões proprios para roupões de senhora e timaozinhos de meninos a 200 rs. o covado; ganga amarella com pequenas listas de côres a 520 rs. o covado: cheguem freguezes antes que se acabe!...

Vinho de Collares
em barris de 7 em pipa: vende-se em casa de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 48.

Attenção.
He chegada a excellente pitada do muito acreditado rapé de Lisbôa, pelo brigue *Tarujo I*, e acha-se a disposição do publico no deposito da rua da Cadeia do Recife, loja de fazendas de quatro portas n. 51. Adverte-se que o preço he 3$200 rs. a lb., moeda á vista.

— Vendem-se velas de carnauba muito boa qualidade, em porção, por preço commodo: na rua Nova n. 20.

— Vende-se para uma serraria, refinação ou padaria um terreno com uma casa, na rua da Concordia, aonde tem uma serraria e refinação, e tem terreno para fazer outra casa, tendo serventia independente, vende-se por seu dono retirar-se: a tratar na rua Nova n. 5.

Chapéos francezes.
Vendem-se chapéos francezes finos da ultima moda, sendo de aba estreita e larga: na loja do sobrado amarello nos quatro cantos da rua do Queimado numero 29.

Vestidos de seda preta a 18$000 rs.
Vendem-se córtes de vestidos pretos de seda lavrada, bons gostos, pelo barato preço de 18$000 réis cada córte: na loja do sobrado amarello da rua do Queimado n. 29.

NAVALHAS A CONTENTO.
Chegaram ultimamente navalhas de barba, superiores a todas quantas até agora se tem fabricado, por serem de aço tão fino e de tal tempera, que além de durarem extraordinariamente, não se sentem no rosto na acção de cortar; são feitas pelo habil fabricante de cutileria que mereceu o premio na exposição de Londres, e não agradando pódem os compradores devolve-las até 15 dias depois da compra, e se lhes restituirá o importe.
Vende-se cada estojo de duas navalhas por 8$000 rs., preço fixo: no escriptorio de Augusto C. de Abreu, na rua da Cadeia do Recife n. 48.

— Vendem-se duas camas, ambas de armação e de casal, sendo uma de jacarandá e outra de angico, e um berço de jacarandá: na rua do Passeio Publico loja n. 7.

— Vende-se por preço commodo, e a retalho, uma porção de cera amarella, e cera de carnauba: na rua da Madre de Deos n. 36; na mesma casa tambem se vendem queijos do sertão de manteiga a 320 rs.

— Vende-se uma cabrinha escrava, de 10 a 11 annos de idade: na rua do Livramento sobrado n. 8.

— No pateo do Carmo a taberna n. 1, vende-se uma escrava: propria para serviço de campo.

— Na rua de Santa Rita sobrado n. 18, vende-se uma crioulinha de 11 a 12 annos, e um negro ainda moço: o motivo da venda se dirá ao comprador.

— Vendem-se 10 escravos, sendo 1 optimo moleque de idade 16 annos, 1 bonito mulato proprio para pagem, 8 escravas moças que cozinham, lavam, engommam liso, e todas de boa conducta, as quaes dão-se a contento: na rua Direita n. 3.

— Vende-se a loja de louça da rua do Rangel n. 29, e juntamente a sua armação; a tratar na mesma.

— Vende-se um excellente cavallo, bastante gordo e muito bom carregador de baixo até meio, tem tudo quanto he bom, e vende-se por preço muito commodo: na rua das Cinco Pontas n. 67, se dirá quem vende.

— Vendem-se xaropes de todas as qualidades: na praia de Santa Rita restilação, e na travessa da Madre de Deos, ns. 4 e 6.

— Vende-se um cavallo foveiro de alazão, bonita pelle, muito novo e andador baixo, está bem carnudo; assim como duas vaccas sem crias: na rua do Livramento n. 14, se dirá quem vende.

— Vende-se uma escrava crioula, de 25 annos de idade, de bonita figura, e que sabe engommar, cozinhar, lavar e coser, muito propria para casa de familia, por fazer todos estes serviços com muita diligencia e não ter vicio algum: no principio da estrada dos Afflictos, primeira casa do lado direito pintada de roxo a qualquer hora.

— Vende-se a taberna da rua do Rosario estreita n. 10, com poucos fundos e bem afreguezada para a terra, o motivo de sua venda he ter morrido a pessoa a quem ella pertencia: quem a pretender dirija-se ao armazem confronte a Madre de Deos n. 22.

— Vende-se o engenho Jurissaca, sito na comarca do Cabo: a tratar com seu proprietario o coronel Bento José Lemenha Lins em seu engenho Caramurú na mesma comarca.

RUA DO QUEIMADO N. 1.
Na antiga loja do Meia Pataca, vende-se para acabar, por menos do seu valor, as seguintes fazendas: filó de cor, aberto, proprio para cortinados a 520 rs. a vara; peças de bretanha de puro linho, com 6 varas, a 2$500; cortes de calça de casemira preta a 4$500; pentes para segurar cabello a 600 rs. a duzia; lenços brancos cercados de cor, para meninas, a 100 rs. cada um; peças de cambraia lisa finas com 4 1/2 varas, a 5$; alpaca escossez, de seda, propria para palitós de meninos ou mesmo para outra qualquer obra, a 1$ o covado; panno preto muito soffrivel a 2$500 o covado, e outras muitas fazendas que a' vista se dirá' o preço.

LOTERIA DO RIO DE JANEIRO.
aos 20:000$000 de rs.
Na casa feliz dos quatro cantos da rua do Queimado n. 20, vendem-se os felizes bilhetes, meios, quartos, oitavos, e vigesimos da loteria a beneficio da casa da camara de Vallença, cuja lista chega no dia 16.

Vendem-se velbutinas de todas as côres: na loja do sobrado amarello, da rua do Queimado n. 29.

CALÇADO BARATO,
no aterro da Boa-Vista n. 58, loja de calçado junto ao selleiro, vendem-se os seguintes calçados francezes, muito bons, a dinheiro, e pelos preços seguintes:

Botins de bezerro, par	7$000
Sapatões de lustre para homem	4$500
» » » »	4$000
Borzeguins elasticos	6$500
Ditos de botões	6$400
Sapatões da Prussia	6$000
Ditos de lustre para meninos	5$000

RICAS MASCARAS.
de setim preto e de côres dominós e de papelão com barba de cabellos para todos os caracteres, assim como com caracteres de animaes, ditas de arame com barba de cabello: na rua do Queimado n. 71, junto a loja de cera.

— Vende-se uma taberna em Fora de Portas, rua do Pilar, confrontando o becco Largo, mui bem calculada e boas proporções para ter familia; não se duvida dar prazo, uma vez que seja a pessoa conhecida de credito, ou apresente garantia; este negocio apresenta grandes vantagens não só por estar bem conhecida como por que sem dinheiro a vista o pretendente se póde estabelecer: trata-se com Firmino J. F. da Rosa, na rua da Senzala Velha n. 112, ou no aterro da Boa-Vista, taberna n. 80.

— Vende-se a casa de sobrado n. 19, da rua do Aragão: quem a pretender dirija-se a rua d'Alegria n. 5, e na do Livramento a fallar com Joaquim José de Abreu Junior.

— Grande sortimento de colletes de fustão superior, por diminuto preço; palitos de brim liso e entrançado de todas as qualidades e preços; pequenas malas de couro, proprias para viagem; ricas abotuaduras para collete, tudo mais barato que em outra qualquer parte: na rua do Collegio n. 4, e rua da Cadeia do Recife n. 17.

MASCARAS DE ARAME.
Vendem-se superiores mascaras de arame, por menos preço que em outra qualquer parte: na rua da Cadeia do Recife n. 17.

CALÇADO A 720, 800, 2$000, 3$000 rs.
No aterro da Boa-Vista loja defronte da boneca.
Troca-se por sedulas ainda mesmo velhas, um novo e completo sortimento dos bem conhecidos sapatões do Aracaty a 720, 800 e botins a 2$000 rs., sapatões de lustre da Bahia a 3$000 rs., assim como um completo sortimento de calçados francezes de todas as qualidades, tanto para homem como para senhora, meninos e meninas, um completo sortimento de perfumarias: tudo por preço muito commodo, afim de se apurar dinheiro.

TUDO SAÕ PECHINCHAS.
Córtes de cambraias brancas com babados de riquissimos gostos, pelo diminuto preço de 4$300, ditos com barra de lindos desenhos a 3$600 rs., ditos de chita com uma barra larga ao lado, fazendas francezas com 12 covados, e do ultimo gosto a 2$500 o córte, ditos com uma lista ao lado, fazenda muito fina de todas as cores a 2$400, ditos com 13 covados, miudinhas de uma só côr a 2$300, chitas escuras cores muito fixas de differentes padrões a 160 rs. o covado, ditas de novos padrões, fingindo cassas francezas a 180 rs., ditas caboclas miudinhas a 200 rs., sarja de lãa preta da primeira qualidade por ser muito encorpada a 560 rs. o covado, alpaca preta e de côr muito fina a 800 rs. o covado, e afamado panno couro entrançado de uma só côr a 180 rs. o covado, os muito acreditados cobertores de algodão brancos da fabrica de todos os Santos da Bahia a 640 rs. cada um, casemira preta muito fina a 2$500 e 3$200 rs. o covado, sarja preta de seda muito fina de superior qualidade a 2$500, merinos pretos por 1$800, 2$500, 3$000, e 3$500 rs. o covado, assim como um verdadeiro sortimento de outras qualidades de fazendas que se venderão por menos preço do que em outra qualquer parte: na rua do Crespo, loja n. 14, de Dias & Lepos.

Os mais ricos e mais modernos chapeos de seda e de palha para senhoras, se encontram sempre na loja de modas de madame Millochau, no aterro da Boa-Vista n. 4, por um preço mais razoavel de que em qualquer outra parte.

— Vende-se o sobrado de dous andares e sotão da rua de Apollo n. 9, bem como o dito de um andar da rua da Guia n. 44: a tratar na rua do Collegio n. 21, segundo andar.

Baile de mascaras.
Vendem-se ricos vestuarios de mascarados, tanto para homens como para senhoras, sendo a caracter, assim como mascaras, dominós, etc., por commodo preço: na praça da Independencia ns. 12, 14 e 16.

Ao barato, freguezes.
Na rua do Crespo n. 9, vendem-se chitas francezas muito finas e de cores fixas a 240 rs. o covado, cortes de dita com barra a 2$000 cassas francezas de lindos gostos a 640 rs. a vara, córtes de brim para calça de puro linho, a 2$000; ditos de casemira, a 3$500, 4$000 e 5$000; panno preto fino a 2$500 o covado; vestidos promptos para meninas, do ultimo gosto, com colletes a 5$000; e outras muitas fazendas por diminutos preços.

— Vendem-se fardos de fumo para charutos da primeira qualidade, ultimamente chegados da Bahia, e por preço baratissimo: na rua da Cruz, n. 26, primeiro andar, assim como um resto de 2,000 charutos muito bons.

— Continua-se a vender córtes de vestidos de chita de barra, côres fixas e bonitos padrões, a 2$240 rs. cada córte: na loja do sobrado amarello, da rua do Queimado n. 29.

Vestidos de seda.
Na loja do sobrado amarello, nos quatro cantos da rua do Queimado n. 29, vende-se córtes de seda de quadro de novos e modernos padrões, pelo barato preço de 24$000 rs. cada córte.

Sedas para vestidos.
Na loja do sobrado amarello, nos quatro cantos da rua do Queimado n. 29, vendem-se córtes de vestidos de seda lisa furta côres, ditos de dita de quadros escocezes, ditos de dita com flores, havendo muito sortimento para escolher, e por preço commodo.

Córtes de chita a 1$600.
Vendem-se córtes de chita larga franceza com algumas pintas de mófo, pelo barato preço de 1$600 rs. cada córte: na loja do sobrado amarello da rua do Queimado n. 29.

A 500 rs.
Superiores bonetes de oleado inglezes muito proprios para a presente estação: na praça da Independencia ns. 24 a 30.

Oleados pintados.
Vendem-se superiores oleados pintados, de ricos padrões e de 5 a 8 palmos de largura, por menos preço do que em outra qualquer parte: na praça da Independencia, lojas de chapéos numeros 24, 26, 28 e 30.

— No escriptorio de Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 34, tem para vender por preço muito em conta os seguintes artigos: couros de lustre, marca castello, grande quantidade de miudezas chegadas de Hamburgo pelos ultimos navios, chapéos do Chile de differentes qualidades, chapéos de feltro pretos e pardos, e outros objectos que serão presentes aos compradores.

A 5$000 RS. A PEÇA.
Na loja de Guimarães & Henriques, rua do Crespo n. 5, vendem-se chitas de cores escuras, com um pequeno toque de mofo, pelo barato preço de 5$000 a peça, com 38 covados.

SALSA PARRILHA.
DE
BRISTOL.
As numerosas experiencias feitas com o uso da salsa parrilha em todas as enfermidades, originadas pela impureza do sangue, e o bom exito obtido na corte pelo Illm. Sr. Dr. Sigaud, presidente da academia imperial de medicina, pelo illustrado Sr. Dr. Antonio José Peixoto em sua clinica, e em sua afamada casa de saude na Gamboa, pelo Illm. Sr. Dr. Saturnino de Oliveira, medico do exercito e por varios outros medicos, permittem hoje de proclamar altamente as virtudes efficazes da
SALSA PARRILHA
de
BRISTOL.
Nota.—Cada garrafa contem duas libras de liquido, e a salsa parrilha de Bristol he garantida como puramente vegetal sem mercurio, iodo, potassium.
O deposito desta salsa mudou-se para a botica franceza da rua da Cruz, em frente ao chafariz.

— Vende-se em casa de S. P. Johnston & Companhia, na rua da Senzala Nova n. 42.
Vinho do Porto, superior qualidade, engarrafado.
Vinho Chery, em barris de quarto.
Sellins para montaria, de homem e senhora.
Vaquetas de lustre para coberta de carros.
Relogios de ouro patente inglez.

Vinho Bordeaux.
Brunn Praeger & Companhia, rua da Cruz n. 10, receberam ultimamente St. Julien e M. margot, em caixas de uma duzia, que se recommendam por suas boas qualidades.

Pianos.
Os amadores da musica acham continuadamente em casa de Brunn Praeger & Companhia, rua da Cruz n. 10, um grande sortimento de pianos fortes e fortes pianos, de differentes modellos, boa construcção e bellas vozes, que vendem por modicos preços; assim como toda a qualidade de instrumentos para musica.

Obras de ouro,
como sejam, adereços e meios ditos, braceletes, brincos, alfinetes, botões, anneis, correntes para relogios, etc. etc., do mais moderno gosto: vendem-se na rua da Cruz n. 10, casa de Brunn Praeger & Companhia.

Couro de lustre
de boa qualidade; vende-se por menos do que em outra qualquer parte para liquidar contas: na rua da Cruz n. 10.

— Vende-se uma trompa em bom estado: quem quizer dirija-se a cidade de Olinda, na rua de S. Bento, casa do mestre de musica Trajano Filippe Nery de Barcellos.

CARNAVAL.
Na rua do Queimado, loja de miudezas n. 11, vendem-se as melhores mascaras de arame, e por preço muito em conta.

— Vende-se na rua da Cadeia Velha do Recife, loja de ferragens n. 55, rapé de Paulo Cordeiro muito fresco, vindo pelo vapor Imperatriz, a 1,500 a libra, e quem comprar de 5 libras para cima a 1,250

DEPOSITO DE CAL E POTASSA.
Na rua de Apollo, armazem de Leal Reis, tem superior potassa da Russia, chegada ultimamente, e da fabrica no Rio de Janeiro, de qualidade bem conhecida, assim como cal em pedra, chegada no ultimo navio.

— Vende-se uma escrava, crioula, de idade 30 annos, cozinha, lava de sabão, tambem serve para taboleiro ou mesmo para engenho: defronte do Trapiche Novo n. 4.

— Vendem-se relogios de ouro, patente inglez, os melhores que tem vindo a este mercado, e do mais acreditado fabricante de Liverpool: em casa de Russel Mellors & Companhia, na rua da Cadeia do Recife, n. 56.

Agencia de Edwin Maw.
Na rua de Apollo n. 6, armazem de Mc. Calmon & Companhia, acha-se constantemente bons sortimentos de taixas de ferro coado e batido, tanto rasas como fundas, moendas inteiras todas de ferro para animaes, agoa, etc., ditas para armar em madeira de todos os tamanhos e modelos os mais modernos, machina horisontal para vapor, com força de 4 cavallos, cócos, passadeiras de ferro estanhado para casa de purgar, por menos preço que os de cobre, esco vens para navios, ferro da Suecia, e folhas de flandres: tudo por barato preço.

Na rua da Cadeia do Recife n. 60, armazem de Henrique Gibson,
vendem-se relogios de ouro de sabonete, de patente inglez, da melhor qualidade, e fabricados em Londres, por preço commodo.

POTASSA.
No antigo deposito da rua da Cadeia do Recife, armazem n. 12, ha para vender muito nova potassa da Russia, americana e brasileira, em pequenos barris de 4 arrobas; a boa qualidade e preços mais baratos do que em outra qualquer parte, se affiançam aos que precisarem comprar. No mesmo deposito tambem ha barris com cal de Lisboa em pedra, proximamente chegados.

— Vende-se a verdadeira salsa parrilha de Sands: na botica franceza, da rua da Cruz, em frente ao chafariz.

VINHO CHAMPAGNE.
Superior vinho de Bordeaux engarrafado; vende-se em casa de Schafheitlin & Companhia, rua da Cruz n. 38.

— Vende-se café pilado, tapioca do Maranhão, charutos de S. Felix, e cera de carnauba, tudo de boa qualidade e commodos preços: a tratar na rua da Cadeia do Recife n. 47, primeiro andar.

— Vendem-se na rua da Cruz n. 15, segundo andar, boas obras de labyrintho feitas no Aracaty, constando de toalhas, lenços, coeiros, rodas de saia, etc.

FARINHA DE TRIESTE.
Primeira qualidade.
Tasso Irmãos avisam aos seus freguezes, que tem para vender farinha de trigo chegada ultimamente de Trieste, sendo a unica nova que daquella procedencia existe no mercado.

Deposito da fabrica de Todos os Santos na Bahia.
Vende-se, em casa de N. O. Bieber & C., na rua da Cruz n. 4, algodaõ trançado d'aquella fabrica, muito proprio para saccos de assucar e roupa de escravos, por preço commodo.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, ha para vender, chegado de Lisboa presentemente pela barca *Olimpia*, o seguinte: saccas de farello muito novo, cera em grume, e em velas com bom sortimento de superior qualidade, mercurio doce e cal de Lisboa em pedra, novissima.

Os mais ricos e mais modernos chapeos de senhoras se encontram sempre na loja de madama Theard, por um preço mais razovel de que em qualquer outra parte.

— Vendem-se camas de ferro de nova invenção franceza, com molas que as fazem muito maneiras e macias, chegadas pelo ultimo navio francez, e por preço muito commodo: na rua da Cruz, n. 26, primeiro andar.

— Vendem-se licores de absynth e Kirsch em caixas; assim como chocolate francez da melhor qualidade que tem apparecido, tudo chegado ultimamente de França, e por preço baratissimo: na rua da Cruz, n. 26, primeiro andar.

— Na rua da Cruz n. 15, segundo andar, vendem-se por preço commodo, saccas grandes com feijão muito novo, ditas com gomma, e velas de carnaúba, puras e compostas.

CALÇADO.
Vendem-se sapatões de lustre para homem a 1$000 rs.: na praça da Independencia n. 13 e 15, loja do Arantes.

— Vendem-se em casa de Mc. Calmont & Companhia, na praça do Corpo Santo n. 11, o seguinte: vinho de Marseille em caixas de 3 a 6 duzias, linhas em novellos e carreteis, breu em barricas muito grandes, aço de milaõ sortido, ferro inglez.

AGENCIA
Da Fundiçao' Low-Moor. Rua, da Senzala nova n. 42.
Neste estabelecimento continùa a haver um completo sortimento de moendas e meias moendas para engenho, machinas de vapor, e taixas de ferro batido e coado, de todos os tamanhos, para dito.

AOS SENHORES DE ENGENHO.
O arcano da invençao' do Dr. Eduardo Stolle em Berlin, empregado nas colonias inglezas e hollandezas, com grande vantagem para o melhoramento do assucar, acha-se a venda, em latas de 10 libras, junto com o methodo de emprega-lo no idioma portuguez, em casa de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz, n. 4.

SANDS.
SALSA PARRILHA.
Vicente José de Brito, unico agente em Pernambuco de B. J. D. Sands, chimico americano, faz publico que tem chegado a esta praça uma grande porção de frascos de salsa parrilha de Sands, que são verdadeiramente falsificados, e preparados no Rio de Janeiro, pelo que se devem acautelar os consumidores de tão precioso talisman, de cahir neste engano, tomando as funestas consequencias que sempre costumam trazer os medicamentos falsificados e elaborados pela mão daquelles, que antepoem seus interesses aos males e estragos da humanidade. Portanto pede, para que o publico se possa livrar desta fraude e distinguir a verdadeira salsa parrilha de Sands da falsificada e recentemente aqui chegada; o annunciante faz ver que a verdadeira se vende unicamente em sua botica, na rua da Conceição do Recife n. 61; e, além do receituario que acompanha cada frasco, tem embaixo da primeira pagina seu nome impresso, e se achará sua firma em manuscripto sobre o involtorio impresso do mesmo frasco.

Vendem-se relogios de ouro, patente inglez, por commodo preço: na rua da Cruz n. 20, casa de L. Leconte Feron & Companhia.

MADAPOLAO' BOM, A 3$200.
Vendem-se peças de madapolão de boa qualidade, com pouca avaria: na rua da Cadeia Velha n. 24, primeiro andar.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem para vender diversas musicas para piano, violão e flauta, como sejam, quadrilhas, valsas, redowas, schotickes, modinhas, tudo modernissimo, chegado do Rio de Janeiro.

Charutos de Havana.
Vendem-se verdadeiros charutos de Havana por preço muito commodo: na rua da Cruz, armazem n. 4.

POTASSA E CAL.
Vende-se potassa da Russia e Americana, superiores, e cal virgem de Lisboa, tudo por preço mais commodo que em outra qualquer parte: na rua do Trapiche n. 15, armazem de Bastos Irmãos.

Com toque de avaria.
Madapolão largo a 3$200 a peça: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

— Vendem-se os bem construidos arreios para carro de um e dous cavallos, chegados ultimamente de França, e por preço muito barato: na rua da Cruz, n. 26, primeiro andar.

— No pateo do Carmo, taberna n. 1, vende-se céra para limas de cheiro, a 960 rs. a libra.

ALMANAK.
Sahio a' lúz a folhinha de algibeira, contendo além do kalendario o regulamento dos emolumentos parochiaes, e o almanak civil, administrativo, commercial, agricola e industrial; augmentado com 500 engenhos, além de outras noticias estatisticas. O acressimo de trabalho e dispendio não permittiram ao edictor vende-lo pelo antigo preço, e sim por 400 rs.; vendendo-se unicamente na livraria n. 6 e 8 da praça da Independencia.

Ao barato.
Na rua do Crespo n. 5, ha um completo sortimento de toalhas e guardanapos do Porto, pelos preços seguintes: guardanapos a 2$600 a duzia, toalhas grandes a 1$500 cada uma, ditas regulares a 3$600, ditas mais pequenas a 3$200.

Vende-se um cavallo mellado de bonita figura, carrega baixo, esquipa e he muito manso, tem arreios e sellim novo: a fallar na praça da Independencia n. 18 e 20.

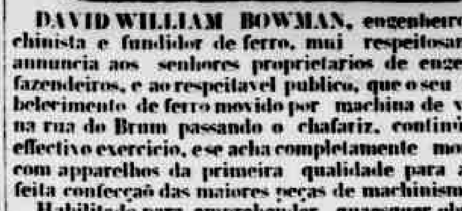
Cheguem a pechincha.
Lenços de cambraia de linho, finos, a 400 e 500 rs., ditos de seda de côr de tres pontas, muito grandes e com franja a 800 rs.: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

PARA A QUARESMA.
Um lindo e variado sortimento de fazendas pretas e de todas as qualidades.
Panno fino preto a 3$000, 3$200, 4$500, 5$500 e 6$000 rs., dito azul a 2$800, 3$200 e 4$000 rs., dito verde a 2$800, 3$600, 4$500 e 5$000 rs. o covado, casemira preta enfestada a 2$800 o corte, dita franceza muito fina e elastica a 7$500, 8$000 e 9$000 rs., setim preto macáo muito superior a 3$200, 4$000 e 5$500 o covado, merinó preto muito bom a 3$200 o covado, sarja preta muito boa a 2$000 rs. o covado, dita hespanhola a 2$600 o covado, véos pretos de filo de linho, lavrados, muito grandes, filó preto lavrado á 480 a vara, e outras muitas fazendas de bom gosto; na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

POTASSA BRASILEIRA.
Vende-se superior potassa, fabricada no Rio de Janeiro, chegada recentemente, recommenda-se aos senhores de engenho os seus bons effeitos ja' experimentados: na rua da Cruz n. 20, armazem de L. Leconte Feron & Companhia.

— Vendem-se cobertores de algodão grandes a 640 rs. e pequenos a 560 rs.: na rua do Crespo numero 12.

— Vendem-se pregos americanos, em barris, proprios, para barricas de assucar, e alvaiade de zinco, superior qualidade, por preços commodos: na rua do Trapiche Novo n. 16.



DAVID WILLIAM BOWMAN, engenheiro machinista e fundidor de ferro, mui respeitosamente annuncia aos senhores proprietarios de engenhos, fazendeiros, e ao respeitavel publico, que o seu estabelecimento de ferro movido por machina de vapor, na rua do Brum passando o chafariz, continúa em effectivo exercicio, e se acha completamente montado com apparelhos da primeira qualidade para a perfeita confecçaõ das maiores peças de machinismo.
Habilitado para emprehender quaesquer obras da sua arte, David William Bowman, deseja mais particularmente chamar a attençaõ publica para as seguintes, por ter dellas grande sortimento ja' prompto, em deposito na mesma fundiçaõ, as quaes construidas em sua fabrica podem competir com as fabricadas em paiz estrangeiro, tanto em preço como em qualidade de materias primas e maõ de obra, a saber:
Machinas de vapor da melhor construçaõ.
Moendas de canna para engenhos de todos os tamanhos, movidas a vapor por agua, ou animaes.
Rodas de agua, moinhos de vento e serras.
Manejos independentes para cavallos.
Rodas dentadas.
Aguilhões, bronzes e chumaceiras.
Cavilhões e parafusos de todos os tamanhos.
Taixas, paroes, crivos e bocas de fornalha.
Moinhos de mandioca, movidos a maõ ou por animaes, e prensas para a dita.
Chapas de fogaõ e fornos de farinha.
Canos de ferro, torneiras de ferro e de bronze.
Bombas para cacimba e de repuxo, movidas a maõ, por animaes ou vento.
Guindastes, guinchos e macacos.
Prensas hydraulicas e de parafuso.
Ferragens para navios, carros e obras publicas.
Columnas, varandas, grades e portões.
Prensas de copiar cartas e sellar.
Camas, carros de maõ e arados de ferro, etc., etc.
Além da superioridade das suas obras, ja' geralmente reconhecida, David William Bowman garante a mais exacta conformidade com os moldes e desenhos remettidos pelos senhores que se dignarem de fazer-lhe encommendas, aproveitando a occasiaõ para agradecer aos seus numerosos amigos e freguezes a preferencia com que tem sido por elles honrado, e assegura-lhes que naõ poupará esforços e diligencias para continuar a merecer a sua confiança.

— Na rua da Cruz n. 15, segundo andar, vendem-se 179 pares de coturnos de couro de lustre, 400 ditos brancos e 50 ditos de botins; tudo por preço commodo.

— Vendem-se pianos fortes de superior qualidade, fabricados pelo melhor autor hamburguez: na rua da Cruz n. 4.

— Na rua do Trapiche n. 14, primeiro andar, vende-se o seguinte:—pasta de lyrio florentino, o melhor artigo que se conhece para limpar os dentes, branquece-os e fortificar as gengivas, deixando bom gosto na bocca e agradavel cheiro;—agua de mel para os cabellos, limpa a caspa, e da-lhe magico lustre; agua de perolas, este magico cosmetico para sarar sardas, rugas, e embellezar o rosto, assim como a tintura imperial do Dr. Brown, esta preparação faz os cabellos ruivos ou brancos, completamente, pretos e macios, sem damno dos mesmos, tudo por preços commodos.

UNICO, E O MAIS EFFICAZ REMEDIO PARA LOMBRIGAS.
Fahnestock's Vermifuge.
Remettido pelo seu proprio autor de New-York, pelo navio americano *Northen Light*: vende-se na botica e armazem de drogas de Vicente José de Brito, rua da Cadeia Velha n. 61.

— Vendem-se lonas, brinzaõ, brins e meias lonas da Russia: no armazem de N. O. Bieber & Companhia, na rua da Cruz n. 4.

Taixas para engenhos.
Na fundiçao' de ferro de D. W. Bowmann, na rua do Brum, passando o chafariz, continua haver um completo sortimento de taixas de ferro fundido e batido de 5 a 8 palmos de bocca, as quaes acham-se a venda, por preço commodo e com promptidao': embarcam-se ou carregam-se em carro sem despeza ao comprador.

Moinhos de vento
com bombas de repuxo para regar hortas e baixas de capim, na fundicaõ de D. W. Bowman: na rua do Brum ns. 6, 8 e 10.

VINHO DO PORTO MUITO FINO.
Vende-se superior vinho do Porto, em barris de 4., 5. e 8.: no armazem da rua do Azeite de Peixe n. 14, ou a tratar no escriptorio de Novaes & Companhia, na rua do Trapiche n. 54.

Aos senhores de engenho.
Cobertores escuros de algodão a 800 rs., ditos muito grandes e encorpados a 1$500: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

— Vende-se farinha de mandioca muito superior, em saccas, e chegada recentemente: no armazem de Machado & Pinheiro, na rua do Amorim n. 54, ou a tratar no escriptorio dos mesmos, na rua do Vigario n. 19, segundo andar.

— Vende-se uma escrava engommadeira e cozinheira: na rua do Aragão n. 35.

COM PEQUENO TOQUE DE AVARIA.
Algodão de sacco, e sieupra muito encorpado a 100, 120, e 140 a jarda: na rua do Crespo loja da esquina que volta para a Cadeia.

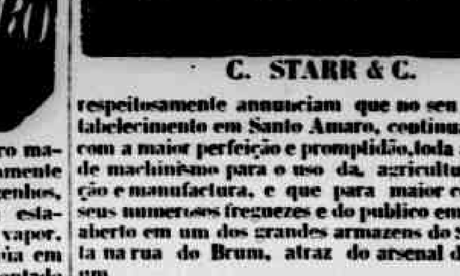
Padaria.
Vende-se uma padaria muito afreguezada: a tratar com Tasso & Irmãos.

Deposito de vinho de champagne Chateau-Ay, primeira qualidade, de propriedade do condi de Mareuil, rua da Cruz do Recife n. 20: este vinho, o melhor de toda a champagne, vende-se a 56$000 rs. cada caixa, acha-se unicamente em casa de L. Lecomte Feron & Companhia. N. B. As caixas são marcadas a fogo — Conde de Mareuil — e os rotulos das garrafas são azues.

Muita attenção.
Cassas de quadros muito largas com 12 jardas a 2$400 a peça, córtes de ganga amarella de quadros muito lindos a 1$500, córtes de vestido de cambraia de côr com 6 1/2 varas, muito larga, a 2$800, ditos com 8 1/2 varas a 3$000 rs., córtes de meia casemira para calça a 3$000 rs., e outras muitas fazendas por preço commodo: na rua do Crespo, loja da esquina que volta para a Cadeia.

— Na rua do Vigario n. 19, primeiro andar, tem á venda a superior flanella para forro de sellins, chegada recentemente da America.

NO ARMAZEM DE C. J. ASTLEY
E COMPANHIA; RUA DO TRAPICHE N. 5,
ha para vender o seguinte:
Balanças decimaes de 600 libras.
Oleo de linhaça em latas de 5 galões.
Champagne, marca A. C.
Oleados para mesas.
Tapetes de lãa para forro de salas.
Copos e calix de vidro ordinario.
Formas de folha de ferro, pintadas, para fabrica de assucar.
Palha da India para empalhar.
Aço de Milão sortido.
Carne de vacca em salmoura.
Lonas da Russia.
Espingardas de caça.
Lazarinas e clavinotes.
Papel de paquete, inglez.
Latão em folha.
Brim de vela, da Russia.
Cabos de linho da Russia, primeira qualidade.
Cemento de Hamburgo (novo).
Relogios de ouro, sabonete, patente inglez.
Graxa ingleza de verniz para arreios.
Arreios para um e dous cavallos, guarnecidos de prata e de latão.
Chicotes e lampeões para carro e cabriolet.
Couros de viado de lustre para cobertas.
Cabeçadas para montaria, para senhora.
Esporas de aço prateado.



C. STARR & C.
respeitosamente annunciam que no seu extenso estabelecimento em Santo Amaro, continua a fabricar com a maior perfeição e promptidão, toda a qualidade de machinismo para o uso da agricultura, navegação e manufactura, e que para maior commodo de seus numerosos freguezes e do publico em geral, tem aberto em um dos grandes armazens do Sr. Mesquita na rua do Brum, atraz do arsenal de marinha, um

DEPOSITO DE MACHINAS
construidas no dito seu estabelecimento.
Alli acharão os compradores um completo sortimento de moendas de canna, com todos os melhoramentos (alguns delles novos e originaes) de que a experiencia de muitos annos tem mostrado a necessidade. Machinas de vapor de baixa e alta pressão, taixas de todo tamanho, tanto batidas como fundidas, carros de mão e ditos para conduzir fôrmas de assucar, machinas para moer mandioca, [illegible] para dito, fornos de ferro batido para farinha, arados de ferro da mais approvada construcção, fundos para alambiques, crivos e portas para fornalhas, e uma infinidade de obras de ferro, que seria enfadonho enumerar. No mesmo deposito existe uma pessoa intelligente e habilitada para receber todas as encommendas, etc., etc., que os annunciantes contando com a capacidade de suas officinas e machinismo, e pericia de seus officiaes, se compromettem a fazer executar, com a maior presteza, perfeição, e exacta conformidade com os modelos ou desenhos, e instrucções que lhe forem fornecidas.

Oleo de linhaça em botijas.
Vende-se na botica de Bartholomeu F. de Souza: na rua larga do Rosario n. 36.

ESCRAVOS FUGIDOS.

— Desappareceu uma preta escrava, de nome Libania, desde o dia 7 do corrente, com os signaes seguintes: altura regular, fula, secca do corpo, beiços grossos, nariz grosso, tem na testa em cima da sobrancelha esquerda uma marca que parece uma empinge, está com o pé direito inchado, e dizem ter ella andado pela rua do Hospicio em companhia de outra de nome Esperança que diz ser sua mãi; levou vestido de chita azul desbotado e panno fino de ourello largo; roga-se as pessoas que a apprehenderem, de a levarem no aterro da Boa-Vista n. 19.

— Desappareceu no dia 11 de janeiro do corrente anno a preta Maria denação, côr preta, baixa, cheia do corpo, uma marca no rosto do lado direito, uma firma de lettra no peito esquerdo, tem o pé esquerdo deitado para dentro, mãos e pés curtos: quem a pegar leve-a a rua do Caldeireiro n.º 86, ou na rua do Crespo n.º 16.

— Ausentou-se no dia 12 do corrente, da fabrica de caldeireiro na rua do Brum n. 28, o preto Manoel, crioulo, official de caldeireiro, representa ter 28 annos, he bastante esperto e muito fallador, manqueja alguma cousa de uma perna proveniente de uma dôr, costuma andar pelas partes de Olinda: roga-se a quem o pegar ou delle der. noticia dirija-se a mesma fabrica que será recompensado.

— Na madrugada de 13 do corrente desappareceu da casa de seu senhor o major Antonio da Silva Gusmão, a escrava, crioula, Joaquina, baixa, secca, côr fula, rosto secco, pés seccos e um pouco feios, pelas cabeças dos dedos serem grandes; levou dous vestidos, um de cassa verde e outro de chita azul clara, sapatos de couro de lustre, lenço de seda azul com flores, e uma imagem da Senhora da Conceição; roga-se as autoridades policiaes e capitães de campo, que apprehendam-na e levem a rua Imperial n. 61, ou no caes do Ramos, becco do Carioca.

— Desappareceu no dia 6 do corrente pelas 8 horas da manhãa, a preta Lourença, de idade 35 annos, pouco mais ou menos, com os signaes seguintes: alta, magra, tem umas marcas nos peitos e nas pernas, como que fosse de queimadura: levou panno da Costa e vestido de chita, e mais uma trouxa de roupa: pede-se as autoridades policiaes, capitães de campo e mais pessoas, que apprehendendo-a levem-na á praça do Corpo Santo n. 17, que será generosamente recompensado.

— No dia 6 de dezembro de 1853, fugio um escravo cabra, de nome Manoel, com 40 annos de idade, pouco mais ou menos, o qual tem os signaes seguintes: coxea um pouco de uma perna, e he alguma cousa corcovado; tem falta de cabello, causada pela continuação de carregar pesos; apresenta uma cicatriz em uma das côxas; falla muito: toca viola; e levou tres camisas novas d'algodão cru branco; tres calças de algodãozinho azul tambem novas, uma de duraque preto, uma branca, e uma de riscadinho; 3 jaquetas, sendo d'ua parda, uma de chita preta, e uma de riscadinho azul; uma camizola preta, de lãa, com listas verdes e encarnadas; um par de sapatos, um par d'alparcatas e uma rêde. Este escravo foi de Antonio Henriques de Almeida, do Icó, o pertence actualmente ao abaixo assignado, que recompensará com cem mil réis a quem o agarrar e o conduzir a sua loja na rua da cadeia do Recife n. 5. *Antonio Bernardo Vaz de Carvalho.*

— Desappareceu no dia 28 de janeiro proximo passado a noite, da cidade da Parahiba do Norte, o escravo, cabra, de nome Trajano, escravo de Manoel Marques Camacho, negociante daquella praça, e morador na mesma cidade; representa ter 20 a 22 annos de idade, estatura mediana, côr de mulato escuro, secco e esbelto do corpo, olhos grandes e expressivos, labios grossos, não dobrados, dentes alvos e regulares, tegrista e dado a valente, levou japona chapéo de couro e um surrão com alguma roupa; he de suppôr que viesse para esta provincia de Pernambuco; quem o pegar ou dér noticia nesta cidade de Olinda, a Caetano Alves de Souza Filgueiras, ou na dita cidade da Parahiba, rua do Varadouro, será bem recompensado.

— Na loja de 6 portas, em frente da igreja do Livramento, vendem-se chitas francezas de cores escuras a 240 rs. o covado, cortes de cambraia com barra a 2$500 e 2$800, ditos de cassa chita com 6 1/2 varas a 1$880, lenços de cambraia brancos, ditos com barra de cores a 160, chitas com muito bom panno a 160 e 150 o covado, ganga amarella de quadros muito fina a 280 rs. o covado, cortes de casemira escura a 5$000 rs., alpaca de cores a 240 o covado.

Pern.:—Typ. de M. F. de Faria.—1854.

MUTILADO